

MARCOS ROBERTO VIEIRA GARCIA

**INICIAÇÃO SEXUAL ENTRE AS
ADOLESCENTES BRASILEIRAS: UM
ESTUDO DE CARTAS ENVIADAS A
REVISTAS FEMININAS**

*Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São
Paulo, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em
Psicologia*

São Paulo

2000

MARCOS ROBERTO VIEIRA GARCIA

**INICIAÇÃO SEXUAL ENTRE AS
ADOLESCENTES BRASILEIRAS: UM
ESTUDO DE CARTAS ENVIADAS A
REVISTAS FEMININAS**

VOLUME 1

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientadora: Profa. Yvette Piha Lehman

São Paulo

2000

**INICIAÇÃO SEXUAL ENTRE AS ADOLESCENTES
BRASILEIRAS: UM ESTUDO DE CARTAS ENVIADAS
A REVISTAS FEMININAS**

MARCOS ROBERTO VIEIRA GARCIA

BANCA EXAMINADORA

(Nome e assinatura)

(Nome e assinatura)

(Nome e assinatura)

Dissertação defendida e aprovada em: ___/___/___

Para Andrea
e Ananda, por
todos os momentos
juntos vividos.

Agradecimentos

À Profa. Yvette Piha Lehman pelas elucidativas discussões a respeito dos temas desse trabalho

Aos Professores Sérgio Adorno de Abreu e João Augusto Frayze Pereira, pelas sugestões apresentadas no exame de qualificação

Ao Prof. Márcio Alves Fonseca, pela ajuda acima de tudo generosa nos comentários e indicações bibliográficas

À Simone, da Capricho, Cristina e Dani, da Carícia, responsáveis pelas seções de cartas destas revistas, pela ajuda prestada na coleta das cartas.

À Lana e Mônica Figueiredo, diretoras de redação das revistas Carícia e Capricho, respectivamente, pela liberação das cartas para esse estudo

À Lilian, pela paciente digitação das cartas.

À todos os amigos e familiares pelo incentivo

“Eles também achavam que os outros queriam caçá-los não para o sexo, mas para a normalidade”.

(Clarice Lispector, no conto “A Mensagem”, a respeito do encontro entre dois jovens).

“Inclusive os adolescentes, que eram de rosto puro, à medida que iam vivendo fabricavam a própria máscara. E com muita dor.”

(Clarice Lispector, em “Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres”)

SUMÁRIO

	1
1 - INTRODUÇÃO	
1.1 - O discurso sobre si: o estudo das cartas	4
1.2 -A constituição do sujeito moderno segundo Foucault	9
1.2.1 - Considerações Iniciais	9
1.2.2 - O poder na obra de Foucault	11
1.2.3 - O bio-poder	14
1.2.4 - O corpo dócil e o poder da norma	15
1.2.5 - A Vontade de Saber	18
1.2.6 - A Psicanálise	24
1.3 - A relação ética do indivíduo consigo mesmo	28
1.3.1 - Considerações Iniciais	28
1.3.2 - O Uso dos Prazeres	29
1.3.3 - O Cuidado de Si	33
1.3.4 - As Confissões da Carne	34
1.3.5 - A escrita sobre si	37
1.3.6 - A constituição de si cristã e entre os estóicos	39
1.3.7 - Possibilidades da constituição ética de si na atualidade	42
1.4 - Adolescência e Psicanálise	50
1.4.1 - A Adolescência como problema	50
1.4.2 - A Adolescência para a Psicanálise	52
1.4.3 - Identidade	55
1.4.4 - Identificação	57
1.4.5 - A elaboração dos vínculos infantis	59
1.4.6 - O Corpo	62
1.4.7 - Sexualidade	63
1.4.8 - O Tempo	64
1.4.9 - Aspectos cognitivos	66
1.5 - Sexualidade e adolescência no Brasil	68
1.5.1 - A cultura sexual brasileira	69
1.5.2 - Sexo na adolescência	71
1.5.3 - Adolescência, Sexualidade e Culpa	74

2 - OBJETIVO	77
3 - MÉTODO	78
3.1 - Origem das cartas e idade das remetentes	79
3.2 - Sobre a escolha do método	81
3.3 - As revistas para adolescentes	82
4 - ANÁLISE QUALITATIVA	85
4.1 - A estrutura das cartas	85
4.1.1 - Estabelecimento do contato	86
4.1.2 - Comentários gerais a respeito da revista	88
4.1.3 - A negociação do segredo	89
4.1.4 - Os motivos de se escrever	91
4.2 - A Iniciação Sexual	100
4.2.1 - O status da virgindade	100
4.2.2 - O desejo como algo irresistível e perigoso	102
4.2.3 - A necessidade de estar preparada	103
4.2.4 - Estar amando o homem “certo”	104
4.2.5 - Desejo e Iniciativa	106
4.2.6 - Promiscuidade	110
4.2.7 - Medo do abandono	112
4.2.8 - Dor e sangramento	114
4.2.9 - Medo da gravidez	116
4.2.10 - Uso do preservativo	118
4.2.11 - Homens	119
4.2.12 - Prazer e orgasmo	120
4.2.13 - Relação com o próprio corpo	125
4.2.14 - Frustrações	127
4.2.15 - Relação com os pais	130
4.2.16 - Relação com os amigos	133
5 - CONCLUSÃO	136
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	142

RESUMO

Garcia, Marcos Roberto Vieira. *Iniciação sexual entre as adolescentes brasileiras: um estudo de cartas enviadas a revistas femininas*. São Paulo, 2000, 148p. (mais adendo: 103 p.). Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

O presente trabalho teve como objetivo analisar a maneira pela qual as adolescentes brasileiras vivenciam a iniciação sexual. A metodologia escolhida foi a da análise qualitativa das cartas enviadas a revistas voltadas ao público feminino adolescente. Foram selecionadas 120 cartas de diversos Estados brasileiros endereçadas às revistas *Capricho* e *Carícia*, ambas da editora Abril. A maior parte das cartas e do conteúdo das mesmas revelou a presença de um discurso do tipo confessional, conforme a caracterização feita por Michel Foucault a respeito deste. Embora a valorização da virgindade seja minoritária entre as adolescentes da pesquisa, observou-se que elas continuam a julgar a própria sexualidade a partir de um código de regras específico. Tal código implica em um controle intenso sobre o próprio desejo e em um estabelecimento de limites rígidos em relação à atividade sexual, havendo pouco espaço para se experimentar o prazer relativo a essa atividade. Por outro lado observou-se em algumas cartas um movimento de resistência a esse ideal de normalidade. Tais cartas mostram uma defesa de maior liberdade sexual e uma maior aceitação do próprio desejo sexual por parte das adolescentes, que passam a se permitir a iniciativa frente ao relacionamento sexual, além de haver um maior espaço para a experiência de prazer neste relacionamento. A possibilidade do exercício da ética na relação da adolescente consigo mesma traz consequências importantes para se pensar o campo da orientação sexual.

ABSTRACT

Garcia, Marcos Roberto Vieira. *Sexual initiation among brazilian adolescents: a study from letters sent to feminine magazines*. São Paulo, 2000, 148p. (plus addendum: 103 p.). Master Thesis. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

This work has the aim to analyze how female brazilian adolescents deal with their sexual initiation. The method chosen was qualitative analysis from letters sent to magazines directed to teenagers: 120 letters from several brazilian states were chosen.. Most of the letters and of their content revealed the presence of a confessional type of discourse, in the sense defined by Michel Foucault. The letters showed that although the majority of the adolescents give few value to virginity, they still judge their own sexuality by a specific code of rules. Such code consists of an intense control over desire and in rigid limitation of sexual activity, having few space left for the experience of pleasure in this activity. Nevertheless, some letters show a movement of resistance to this ideal of normality. In such letters we can see more space left for pleasure, defense of sexual liberty and acceptance of their own sexual desire by these adolescents. The possible presence of ethics in the relationship of the adolescent with herself brings important consequences to the field of sexual orientation.

1 - INTRODUÇÃO

A inspiração inicial desse estudo surgiu a partir do trabalho clínico e educativo voltado a adolescentes na Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, junto ao Centro de Referência e Treinamento DST/AIDS e posteriormente junto ao Ambulatório de Saúde Mental do Bom Retiro. Nas várias atividades realizadas, seja de psicoterapia, de confecção de cartilhas e outros materiais educativos, seja de intervenção educativa em escolas, pude sempre notar uma certa preocupação entre os técnicos e entre os próprios adolescentes pela busca de uma forma certa, melhor ou mais correta, de se falar e de se lidar com a sexualidade. Obviamente havia sempre uma preocupação em se ter uma visão “aberta”, se afastando de uma visão tradicional da sexualidade baseada em valores morais rígidos. Todavia, pude observar que muitas discussões denotavam uma certa tentativa de se fundar ou afirmar novos valores que definiriam uma sexualidade sadia. Pensei inicialmente então em pesquisar a adolescência em relação às normas sociais, especialmente as sexuais, em nossa sociedade, e o conseqüente fenômeno da transgressão a essas normas. Observei em vários momentos que embora a transgressão fosse até certo ponto elogiável entre técnicos e adolescentes quando se referia a normas sexuais “tradicionais”, ela assumia uma conotação negativa quando se referia a normas “modernas”, como na negação da necessidade do sexo seguro.

Ainda no início de meus estudos, surgiu a idéia de utilização de escritos de adolescentes (diários ou cartas) para a realização da pesquisa. Em visitas a redações de revistas para adolescentes pude constatar que a sexualidade era um elemento muito comum nas cartas a elas enviadas. Esse material chamou minha atenção pelo conteúdo riquíssimo e pela espontaneidade dos relatos, espontaneidade esta difícil de ser obtida por outros métodos de pesquisa, como a utilização de questionários ou entrevistas dirigidas. Após a autorização das diretoras de duas revistas utilizadas nesse estudo (Capricho e Carícia), foi iniciada a coleta de dados. Entre os diversos assuntos tratados pelas adolescentes, chamou-me a atenção o voltado à virgindade e iniciação sexual, tanto pela quantidade de material como pelo fato que me permitiria um inte-

ressante estudo a respeito da relação da adolescente com as normas sociais voltadas à sexualidade, no caso relativas ao exercício pleno da sexualidade nesse momento de vida. A coleta de cartas voltou-se então prioritariamente a essa temática. Como pode ser observado houve uma alteração dos moldes acadêmicos tradicionais: a coleta de dados começou a ser feita antes da escolha de um referencial teórico para a análise e de haver uma definição clara dos objetivos da pesquisa.

A escolha do referencial teórico teve início com a tentativa de responder a uma questão: a do porquê essas adolescentes escreviam às revistas para contar coisas que diziam respeito a aspectos íntimos de sua vida privada. Penso que a análise do conteúdo das cartas seria insuficiente se não respondesse plenamente a essa questão e ficou claro desde o início que os motivos não eram somente os que poderiam ser primeiramente por nós imaginados: o de esclarecer dúvidas, o de “desabafar” a respeito de experiências negativas, a necessidade de aliviar a culpa por algum ato realizado, etc. Foi nesse momento que a leitura de “Vontade de Saber”, de Michel Foucault, forneceu idéias para se pensar a referida questão, quando esse autor diz da compulsão em se falar de sexo na sociedade atual. O prosseguimento da leitura de algumas obras do mesmo autor fez com que se ampliasse meu interesse pelo estudo desse “dizer sobre si mesmo”, que assume diversas formas no decorrer da história da sociedade ocidental, entre as quais a confissão. A obra de Foucault permite além disso uma interessante relação, que veremos mais adiante, entre esse dizer sobre si e a questão do indivíduo enquanto alguém assujeitado ou desviante em relação aos códigos normativos, justamente um dos interesses iniciais no desenvolvimento desse trabalho. Há então a preocupação nesse estudo de analisar não só o que as adolescentes escrevem mas também os motivos pelos quais escrevem às revistas, temas indissociáveis como veremos mais à frente. Outras questões além dessa serão discutidas, como as relacionadas à adolescência enquanto fenômeno histórico, ao lugar ocupado pela Psicanálise da Adolescência e seus desenvolvimentos teóricos, e às singularidades da sexualidade e da adolescência no Brasil.

A revisão bibliográfica constará então das seguintes partes :

- Considerações a respeito da escrita sobre si e da utilização da correspondência como objeto de estudo.
- A constituição do sujeito moderno para Foucault, a partir da tecnologia disciplinar e do dispositivo da sexualidade.

- As formas históricas da relação ética do indivíduo consigo mesmo para Foucault e a possibilidade contemporânea dessa relação ética.
- A adolescência enquanto fenômeno histórico e as teorias psicanalíticas voltadas a essa fase de vida.
- A especificidade da história da sexualidade e da adolescência no Brasil.

Cabe ressaltar que a sexualidade na adolescência tem sido um tema bastante estudado no Brasil, principalmente em função de suas possíveis intercorrências, como a possibilidade de gravidez precoce ou a contaminação pelo HIV. Embora esse estudo não tenha como objetivo propor programas de orientação sexual mais adequados para se lidar com essas intercorrências, pode certamente trazer subsídios para se pensar esta e outras questões relacionadas à sexualidade na adolescência no Brasil.

1.1 - O DISCURSO SOBRE SI: O ESTUDO DAS CARTAS

Pode-se pensar em uma série de formas através das quais o indivíduo elabora um discurso sobre si mesmo, sejam elas formas orais (confissão religiosa, discurso psicanalítico, etc.) ou escritas (diários íntimos, cartas e autobiografia). Muitas dessas formas envolvem a elaboração do indivíduo sobre eventos ocorridos e a tentativa de dar a eles um significado. Contudo, há especificidades conforme variáveis históricas e geográficas. Algumas dessas formas de expressão a respeito de si mesmo citadas vão ser aqui discutidas dentro desse contexto.

O diários e as cartas sempre foram de grande utilização pelos indivíduos em diversos momentos da História Ocidental. Sua utilização como fonte de estudo primeiramente foi voltada para o conhecimento e análise de personalidades históricas, literárias e artísticas. A partir do desenvolvimento da História das Mentalidades, contudo, passou-se a utilizá-los mais freqüentemente como fonte para conhecimento do cotidiano das sociedades. Michelle Perrot (1993, p. 166) observa que na sociedade européia do século XIX os diários de adolescentes do sexo masculino eram um dos recursos dos quais os mesmos se utilizavam como forma de apropriação do espaço interior, em um momento de fuga da vigilância constante de pais e educadores, principalmente nos internatos. O diário surge também para dar forma a ambições literárias femininas quase impossíveis de se realizarem na sociedade da época, uma vez que praticamente só se admitiam escritores do sexo masculino. Ao mesmo tempo, a disseminação da prática de manter um diário íntimo é, para Corbin (1993), um resultado da proliferação de regulamentos a respeito da forma como os indivíduos devem agir, nesse mesmo período histórico, sendo o diário o substituo laico da confissão religiosa: *“a escritura permite a análise da culpabilidade íntima, registra tanto os fracassos da sexualidade como o sufocante sentimento da incapacidade de agir; repisa as soluções concretas”* (p. 457). Outro fator que para esse autor contribui para essa disseminação é o sentimento de insegurança gerado pela mobilidade social, o que leva os autores de diários a constantemente se indagar sobre sua posição e sobre o julgamento dos outros. Podemos ver que a prática do diário surge assim ao mesmo tempo como afirmação da mentalidade da época e como refúgio contra limi-

tações sociais reinantes. O que une tais funções entretanto é o caráter privado de sua prática, que se manifesta no segredo, na tentativa de se esconder o escrito, muitas vezes codificando-se as mensagens.

As cartas confidenciais, de trocas de experiências íntimas, também se tornaram muito comuns entre os jovens na Europa burguesa do século XIX, fruto do isolamento imposto a estes pelos pais, no intuito de afastá-los da convivência popular e mundana, como mostra Corbin (1993, p. 513). Frente a essas proibições surge a figura do amigo íntimo, sempre do mesmo sexo, fruto de relações muitas vezes formadas em internatos e que permanecem mais tarde através da correspondência. Tais cartas também são entremeadas de segredos, principalmente relacionados a assuntos afetivos e sexuais.

Em relação ao mundo contemporâneo, o segredo pode ser encarado, para Vincent (1992) como um fio condutor que nos permite elaborar hipóteses a respeito da vida privada. Esse mesmo autor observa que as normas jurídicas provocaram uma retração nas fronteiras do privado, ao se apropriarem do casamento, do divórcio, do enterro, etc. (p. 179). O segredo é a última fronteira, a partir da qual a vida pública não pode penetrar, tendo na intimidade seu lugar de excelência. O segredo envolve também três temas principais: o saber (que refere-se principalmente a fatos ocorridos, desejos e pensamentos), a dissimulação desse saber (que pode se dar pela recusa da comunicação o silêncio ou a mentira) e a relação com o outro que se organiza a partir dessa dissimulação, o que pode gerar um exercício de poder sobre o outro (p. 180). Há então um duplo aspecto no segredo: a necessidade de guardá-lo e de partilhá-lo. É preciso guardá-lo porque constitui o último fronteira do privado, ou seja, a intimidade que reluta em se tornar pública, e porque quem “possui” o segredo detém o poder sobre quem não o tem. Por outro lado há a necessidade do alívio ao contá-lo, uma vez que o segredo pode se tornar insuportável para quem o “possui”. Partilhar um segredo é assim “*escapar ao inferno da solidão*” (p. 183). Para Vincent (1992, p. 184), a necessidade de confidenciar mostra que as relações intersubjetivas continuam bloqueadas e que a liberação sexual não promoveu a liberação da palavra: o ouvinte anônimo é o substituto do padre no confessional. Alois Hahn (1986) ao analisar as técnicas de autocontrole nos séculos XVII, XVIII e XIX, nota que a característica essencial delas, entre elas a confissão, não é a ocultação de si, mas um movimento dosado de esconder e mostrar. A confissão combina sob uma tensão estável e de forma sistemática o segredo e a revelação de si, delineando um território de interiori-

dade. Podemos notar nessas observações a aproximação que se estabelece então entre o discurso confidencial das cartas e diários e o discurso confessional, aproximação essa à qual voltaremos posteriormente.

Souza (1997), em trabalho que analisa cartas enviadas a uma organização de ativistas pela afirmação das identidades homossexuais no Brasil, considera que a escrita de uma carta pessoal segue uma regra fundamental do regime confidencial, no qual “*o remetente revela-se sem se expor publicamente*” (p. 69). Há, assim, em seu estudo, uma vinculação entre os aspectos público e privado da sexualidade: o indivíduo ao mandar uma carta negocia o segredo, assumindo sua sexualidade, desde que de forma sigilosa. O duplo aspecto da escrita sobre si presente nas cartas e diários íntimos mostrado anteriormente, ou seja, o da exposição de forma velada do que não deve ser exposto, num movimento que contraria as normas sociais vigentes, e o de adequação a essas mesmas normas sob a forma de um auto-adestramento são observados também por Souza (1997), trabalho ao qual voltaremos mais adiante.

Em relação à Psicanálise da Adolescência, Bernfeld foi pioneiro do uso de diários de adolescentes como fonte de estudo e pesquisa. (Blos, 1962). Considerava os diários como representações deformadas da mesma forma que os sonhos e fantasias, sendo úteis para proporcionar conhecimentos sobre os sentimentos manifestos, desejos e experiências do adolescente. Para Blos (1962) os diários oferecem dados para a verificação de seqüências típicas que permitem o entendimento mais detalhado da adolescência. A adolescente, para este autor, partilha com seu diário os seus segredos como se este fosse um confidente íntimo e a necessidade de se utilizar do diário é tanto maior quanto menor a possibilidade que a adolescente tem de partilhar suas vivências emocionais com o ambiente. O diário vai ocupar esse lugar de confidente, numa posição intermediária entre o mundo da fantasia e a realidade, colocando-se a serviço dos processos identificatórios, idéia à qual voltaremos no capítulo a respeito da Psicanálise da Adolescência. O lugar do “outro” ocupado pelo diário é assim um lugar imaginário, de um “amigo invisível”, como fica claro no fato bastante comum entre os adolescentes de nomear o diário com um nome de pessoa.

Alguns autores enfatizam o caráter de construção de si presentes em gêneros como a autobiografia ou o relato memorialístico. Bruner e Weisser (1995) consideram a reconstrução da memória presente nas autobiografias como um exercício que pode ajudar o indivíduo a *se libertar de modelos estabelecidos de responder e orga-*

nizar respostas ao futuro (p. 149). Através da textualização da própria vida, há a colocação dos eventos significativos sob uma perspectiva diferente, através da criação de novos esquemas de interpretação, alterando-se os elementos da memória episódica. Há, assim, uma reinvenção do ser através da mudança do modo como se conhece o mundo e a si mesmo. Marina Maluf (1995), analisando o gênero memorialístico, vê nesse gênero uma tentativa de organizar um tempo sentido e vivido no passado, havendo uma acomodação do aglomerado de imagens guardadas a partir de uma perspectiva presente. Há, assim, *uma “elaboração de um novo ponto de vista ou perspectiva em relação ao passado, que reconstrói a vivência primeira e todavia não coincide com ele”* (p. 31). Paralelamente à ressignificação das experiências vividas, esse gênero de escrita vai ter também uma função catártica em relação aos sentimentos passados.

É importante diferenciar aqui as formas escritas do discurso sobre si segundo a maneira através da qual se dá a “abertura” ao mundo mencionada: enquanto o diário é usualmente dirigido a um outro imaginário e a autobiografia visa uma abertura ampla ao mundo, a carta pessoal envolve o contato com o mundo mediado por um interlocutor, semelhante ao discurso confessional. Essa semelhança não é exata, contudo, devido à objetificação do eu que se dá no ato de escrever, que ocorre de maneira mais intensa na escrita que no discurso oral. Da mesma forma, o fator tempo traça um diferencial entre algumas destas formas. As vivências referidas em cartas e diários são em sua maioria recentes, não parecendo existir a princípio uma necessidade de rememoração sobre o acontecido de forma semelhante ao que ocorre nas autobiografias. A possibilidade de rever o acontecido sob uma perspectiva diferente, porém, é semelhante nesses gêneros, o que mostra a possibilidade inicialmente levantada de serem todos eles, a correspondência inclusive, um exercício de (re)construção de si.

Nos próximos capítulos iremos nos utilizar também das idéias de Foucault a respeito da escrita sobre si e das formas que esta pode assumir, enquanto uma decifração de si (presente nas anotações monásticas, derivadas da prática confessional), como uma abertura de si mesmo ao outro ou ainda como um exercício de constituição de si a partir da reunião de experiências fragmentárias. Para desenvolvermos essas idéias, no entanto, é necessária uma longa introdução ao pensamento desse autor, que faremos nos próximos capítulos.

Cabe ressaltar aqui que a análise de cartas, embora ainda pouco utilizada, é

um recurso bastante justificável no trato com adolescentes. Debesse (1969) coloca a correspondência juvenil dentro da categoria que ele denomina “Confidências juvenis espontâneas”, ao lado das confissões juvenis, dos diários íntimos e das obras escritas por jovens, quando trata das metodologias adequadas ao estudo dessa fase de vida. Esse recurso revela-se superior a outros, como, por exemplo, a utilização de questionários, que envolve algumas complicações, como a deformação da expressão do adolescente, a impossibilidade de captar contradições e variações de humor, a impossibilidade de caracterização de subgrupos, etc. (p. 99 e 100). As cartas constituem documentos de introspecção espontânea que podem servir a uma metodologia que escape a essas limitações (p. 72).

1.2 - A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO MODERNO SEGUNDO FOUCAULT

Nesse capítulo, após algumas considerações iniciais, trataremos das análises de Foucault a respeito do poder, das tecnologias disciplinares e do que ele vai denominar dispositivo da sexualidade, pensando a forma como se dá a constituição do indivíduo moderno, com uma conduta pautada por uma moralidade subjacente.

1.2.1 - Considerações Iniciais

A obra de Foucault sempre gera desdobramentos, pois muitos dos temas tratados estão dispersos por várias obras e estão intimamente relacionados entre si (como, por exemplo, os do sujeito, do poder e da verdade). Além dessa dificuldade, há outras três, a meu ver, que merecem ser consideradas:

1) A constante redefinição de temas e objetivos. Em *A ordem do discurso* (1971) aula inaugural dedicada à análise da produção dos discursos em uma sociedade, Foucault cita, entre os diversos procedimentos utilizados para se dominar a aleatoriedade intrínseca a um discurso, aqueles que teriam como objetivo evitar o aparecimento do acaso. Entre eles estão o *comentário*, que não significa uma “abertura” do discurso, ao evocar a possibilidade de se falar sobre um texto, mas sim uma confirmação do mesmo, pelo contínuo dizer do que nele estava silenciosamente articulado, limitando o aparecimento do acaso pela repetição. Outro procedimento é o da *autoria*, sendo o autor para Foucault o princípio de agrupamento do discurso, o foco de sua coerência, e não o indivíduo que pronunciou ou escreveu um texto. Ao se atribuir um autor, personaliza-se o discurso, dando a ele uma identidade e coerência e evitando o surgimento do acaso. Finalmente, a *divisão em disciplinas*, que se definem por estabelecer objetos, métodos e proposições tidos como verdadeiros, repelindo para fora de suas margens o saber que não se enquadra a elas. Ao considerarmos os procedimentos em questão, podemos pensar na forma que Foucault preconizaria para a análise de seus próprios textos: não há a intenção de uma coerência absoluta entre diferentes

textos e diferentes momentos históricos de sua obra e não há o desejo de construir uma organização interna às suas teorias de forma semelhante a uma disciplina.

2) Outra complicação é a interligação entre os eixos temáticos trabalhados por Foucault. Não há, por exemplo, como se falar da produção de saber em uma sociedade, sem se referir aos dispositivos de poder em jogo, que por sua vez agem sobre os indivíduos, tornando-os “prisioneiros” desse dispositivo. Devido a tal fato, qualquer exposição da obra torna-se ou demasiado extensa ou um tanto incompleta. Esse trabalho, por não ter como objetivo último a exposição filosófica de suas idéias e sim a utilização das mesma como um referencial para posterior análise dos dados provavelmente tenderá a incorrer no segundo problema, apresentando inevitavelmente, então, algumas incompletudes.

3) A última complicação que é importante considerar aqui e que aparece principalmente nas últimas obras (em especial nos volumes da “História da Sexualidade”) é a inexistência de uma seqüência histórica nos estudos: Foucault começa pela descrição da sexualidade na Idade Moderna, para a seguir partir para a descrição da forma como os indivíduos lidavam consigo mesmos na Grécia e em Roma, tendo nesse entre-tempo ministrado cursos e palestras referentes ao tema enfocando o Cristianismo primitivo. Em nossa descrição, realizaremos um percurso próprio (outros seriam certamente possíveis), onde serão ressaltados os temas que servirão de referencial para as análises posteriores.

Utilizaremos abreviaturas para as obras de Foucault que serão mais citadas, como forma de facilitar a leitura:

VP: “*Vigiar e Punir*” - 1ª edição francesa: 1975

DS: “*Em Defesa da Sociedade*” - curso ministrado em francês em 1976

VS: “*História da Sexualidade I: A vontade de saber*” - 1ª edição francesa: 1976

HL: “*Howison Lectures*” - conferências ministradas em 1980

TS: “*Technologies of the Self*” - curso ministrado em inglês em 1982

ES: “*A escrita sobre si*” - artigo publicado pela 1ª vez em 1983

UP: “*História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*” - 1ª edição francesa: 1984

CS: *“História da Sexualidade III: O cuidado de si”* - 1ª edição francesa: 1984

As citações das demais obras seguirão o critério padrão.

1.2.2 - O poder na obra de Foucault

A temática do poder aparece de forma mais explícita nos escritos de Foucault a partir da segunda metade da década de 70, com os livros “Vigiar e Punir” e “Vontade de Saber”, além de várias aulas e seminários, momento em que suas idéias sobre o tema vão ganhar notoriedade e inúmeras críticas. Convém falar entretanto mais numa “análise do poder” do que numa teoria do poder em Foucault, visto não haver uma teoria globalizante sobre o mesmo em sua obra. Poderíamos dizer até mesmo que a própria anteposição de um artigo definido seria algo que subverteria o sentido proposto por Foucault ao poder, uma vez que este artigo acabaria por materializar o poder enquanto uma unidade, erro que entretanto nossa língua não nos permite deixar de cometer.

As considerações de Foucault a respeito do poder se fazem em permanente diálogo com as teorias existentes sobre o mesmo tema nas Ciências Humanas, em especial à de Marx e de Althusser, principal teórico marxista da França na época. Utilizaremos aqui para iniciar a exposição os postulados propostos por Deleuze (1988), a partir das idéias dos dois livros de Foucault citados anteriormente, postulados que reproduzem o diálogo com a concepção marxista de poder:

- Postulado da propriedade: o poder para Foucault não é uma propriedade e nem uma conquista de uma determinada classe social, mas sim uma estratégia, algo que se exerce mais do que se possui (o que não nega a existência de classes sociais, mas que pressupõe uma maior instabilidade da relação de forças entre essas)
- Postulado da localização: para Foucault não é o Estado e seus aparelhos a “fonte” de onde emana o poder. O Estado seria antes uma resultante de inúmeras engrenagens e focos que vão constituir uma “microfísica do poder” e que se caracterizam por serem difusas e não-localizáveis.
- Postulado da subordinação: o poder não está subordinado a um modo de produção, havendo ao contrário uma imanência de seu campo. Não há, pois, uma determinação

econômica em última instância.

- Postulado da essência ou do atributo: enquanto para a teoria marxista o poder teria uma essência e seria um atributo, que qualificariam os que o possuem, distinguindo-os daqueles sobre os quais o poder é exercido, Foucault vai propor o poder como operatório, não tendo assim uma “essência”, e como resultado de um conjunto das relações de forças, não sendo assim um atributo, uma vez que passa tanto pelas forças dominadas como pelas dominantes, ambas constituindo singularidades.

- Postulado da modalidade: para os marxistas o poder agiria por violência, repressão, ou por ideologia, ilusão, propaganda. Foucault critica o conceito marxista de ideologia por este pressupor uma relação de exterioridade entre poder e verdade: a ideologia é um mascaramento da verdade, ou seja, o poder acaba sendo algo que impede ao ser humano o contato com essa verdade. Para ele essa relação do poder com a verdade e com o saber se dá de forma diferente: o poder produz verdade, antes de a abstrair ou a mascarar. Essa é uma idéia bastante original da obra de Foucault, que será objeto de consideração mais adiante

Além destes “anti-postulados” propostos por Deleuze, é importante considerarmos aqui a noção foucaultiana de resistência, tópico importantíssimo para a discussão posterior a respeito da possibilidade da relação ética do indivíduo consigo mesmo. Foucault vai afirmar em “Vontade de Saber” que *“onde há poder, há resistência”*, não existindo, então, uma relação de exterioridade entre ambos. As características da resistência seriam as do próprio poder: não há uma essência, um foco único, mas sim uma manifestação da mesma sob a forma de uma multiplicidade de pontos presentes em toda a rede de poder, o que torna mais apropriado o referir-se à resistência sempre a partir de seu plural. Observa também que as resistências não configuram um reverso passivo à dominação, que teriam a derrota como única possibilidade: há a possibilidade de sua disseminação no tempo e espaço formar uma densidade tal que possibilite rupturas radicais. No texto “Sujeito e Poder” (1983b), fica mais clara a maneira como operam as resistências a partir dos exemplos trazidos pelo próprio Foucault, a respeito de uma série de lutas ou oposições que se desenvolveram mais recentemente: *“oposição do poder dos homens sobre as mulheres, dos pais sobre os filhos, do psiquiatra sobre o doente mental, da medicina sobre a população, da administração sobre o modo de vida das pessoas”* (1983b, p. 234). Foucault vai relacionar pontos que estas lutas tem em comum:

- são lutas transversais, não estando limitadas a um país e nem confinadas a uma forma particular de governo
- o objetivo destas lutas são os efeitos gerais do poder, e não somente o caráter mercantilista de tais práticas.
- são lutas que não objetivam a revolução ou o combate a um inimigo maior, mas sim a crítica às instâncias de poder que lhes estão mais próximas
- são lutas que questionam o estatuto do indivíduo, por um lado enfatizando seu direito à diferença e à individualidade e por outro questionando os mecanismos que levam o indivíduo ao rompimento de sua relação com os outros, tornando-o voltado para si mesmo, ligado à sua própria identidade de modo coercitivo.
- são lutas contra determinados tipos de saberes relacionados a dispositivos de poder, os quais se manifestam sob a forma da competência e qualificação, havendo um questionamento sobre a maneira pela qual estes saberes circulam e sobre suas interfaces com o poder.
- são uma recusa a abstrações que ignoram a individualidade e a investigações científicas e administrativas que acabam por estabelecer um lugar pré-determinado a essa individualidade na tentativa de enclausurá-la.

1.2.3 - O bio-poder

Foucault vai desenvolver o conceito de bio-poder em seu curso “Em Defesa da Sociedade” e em “A Vontade de Saber”, chamando por esse nome a forma que o poder assume a partir de meados do século XVIII. Para mostrar as transformações que o poder sofre nessa época, parte da teoria clássica da soberania, segundo a qual o soberano tem o direito de vida e morte sobre seus súditos. Foucault faz um adendo a essa teoria, mostrando que a essência do poder do soberano de fato é o de matar, descrevendo esse poder então como o de fazer morrer e de deixar viver. A melhoria relativa das condições de vida contudo afastou o homem da iminência da morte: o homem aprendeu pouco a pouco que *é uma espécie viva num mundo vivo, que tem um corpo, condições de existência, probabilidade de vida, saúde individual e coletiva* (VS, p. 134). O poder passa a encarregar-se mais da vida do que ameaçar o homem

com a morte. Essa nova forma de poder, o bio-poder, é inverso nesse aspecto ao poder soberano, no sentido de que ele age sobre a vida, ou seja, é o poder de fazer viver e deixar morrer. Sua expansão vai se dar a partir de duas tecnologias específicas: a tecnologia regulamentadora da vida e a tecnologia disciplinar do corpo, interligadas por uma infinidade de relações.

A tecnologia disciplinar historicamente desenvolveu-se primeiro, a partir do final do século XVII, e é essencialmente centrada no corpo, constando de procedimentos *pelos quais se assegurava a distribuição espacial dos corpos individuais (sua separação, sua colocação em série e em vigilância) e a organização, em torno desses corpos individuais, de todo um campo de visibilidade* (DS, p. 288). Apropriou-se desse corpo em sua dimensão de máquina, visando *seu adestramento, a ampliação de suas aptidões, a extorsão de suas forças, o crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, a sua integração em sistemas de controles eficazes e econômicos* (VS, p. 131). A tecnologia disciplinar vai estar, por sua vez, inter-relacionada ao aparecimento de uma ciência social normativa. Tal forma de exercício de poder vai ser teorizada principalmente em “Vigiar e Punir”.

A tecnologia regulamentadora da vida, que se inicia por volta da metade do século XVIII, não suprime a disciplinar, mas a integra, modificando-a parcialmente. Ela se dirige não mais ao corpo enquanto máquina, mas ao homem enquanto ser vivo, especificamente ao homem enquanto espécie, voltando-se aos processos próprios da vida, como o nascimento, a morte, a doença, etc. (DS, p. 289). É a noção de população que rege o exercício da tecnologia, que vai estabelecer mecanismos reguladores para *fixar um equilíbrio, manter uma média, estabelecer uma espécie de homeostase, assegurar compensações, em suma, de instalar mecanismos de previdência em torno desse aleatório que é inerente a uma população de seres vivos* (DS, p. 293-4)

Foucault cita o domínio do sexo como um lugar privilegiado no qual se articulam essas duas tecnologias. O sexo, de um lado, depende de um controle disciplinar, sob a forma de *vigilâncias infinitesimais, a ordenações espaciais de extrema meticulosidade, a exames médicos e psicológicos infinitos* (VS, p. 136). De outro lado, por seus efeitos procriadores e pelas doenças por ele transmitidas, o sexo vai ser um dos focos da regulação das populações, dando *marginem a medidas maciças, a estimativas estatísticas, a intervenções que visam todo o corpo social ou grupos tomados globalmente* (VS, p. 137).

1.2.4 - O corpo dócil e o poder da norma

Em “Vigiar e Punir” Foucault mostra que houve uma dupla mudança na atenção dedicada ao corpo a partir do final do século XVII. Em primeiro lugar, este é objeto de análise, através da anatomia, revestindo-se seu funcionamento de inteligibilidade. Mas, principalmente, o corpo passa a ser objeto de uma série de processos e regulamentos com a finalidade de controle e correção de suas operações. Temos aí a necessidade do corpo dócil, que pode ser transformado e aperfeiçoado. Foucault observa que embora o corpo historicamente sempre tenha sido objeto de controle e proibições, há diferenças fundamentais nessa mudança em meados dos séculos XVII e XVIII, em relação à atenção voltada ao corpo. *A escala do controle sobre o corpo é ampliada: passa-se a visar seus mínimos detalhes, exercendo-se sobre ele uma coerção ininterrupta. O objeto do controle passa a ser a organização interna e a eficácia dos movimentos e não mais os elementos do comportamento. Por fim, a modalidade vai ser outra, implicando numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos* (VP, p. 126). A essa configuração de escala, objeto e modalidade de controle sobre o corpo, Foucault vai chamar tecnologia disciplinar, que vai visar então à obediência e utilidade do corpo, estando estes dois aspectos intimamente inter-relacionados. Foucault vai traçar os parâmetros da forma como essa tecnologia funciona através de uma série de exemplos, voltados a instituições como a prisão, a escola, a oficina e o exército. Observa os seguintes mecanismos na forma como essa tecnologia atua:

- A distribuição dos indivíduos no espaço. As disciplinas em alguns momentos agem de forma a enclausurar os indivíduos em locais específicos (o estudante nos colégios, os soldados nos quartéis). Mas também agem no sentido de atribuir a cada indivíduo um lugar, como forma de estabelecer a presença e se saber como encontrar os indivíduos. Ao mesmo tempo, esses espaços ocupados pelos indivíduos devem obedecer um compromisso de utilidade em relação à instituição pertinente, utilidade que se torna maior quando os indivíduos são colocados em série e envolvidos em uma rede de relações. Configuram-se dessa forma espaços que

realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos (VP, p. 135).

- O controle da atividade e sua inserção no tempo. Busca-se constituir um tempo útil ao se estabelecer horários para as diversas atividades. Da mesma forma, os atos são decompostos em unidades menores, definindo-se posições corretas do corpo e membros e amplitude e duração ideais para os movimentos, de forma a garantir a eficácia e a rapidez dos mesmos, em um compromisso com a utilidade do que é executado. Há também um compromisso em se intensificar ao máximo a utilização desse tempo. A organização do tempo se dá através da divisão de uma atividade em segmentos, da sua organização segundo um esquema específico e por fim remetendo-se esses segmentos a séries cada vez mais complexas, tudo isso submetido a uma testagem de forma a aferir a conformidade dos atos à necessidade da instituição pertinente. Criase, dessa forma, possibilidades de exercício do poder, no controle detalhado, correção e castigo em todos os momentos das atividades e na atribuição de uma capacidade aos indivíduos a partir do resultados obtidos em cada série que realizam.

- A composição das forças. Surge com o poder disciplinar a necessidade de articular os diversos corpos em uma força produtiva. Os corpos passam a ser assim uma peça de uma máquina com vários segmentos, segundo a capacidade e idade de cada um, que vão determinar funções específicas em relação aos outros. Para o bom funcionamento dessa força produtiva, há a necessidade de um comando específico, que não precisa agir de forma explícita através de ordens (embora muitas vezes o faça), se difundindo muitas vezes através de um sistema de sinais específico, um código por todos compreendido.

Para dar conta destes mecanismos, a tecnologia disciplinar vai lançar mão de alguns recursos, sendo o sucesso do bom adestramento devido a esses seus instrumentos: a vigilância, a sanção e o exame.

- Vigilância. Há, como vimos, uma necessidade de visibilidade constante do indivíduo para o controle de sua atividade. Tal necessidade acarreta no desenvolvimento de uma arquitetura específica, que tem como objetivo tornar visíveis todos os que se encontram cerrados nesse espaço

- Sanção normalizadora. há um processo de inserção de uma rede de punições, volta-

das ao que é encarado como errado segundo o modelo disciplinar, ou seja, a inobservância em suas diversas formas de uma regularidade exigida, sendo seu caráter essencialmente corretivo. Ao mesmo tempo, realiza-se uma atribuição de recompensas aos bons comportamentos, formando-se uma diferenciação entre os indivíduos, conforme estes os cumpram ou não, valores estes que terminam sendo interiorizados pelos mesmos. Cria-se, por último, a categoria do anormal, daquele que não é assimilável pela disciplina e que tem também a função de constrangimento e ameaça implícita frente a todos os demais indivíduos da instituição em questão.

- Exame. Combinando os instrumentos de vigilância e sanção, o exame constitui o indivíduo como um objeto decritível, submetendo-o a um código de referência e a uma categorização que vai permitir sua comparação com todos os demais. Esse indivíduo torna-se por fim um “caso”, sendo reduzido a essa categorização, que passa a ser definidora de sua natureza. A amplitude da definição desse indivíduo é tanto maior quanto mais ele se afasta do indivíduo “normal”, ou seja, aquele que se encaixa nos comportamentos médios esperados.

Podemos finalmente considerar como um dos traços marcantes da tecnologia disciplinar o poder da norma. Há nessa tecnologia uma rede de definições do que passa a ser considerado normal, segundo os diversos padrões reguladores. É importante ressaltar, contudo, que frente a homogeneização reinante, introduz-se uma graduação das diferenças individuais, diferenças estas que se tornam também úteis, na medida que os indivíduos passam a poder se ajustar uns aos outros. Foucault coloca a norma como o elemento que vai circular entre a tecnologia disciplinadora e a regulamentadora, que veremos a seguir. Isso porque esta norma é aplicável tanto *ao corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer disciplinar* (DS, p. 302), passando a *cobrir toda a superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população* (DS, p. 302),

1.2.5 - A Vontade de Saber

Esse livro, publicado em 1976, é o primeiro volume do que seria uma “História da Sexualidade”. Na verdade, essa “História” é continuamente reelaborada por Foucault em seu desenrolar. Seu objetivo não é o de fazer um histórico das práticas

sexuais ou morais, mas sim, o de tentar entender como historicamente são pensados os fenômenos os quais associamos ao sexo. Isso porque para Foucault não há como se pensar uma essência do sexo, ou seja, há sempre uma historicidade na forma como são pensados os processos fisiológicos, as sensações e os prazeres. Não há também como se pensar uma materialidade do sexo, algo do qual o poder vai se utilizar. Ao pensarmos em sexo, já está em jogo uma íntima conexão com as formas históricas através da qual o compreendemos, ou seja, nosso pensar já está impregnado de um saber construído através das relações de poder.

Foucault observa que na Europa Ocidental, durante os séculos XVII e início do XVIII, os códigos da obscenidade e da decência eram pouco rígidos, não havendo necessidade de segredo e disfarce quanto às práticas sexuais. Aos poucos, porém, essa sociedade sofreu transformações na forma como o sexo era encarado, iniciando-se a ascensão de um modelo onde se privilegia o casal e a função de reprodução, que passam a definir a ‘sexualidade legítima’. A explicação comumente levantada para esse tipo de transformação é através do conceito de repressão, ou seja, que foi o aumento da repressão sobre certos comportamentos que gerou tais mudanças. Foucault, porém, se opõe ao conceito de repressão, por considerar, entre outros motivos, que tal conceito pressupõe o entendimento do sexo enquanto uma essência, permitindo que pensemos em um sexo que exista fora das relações de poder, o que, como vimos, é impossível para ele. Além disso, para Foucault, as teorias que se utilizam desse conceito acabam por mascarar o fato de que o que ocorreu, ao contrário, foi uma “explosão discursiva” a partir de meados do séc. XVIII, ou seja, uma multiplicação dos discursos sobre o sexo. Através desses discursos houve *efeitos múltiplos de deslocamento, intensificação, orientação e modificação sobre o próprio desejo*, não havendo, pois, uma censura sobre o sexo, mas sim *uma aparelhagem para se constituir discursos sobre ele*, inserindo-o sistemas de utilidade, regulando-o e fazendo-o funcionar segundo um padrão ótimo (VS, p. 26).

A passagem da sexualidade relativamente livre para outra vigiada nos séculos XVIII e XIX dar-se-á para Foucault a partir da construção da tecnologia específica da confissão, que irá surgir no discurso e na auto-reflexão do indivíduo. É a partir da confissão que o bio-poder vai estender sua rede aos movimentos de corpo e alma.

Em relação à confissão, Foucault observa que houve desde a Contra-Reforma, uma aceleração no ritmo e na intensidade da confissão dentro da Igreja Católica, a

partir da imposição de regras meticulosas de exame de si mesmo: o sexo passa a ser seguido até as suas ramificações mais finas, sendo “encurralado” por um discurso que não lhe permite se esconder, através da exortação a se dizer tudo. Foucault localiza aí o aparecimento desse projeto de colocação do sexo em discurso, da tarefa “*de se dizer a si mesmo e a outrem, o mais freqüentemente possível, tudo o que possa relacionar-se com o jogo dos prazeres, sensações ... que tenham alguma afinidade com o sexo*” (VS, p. 24), projeto esse que a partir dos séculos seguintes irá se tornar uma regra para todos, inscrevendo-se o dever fundamental “*de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo da palavra*” (VS, p. 24). Essa tarefa irá unificar discursos tão aparentemente dispares quanto o das pastorais, o da Medicina ou o de Sade.

Foucault observa que a disseminação da confissão pela sociedade ocidental deveu-se a uma conjunção de fatores, isolando quatro grandes unidades estratégicas através das quais vão se construir mecanismos específicos de poder e saber a respeito da sexualidade:

- *Socialização das condutas de procriação.* Surge a necessidade de controle da população, tema este que surgiu no século XVIII como problema econômico e político, fazendo com que os governos voltassem sua atenção para fenômenos que tem seu cerne no sexo como natalidade, fecundidade, incidência de doenças venéreas, etc. Surge assim a necessidade de análise das condutas sexuais, de suas determinações e seus efeitos. Há uma disseminação das imposições morais e religiosas e de medidas fiscais que visam fazer do comportamento do casal uma conduta econômica deliberada.

- *Pedagogização do sexo das crianças.* Afirma-se a criança como um ser susceptível de se dedicar atividades sexuais e tais atividades como sendo perigosas e indevidas, o que vai exortar pais, educadores, etc., a se encarregarem de controlar esse mal, em especial com referência ao onanismo, como veremos a seguir.

- *Psiquiatrização do poder perverso.* As perversões sexuais são anexadas ao campo de conhecimento da Psiquiatria, passando o instinto sexual e suas anomalias a serem catalogados. As anomalias são patologizadas e passa-se a procurar uma cura para elas.

- *Histerização do corpo da mulher.* Atribui-se à mulher uma saturação de sexualidade, integrando-se seu corpo às práticas médicas, uma vez que haveria uma patologia

intrínseca a ele. A mulher passa a ter obrigações com o corpo social, devendo assegurar-lhe sua fecundidade (mas de forma controlada), com o espaço familiar, do qual deve ser elemento fundamental, e com a vida das crianças, devendo produzi-las e garantir seu processo de pedagogização.

Em relação às mesmas transformações na sociedade européia citadas anteriormente, Foucault observa que houve uma mudança de foco dos códigos morais vigentes. Se na Europa do século XVII, a ênfase dos códigos era no sexo dos cônjuges, com tais mudanças passou-se a focar as sexualidades periféricas, interrogando-se os loucos, as crianças, os criminosos (p. 39), mudanças essas que foram acompanhadas por uma diminuição da influência da Igreja sobre a vida privada dos indivíduos e por um avanço da Medicina sobre a mesma. Foucault considera que o poder não teve como objetivo interditar as sexualidades periféricas, mas sim perpetuar-se através de outras formas. Entre essas está a ramificação (não nos esqueçamos que esta é uma característica intrínseca ao exercício do poder). Citando como exemplo a criança, Foucault vai mostrar como em torno da proibição ao onanismo formaram-se vários dispositivos através dos quais o poder avançou, multiplicando suas articulações e efeitos. A descrição feita por Foucault dessa apropriação do sexo na infância dá uma boa noção da maneira pela qual o poder opera:

“Os pedagogos e os médicos combateram, realmente, o onanismo das crianças como uma epidemia a ser extinta. De fato, ao longo dessa campanha secular, que mobilizou o mundo adulto em torno do sexo das crianças, tratou-se de apoiá-la nesses prazeres tênues, de constituí-los em segredo (ou seja, de obrigá-los a esconderem-se para depois descobri-los), procurar-lhes as fontes, segui-los das origens até os efeitos, cercar tudo o que pudesse induzi-los ou somente permiti-los; em todo o canto onde houvesse o risco de se manifestarem, foram instalados dispositivos de vigilância, estabelecidas armadilhas para forçar confissões, impostos discursos inesgotáveis e corretivos; foram alertados os pais e educadores, sendo entre eles semeada a suspeita de que todas as crianças eram culpadas e o medo de que eles próprios viriam a ser considerados culpados caso não desconfiassem suficientemente: tiveram de permanecer vigilantes desse perigo recorrente, foi prescrita a sua conduta e recodificada a pedagogia; e implantadas sobre o espaço familiar as bases de to-

do um regime médico-sexual ” (VS, p. 42)

Outra estratégia da qual o poder vai se utilizar é a da atribuição de uma realidade visível e permanente às perversões, o que se dá através da especificação dos indivíduos. Citando como exemplo a sodomia, Foucault mostra como um tipo de ato proibido anteriormente vai transformar seu praticante a partir do século XIX, num personagem específico, numa *espécie* diferente de ser humano. Ressalta também que através dos exames médicos, da extorsão das confissões e outros mecanismos, o exercício do poder mais do que eliminar o prazer, acaba produzindo-o sob o seu domínio, fixando o prazer que se difunde através do seu poder cerceador, funcionando ambos então através de um mecanismo de dupla incitação, como em um movimento de dupla espiral. Finalmente, Foucault cita a família como lugar estratégico onde vai se formar as mais finas redes de controle, através

“da separação entre adultos e crianças, da polaridade entre o quarto dos pais e das crianças, da segregação entre meninos e meninas, das regras estritas sobre cuidado com bebês, da atenção concentrada na sexualidade infantil, dos supostos perigos da masturbação, da importância atribuída à puberdade, dos métodos de vigilância sugeridos aos pais” (VS, p. 46).

No terceiro capítulo de “A Vontade de Saber”, Foucault desenvolve as formas através das quais a ciência passa a produzir os discursos sobre o sexo a partir do século XIX. Retoma a idéia de que a Medicina e outras ciências vão se apropriar do mecanismo da confissão como uma de suas técnicas, uma vez que essa se consagrou em vários ramos do saber como uma técnica privilegiada para se produzir a verdade a respeito de si mesmo. Foucault mostra que a confissão pressupõe a idéia de que o indivíduo tem no interior de si uma verdade que necessita ser confessada, espontaneamente ou de forma extorquida. O indivíduo que confessa (e o sexo sempre foi um tema privilegiado dessa prática), ao fazê-lo se modifica, tendo a impressão de ter encontrado sua verdade. A apropriação da confissão pela Medicina se dá através de várias maneiras: combina-se a confissão com o exame, supondo-se a existência de sintomas no que é falado; atribui-se ao sexo o poder de causar uma ampla gama de comportamentos; impõe-se a necessidade da coerção a partir da idéia de que a verdade sobre si é, às vezes, algo de difícil acesso; solidifica-se um método de interpretação, já que esta verdade sobre si é, por vezes, obscura; inclui-se a confissão como

uma exigência terapêutica para a cura. O desenvolvimento dessa prática discursiva específica sobre o sexo, sob os auspícios da Medicina e outras Ciências e a partir da técnica de confissão, vai formar o que Foucault vai chamar de *sexualidade*. A sexualidade é, então, a ampla rede na qual “*a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se um aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder*” (VS, p. 100).

Pensar esse dispositivo da sexualidade pressupõe algumas diferenças em relação à maneira mais tradicional de se pensar a sexualidade (ou seja, a partir da hipótese repressiva), uma vez que não há exterioridade entre técnicas de saber e estratégias de poder (isto é, não há como se pensar em um conhecimento científico “isento” sobre o sexo) e não há “opressores” e “oprimidos” em relação à sexualidade e sim lugares transitórios em meio a processos de transformação permanentes.

Para Foucault, o dispositivo da sexualidade vai suceder e interagir com o *dispositivo da aliança*, ou seja, “*o sistema de matrimônio, de fixação de parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens*” (VS, p. 100) existente até o século XVIII. Essa alteração vai significar uma série de mudanças em termos dos mecanismos de poder em jogo: a mudança de uma constelação baseada em um sistema de regras definidoras do lícito e do ilícito para outra baseada em “*técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder*” (VS, p. 101); a mudança nos objetivos do poder, de simples manutenção da lei que rege o relacionamento conjugal para o objetivo de estender cada vez maior as formas de controle; a mudança no objeto do poder, que da manutenção dos vínculos entre os indivíduos da família vai passar às “*sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das percepções*” (VS, p. 100). O que vai visar o dispositivo da sexualidade vai o de “*proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global*” (VS, p. 100). Foucault refere que o dispositivo da sexualidade vai criar suas redes de poder mais intensamente justamente na família, também o cerne do dispositivo da aliança. A família, assim, é o ponto de intersecção entre os dois dispositivos. O conjunto das relações de poder específico do dispositivo da sexualidade vai penetrar a família a partir da Pedagogia e da Medicina, tornando-se os cônjuges e os pais os principais reprodutores desse dispositivo. É importante ressaltar aqui que a função da família, para Foucault, vai ser bastante diferente então daquela que é mais comumente pensada (ou seja, a partir da hipótese repressiva): não vai ser

o lugar de interdição do sexo, mas sim o lugar de suporte permanente da sexualidade, onde os mecanismos de poder vão se ramificar da forma mais abrangente. Outra diferença significativa consiste no fato de que para Foucault, tal dispositivo não é algo que é apropriado pela burguesia com o fim de dominar as classes menos favorecidas, pois foi justamente dentro da família burguesa que o dispositivo da sexualidade se expandiu primeiro e de forma mais intensa, devendo-se tal especificidade burguesa à procura por parte desta de um diferencial, de uma auto-afirmação enquanto classe social (diferencial este baseado na afirmação de uma higiene própria, de uma maior saúde e de uma superioridade racial).

1.2.6 - A Psicanálise

Um dos aspectos da obra de Foucault mais comentado é a sua relação com a Psicanálise, tema presente em vários de seus livros e textos publicados. Uma breve exposição dessa relação (principalmente em “A Vontade de Saber”) será feita aqui, uma vez que a Psicanálise da Adolescência será objeto de consideração mais adiante.

De forma geral, pode-se dizer que a Psicanálise ocupa para Foucault em seus primeiros textos um lugar ambíguo: em alguns momentos é um espaço de resistência a mecanismos específicos de poder e em outros um espaço de pura afirmação de poder. Essa ambigüidade é evidenciada por Derrida (1994) em sua análise da “História da Loucura”, para quem Foucault ao mesmo tempo coloca a psicanálise freudiana como uma possibilidade de restabelecimento de diálogo com a desrazão, em um movimento contrário ao da Psiquiatria e Psicologia (p. 65-66), e como tributária dos mecanismos de atribuição de onipotência ao médico e de isolamento do “doente” que se realiza na situação analítica própria à Psicanálise (p. 77-78). Esse lugar ambíguo da Psicanálise fica evidente nesse trecho da “História da Loucura”:

“Freud desmistificou todas as outras estruturas do asilo: aboliu o silêncio e o olhar, apagou o reconhecimento da loucura por ela mesma no espelho de seu próprio espetáculo, fez com que se calassem as estâncias de condenação. Mas em compensação explorou a estrutura que envolve a personagem do médico; ampliou suas virtudes de taumaturgo, prepa-

rando para sua onipotência um espaço quase divino” (p. 502)

O deslocamento que Foucault faz em sua análise da Psicanálise em “A Vontade de Saber” é na direção de considerá-la muito mais um instrumento do bio-poder, de difusão do dispositivo da sexualidade, do que um espaço de resistência possível. Esse lugar da Psicanálise é evidenciado pela assimilação realizada por ela da tecnologia da confissão, sob a forma de verbalização de tudo o que diz respeito ao sexo, prazeres e paixões. Por ocupar esse lugar, a Psicanálise não pode ser um instrumento de resistência, uma vez que isso implicaria no questionamento do próprio dispositivo da sexualidade que a tornou possível.

Foucault foi criticado por muitos que alegaram haver uma análise reducionista da Psicanálise em “A Vontade de Saber”. Citaremos aqui uma dessas críticas, realizada por Mezan (1985), que considera que Foucault faz três reduções a respeito da Psicanálise, reduções estas que fazem com que suas análises acabem por se referir apenas a linhas de pensamento e atuação pouco significativas da Psicanálise:

- *Redução da prática real e efetiva da Psicanálise à forma vazia do “murmúrio sobre o divã”* (p. 117), que para Mezan (1985) está ligada à desconsideração da singularidade da Psicanálise em relação a outras práticas psicoterápicas, em especial pela utilização por parte desta dos conceitos de inconsciente e transferência, que são negligenciados por Foucault.

- *Redução da psicanálise à obra de Freud, e desta obra a uma teoria da sexualidade* (p. 118), que está ligada a uma incompreensão de Foucault do significado da sexualidade na Psicanálise, que diz respeito a algo muito mais complexo do que os registros corporais, como prazeres e as sensações.

- *Redução que inclui a psicanálise na linhagem das técnicas de confissão* (p. 119). Mezan (1985) considera que a associação livre tem um status completamente diferente do da confissão, uma vez que o objetivo do analista é justamente o de dissolver a atmosfera confessional baseada na crença fantasiosa do paciente de que sofre porque é culpado e de que o analista pode livrá-lo dessa culpa.

Mesmo que Mezan (1985) tenha razão a respeito das duas primeiras críticas levantadas, é na terceira crítica feita por ele que está o fundamental da análise foucaultiana a respeito da Psicanálise e que parece não ter sido entendida em toda a sua

complexidade. A disseminação da tecnologia da confissão para Foucault no mundo moderno não se baseia na manutenção por esta do mecanismo de culpa/alívio próprio à confissão cristã, mas sim na colocação do sexo no discurso (entendendo sexo aqui em todas suas ramificações possíveis, e não apenas nas referências ao corpo contidas na segunda crítica de Mezan). Mas o aspecto essencial da tecnologia da confissão para Foucault, negligenciado por Mezan (1985) e que vai ser objeto de estudo de Foucault até sua morte vai estar no imperativo de se descobrir a verdade no interior de si. Essa verdade acerca de si para o homem moderno está ligada à sua percepção de si enquanto sujeito desejante, algo que Foucault vai tentar mostrar ser uma construção histórica. Não há como negar que grande parte das correntes psicanalíticas, se não todas, são atingidas por esta crítica foucaultiana, uma vez que a concepção de homem enquanto ser desejante e a busca da verdade no domínio da interioridade são inerentes a elas. Cabe ressaltar contudo que é sempre difícil afirmar “toda a Psicanálise” devido à diversidade de formas de pensamento que esta assume. E é essa própria diversidade que mostra a possibilidade de uma constante reinvenção da Psicanálise no mundo contemporâneo.

A utilização da Psicanálise da Adolescência como instrumento teórico mais adiante nesse trabalho não será feita de forma a desconsiderar as críticas levantadas por Foucault, mas sim com a perspectiva de que alguns conceitos psicanalíticos podem ser úteis para o entendimento de alguns aspectos da subjetividade contemporânea relacionada à adolescência. A grande extensão dos conceitos psicanalíticos permitem pensar também que alguns deles podem ter menos implicações correspondentes a uma afirmação de poder e podem permitir uma visão crítica da subjetividade contemporânea.

No capítulo seguinte trataremos do segundo e terceiro volumes da “História da Sexualidade”, de 1983, e da relação do indivíduo consigo mesmo durante o Cristianismo, tema de diversos artigos, cursos e conferências do começo dos anos 80. Finalizaremos pensando as possibilidades da relação ética consigo mesmo nos tempos atuais, a partir de textos do próprio autor e de alguns comentadores.

1.3 - A RELAÇÃO ÉTICA DO INDIVÍDUO CONSIGO MESMO

1.3.1 - Considerações Iniciais

“A Vontade de Saber” provoca em muitos leitores um sentimento de angústia pelo fato de trazer uma análise onde o indivíduo se encontra de tal forma sob o jugo do bio-poder, através do dispositivo da sexualidade, que parece não haver possibilidade alguma de saída, ou (para utilizarmos uma terminologia foucaultiana) do exercício de resistências. De fato, a possibilidade ou não de uma “certa liberdade” do indivíduo frente a essa sujeição é tema de inúmeros comentários e de inúmeras perguntas ao próprio Foucault em entrevistas e debates. Foucault em sua obra procura pensar tais questões dentro da história das problematizações morais no mundo ocidental. Para tanto, realiza grandes “saltos” temporais: ao Cristianismo primitivo, à Grécia e a Roma, numa perspectiva histórica bastante diferente daquela de suas demais obras. Tal salto porém não implica uma ruptura com a maneira de pensar anterior, como alguns comentadores deixam subentendido ao proporem a existência de uma “nova fase” na trajetória foucaultiana englobando tais obras. Para Márcio Alves Fonseca (1995), a escolha das formas grega e romana de constituição do indivíduo para a confrontação com a forma de constituição do sujeito moderno se dá pelo fato dessa última se caracterizar pela ausência da ética, ao contrário das primeiras: *o sujeito moderno, sendo produto da normalização empreendida pela disciplina, não tem, no processo de sua constituição, a marca da relação consigo que caracteriza a ética* (p. 130).

Dentre os períodos históricos estudados, iniciaremos pela forma como Foucault pensa a relação do indivíduo consigo mesmo na Grécia e em Roma, entre os séculos IV AC e II DC, tentando não nos estender demais nessa temática, visto tais obras serem bastante extensas. Trataremos a seguir do Cristianismo primitivo e finalizaremos com dois textos de Foucault, onde o mesmo faz comparações entre o exer-

cício ético entre os estóicos, em particular a respeito da escrita sobre si, e no Cristianismo, textos importantes pela relevância que trarão para nossa discussão futura.

1.3.2 - O Uso dos Prazeres

No início desta obra Foucault ressitua seu projeto de uma “história da sexualidade”. Ao analisar a sexualidade moderna, Foucault considera ter dado conta de dois dos três eixos que a constituem, ou seja, a formação dos saberes que a ela se referem e os sistemas de poder que regulam sua prática. Um terceiro eixo, no entanto, não foi para ele suficientemente desenvolvido: o da forma como os indivíduos se reconhecem como sujeitos dessa sexualidade. Isso porque, no homem moderno, a experiência de si enquanto sujeito de uma sexualidade está subordinada à experiência de si enquanto sujeito do desejo. Essa última experiência, que tem sua gênese no Cristianismo, está de tal forma intrincada à nossa maneira de pensar, que para Foucault é necessário uma retomada da “história do homem de desejo” desde o começo da civilização ocidental, para podermos compreender sua historicidade. Foucault retoma seu projeto então com o objetivo de delinear os caminhos através dos quais se formam uma hermenêutica de si (ou seja, a forma como o indivíduo entende a si mesmo) nos diversos momentos da história ocidental.

Para entendermos essa retomada do projeto original é interessante termos em mente o conceito de “técnicas de si” desenvolvido por Foucault. No seminário “Technologies of the Self”, de 1982, este vai propor a existência de quatro tipos de “técnicas” a partir das quais os seres humanos procuram entender a si e aos outros.

- 1) técnicas de produção, que permitem aos indivíduos produzir, transformar e manipular coisas, e que são objeto principal de estudo das ciências;
- 2) técnicas de sistemas de signos, que permitem aos indivíduos utilizar signos, símbolos ou significações, e que são objeto principal de estudo da lingüística;
- 3) técnicas de poder, que determinam a conduta dos indivíduos, submetendo-os a certos fins ou dominações, e que constituem uma objetivação do sujeito, sendo objeto principal de estudo de partes da Sociologia;

4) técnicas de si, que permitem aos indivíduos efetuarem, por conta própria ou com ajuda de outros, certas operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos com a finalidade de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade, e que vão ser o objeto de estudo dele naquele momento (TS, p. 225).

É importante ressaltar aqui que tais técnicas não atuam de forma independente e sim bastante inter-relacionada. Todavia, podemos dizer que o que parece acontecer no segundo e terceiro volume “História de Sexualidade” é um deslocamento do foco dos estudos de Foucault, do terceiro para o quarto “tipo” de técnicas referidas.

Na introdução de “O Uso dos Prazeres”, Foucault trata da relação entre moral e as técnicas de si. Observa que a moral na verdade se refere a um duplo conceito: se por um lado a moral diz respeito a “*um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio da aparelhos prescritivos diversos*” (UP, p. 26), conjunto esse que pode ser sistemático e coerente ou não, por outro diz respeito também a maneira pela qual os indivíduos se relacionam com esses princípios de conduta, respeitando-os ou não. Há todavia um terceiro aspecto da moral, que é o da maneira pela qual é necessário ao indivíduo se conduzir, isto é, a maneira pela qual ele deve constituir a si mesmo como sujeito moral. A análise histórica desse terceiro aspecto da moral deve privilegiar “*os modelos propostos para a instauração e o desenvolvimento das relações para consigo, para a reflexão sobre si, para o conhecimento, o exame, a decifração de si por si mesmo, as transformações que se procura efetuar sobre si*” (UP, p. 29). É sobre este aspecto da moral (os modos de subjetivação), e não sobre os códigos de comportamento, que Foucault vai centrar seus estudos. Embora estes aspectos nunca estejam dissociados, Foucault considera que se pode pensar que enquanto em algumas morais a importância maior recai sobre o código, o qual ajusta-se a todos os casos possíveis, cobrindo todos os campos de comportamento, em outras a ênfase é dada “*às formas de relação consigo, aos procedimentos e às técnicas pelas quais são elaboradas, aos exercícios pelos quais o próprio sujeito se dá como objeto a conhecer e às práticas que permitam transformar seu modo de ser*” (UP, p. 30). Para Foucault, enquanto nas morais modernas a ênfase parece recair no código e sua obediência, carregando consigo todas as marcas do processo de disciplinarização e do controle ramificado sobre os corpos e almas descritos em “Vigiar e Punir” e “A Vontade de Saber”, as morais da antigüidade grega e romana são do segundo tipo, ou seja, mais voltadas para as práticas de si.

Essas práticas de si possuem quatro pontos principais:

- *a determinação da substância ética*, ou seja, a forma através da pela qual o indivíduo constitui parte dele mesmo como matéria principal de sua conduta moral.

- *o modo de sujeição*, ou seja, “*a maneira pela qual o indivíduo estabelece sua relação com essa regra e se reconhece como ligado à obrigação de pô-la em prática*” (UP, p. 27)

- *a elaboração do trabalho ético*, que consta da tentativa do indivíduo de se modificar de modo a se transformar em sujeito moral de sua conduta, segundo as prescrições morais

- *a teleologia do sujeito moral*, que é a definição de um certo modo de ser do sujeito moral, ao realizar um ato moral.

É em relação a esses pontos que Foucault vai situar a experiência grega:

Substância ética	Não há entre os gregos uma palavra que defina o todo da sexualidade tal como a entendemos, englobando comportamentos, desejos, paixões, etc. O objeto da moral mais próximo dessa esfera seriam os <i>aphrodisia</i> , ou seja, atos determinados pela natureza, que são associados a um prazer intenso, mas que constituem uma força sempre susceptível de excesso e de revolta, difícil de ser controlada.
Modo de sujeição	A questão ética fundamental para os gregos não é a que diz respeito à proibição de determinados atos, desejos ou prazeres, mas sim a de que com que força se é levado por eles. Há três aspectos que regulam o uso moderado dos prazeres: - a necessidade: o prazer do amor se iguala àquele relativo ao comer e beber, correspondendo assim a um apetite, que deve ser satisfeito mas ao mesmo tempo dominado pelo indivíduo. Não se deve criar desejos sexuais além daqueles pertencentes ao reino da necessidade. - o tempo oportuno: as atividades sexuais devem ser reguladas segundo o momento da vida (sendo mais apropriadas na juventude), sendo também mais apropriadas em certas estações do ano e no período da noite. - o status: para se ter reconhecimento público é necessário ter controle

	sobre os próprios desejos.
Elaboração do trabalho ético	O trabalho do indivíduo sobre si tem o objetivo de estabelecer um domínio de si sobre si, através de um combate contra os desejos e os prazeres. Essa virtude da temperança não implica na ausência de desejos, mas em poder resistir-lhes. A temperança tem também um caráter viril: é controlando-se a si mesmo que o homem poderá controlar a atividade que exerce face aos outros na atividade sexual e, por extensão, na vida pública, uma vez que só o bom controle sobre si dá ao indivíduo a capacidade de poder governar os outros.
Teleologia do sujeito moral	A virtude da temperança implica uma redefinição da relação do indivíduo com a verdade: o indivíduo não pode se constituir como sujeito moral no uso dos prazeres sem constituir-se ao mesmo tempo como sujeito do conhecimento: o logos deve ser o soberano sobre os desejos (na intemperança o desejo é que é soberano). Tal trabalho implica em uma estilização da conduta que visa fazer da própria vida uma obra de arte.

1.3.3 - O Cuidado de Si

Nesse livro Foucault vai tratar da relação do indivíduo consigo mesmo em meados do século II de nossa era, período imediatamente anterior ao Cristianismo. Observa que a reflexão moral dessa época, se comparada a dos gregos dos séculos anteriores, não toma a forma de um estreitamento dos códigos que definem o que é permitido ou não, mas sim volta-se para

“a insistência sobre a atenção que convém ter para consigo mesmo, a modalidade, a amplitude, a permanência, a exatidão da vigilância que é solicitada, a inquietude com todos distúrbios do corpo e da alma que é preciso evitar por meio de um regime austero, a importância de respeitar a si mesmo” (CS, p. 46).

Tal intensificação das relações de si para si formou uma cultura de si específica: o *cuidado de si*. Tal preceito já existente entre os gregos tornou-se um imperativo generalizado entre as correntes de pensamento do início de nossa era. O *cuidado de si* ao mesmo tempo que requer uma atenção e interesse maiores às práticas sexu-

ais, pressupõe uma possibilidade maior de fracasso das possibilidades de controle dessa práticas, o que torna necessário confiná-las quando possível na relação conjugal. Tais mudanças serão intensificadas e modificadas no Cristianismo, como veremos mais tarde. Foucault caracteriza os quatro pontos das práticas de si presentes em *O Cuidado de Si* da seguinte forma:

Substância ética	Embora a substância ética continue sendo entendida em termos do prazer e da força que é necessário se ter em relação a ele, o foco passa a ser cada vez mais o da fraqueza do indivíduo e da necessidade que ele tem de se proteger dos males que a atividade sexual pode suscitar
Modo de sujeição	A moral sexual continua a exigir a sujeição a uma forma de viver definida por critérios éticos e estéticos de existência, mas sob a forma de princípios cada vez mais universais, sobre os quais todos devem se submeter
Elaboração do trabalho ético	Há cada vez mais uma tarefa de abstinência e controle de si, desenvolvendo-se então exercícios pelos quais se pode manter tal controle, e exercícios estes que incluem as formas de aumentar o conhecimento sobre si.
Teleologia do sujeito moral	O objetivo ainda é o de ser senhor de si mesmo, mas a experiência que tal dominação de si funda é não só a de um controle de si, mas a de um gozo <i>sem desejo e sem perturbação</i> (p. 72)

1.3.4 - As Confissões da Carne

Esse seria o título do quarto volume da “história da sexualidade” foucaultiana, que não foi publicado pela morte prematura do autor e que teria como temática central a das relações do indivíduo consigo mesmo no Cristianismo. Há, todavia, alguns cursos e escritos de Foucault sobre o tema, que serão trabalhados aqui.

Em *Technologies of the Self*, Foucault observa que o Cristianismo é uma religião de salvação, que tenta conduzir o indivíduo de uma realidade a outra e para tanto impõe uma série de regras de conduta aos seus seguidores visando obter certa

transformação do eu. Impõe, também, uma série de dogmas e obrigações a seus seguidores, a serem aceitos pela fé. Mas além dessa fé, há outra forma de verdade que o Cristianismo requer: a de que cada pessoa “*tem o dever de saber quem é, isto é, de tentar saber o que está se passando dentro de si mesma, de admitir as faltas, reconhecer as tentações, localizar os desejos*” (TS, p. 242) e a de que todos são obrigados a revelar estas coisas a Deus ou à comunidade, admitindo-as em testemunho público ou privado sobre si. Esse desvendamento de si se dá através de diversas práticas de si no decorrer do Cristianismo. Nesse texto, Foucault vai estudar duas delas, próprias do Cristianismo dos primeiros séculos de nossa era:

- **a *exomologesis***. Consistia num ritual de reconhecimento de si mesmo enquanto pecador, não sendo uma conduta verbal e sim um reconhecimento dramático da situação de pecador, uma espécie de auto-castigo. O objetivo não seria então o de se dizer a verdade sobre si, mas o de se revelar a natureza pecadora de si mesmo, havendo uma renúncia de si e uma ruptura com a identidade passada: *a revelação de si é ao mesmo tempo uma destruição de si* (TS, p. 245)

- **a *exagoreusis***. Própria do Cristianismo monástico, esta prática de si está fundamentada na obediência total a um mestre e na contemplação permanente de Deus, consistindo na tentativa de imobilização da consciência e eliminação dos movimentos do espírito que perturbam a contemplação divina. Há aqui a idéia da existência dos maus pensamentos no interior do indivíduo, passando a existir então a necessidade de deciframento desses pensamentos ocultos e a obrigação de revelá-los ao mestre. A submissão à vontade do mestre corresponde também a uma renúncia de si. Tal prática difere da anterior pelo seu caráter de verbalização, sendo a confissão uma prática daí derivada a partir do século XIII.

É importante notar que nesse momento o pensamento passa a ocupar o lugar de objeto de análise, análise que tem que ser feita com suspeição, uma vez que os pensamentos podem estar de alguma forma alterados. A necessidade da interpretação é, então, uma necessidade do homem, para *não ser vítima dos próprios pensamentos*: (HL, p. 219). O que é fundamental na confissão, porém, não é o fato do mestre ou confessor saber a verdade sobre o sujeito que confessa, mas a própria verbalização efetuada, que *tem de ser uma atividade permanente, tanto quanto possível contemporânea ao fluxo de pensamentos* (HL, p. 221).

A partir dessas considerações, podemos entender mais facilmente a caracteri-

zação dos pontos principais das práticas de si no Cristianismo feita por Foucault em *O Uso dos Prazeres* (p. 84-85) e *O Cuidado de Si* (p. 235):

Substância ética	Formada por um campo dos desejos que se ocultam nos pensamentos e sentimentos, que passam a ter a marca do mal, segundo o que é definido pelos dogmas
Modo de sujeição	Um reconhecimento da lei e de uma obediência à autoridade pastoral, que é ao mesmo tempo vontade de um Deus pessoal e que define os atos permitidos e proibidos
Elaboração do trabalho ético	Se dá pela busca de uma codificação dos atos sexuais, que se tornará cada vez mais precisa, e pelo desenvolvimento de uma hermenêutica do desejo e dos procedimentos de decifração de si.
Teleologia do sujeito moral	A renúncia de si, através do rompimento com a identidade de pecador.

No curso *Mal faire, dire vrai. Functions de l'aveu*, de 1980, nunca publicado, Foucault observa que “a confissão é um ato verbal através do qual o sujeito, numa afirmação acerca do que ele é, se liga a esta verdade, se coloca numa relação de dependência relativamente a um outro e modifica a relação que tem consigo mesmo” (apud Morão, 1993, p. 37 & Abraham, 1992, p. 71). A confissão não implica, pois, numa simples constatação a respeito de si próprio, pois estabelece no que fala o compromisso de ser o que afirma que é: há um imperativo de se descobrir a verdade sobre si.

A confissão assumiu diferentes formas durante o Cristianismo. Foucault observa que após o século VII, esta vai afastar-se das práticas de penitência pública e do exame de consciência já citadas e passar a introduzir o diálogo. Através do interrogatório, busca-se saber as faltas para se aplicar o código de sanções. A partir do século XIII, a confissão passa a ser uma obrigação regular: não importa mais se o indivíduo pecou ou não e se teve ou não consciência do ato. Passam a haver punições também para os fiéis *que não aceitam esse dever, que escapam dessa obrigação e que não a executam como se deve* (Abraham, 1992, p. 112). Foucault observa que estas transformações ocorrem em um momento que a Igreja coloca em jogo um mo-

delo de relação entre o homem e Deus de inspiração judicial, ocorrendo um afastamento do Cristianismo primitivo. A partir do século XII, a confissão vai se propagar para além das práticas de penitência, passando a ter um lugar importante na Inquisição, nas instituições judiciais e na literatura, e a ocupar um lugar central no mundo ocidental. A partir de sua origem monástica, difundiu, como vimos em *A Vontade de Saber*, seus efeitos na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas.

1.3.5 - A escrita sobre si

No texto *A Escrita de si*, de 1983, Foucault vai analisar o papel da escrita de si na cultura filosófica do período imediatamente anterior ao Cristianismo, principalmente entre os estóicos, papel este que foi o do adestramento de si por si mesmo, ou seja, um exercício para se aprender a arte de viver. Tal período histórico é o mesmo tratado em “O Cuidado de Si”.

A escrita sobre si vai apresentar uma tripla função: a de um companheiro para o momento da solidão, atenuando seus perigos, a de remeter a prática do autocontrole não somente aos atos, mas também aos pensamentos e movimentos internos da alma, e a de uma arma no combate contra os inimigos espirituais ao trazer à luz os movimentos do pensamento, que é onde esses inimigos se escondem. A escrita sobre si vai ocupar um lugar central no processo de “*elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação*” (ES, p.134). Tal escrita estabeleceu-se através de duas formas principais:

- *os hipomnemata*, espécie de cadernos de notas que compreendiam toda a sorte de registros pessoais. Neles constavam citações, fragmentos de obras, exemplos, e ações que foram testemunhadas ou lidas, reflexões e debates que foram presenciados. Não eram registros que deviam ser memorizados, mas um material para se ler, reler e meditar e ao qual se poderia recorrer. Constituíam um equipamento de discursos “*susceptíveis de erguerem eles próprios a voz e fazerem calar as paixões*”, sendo que para isso “*é preciso que eles não sejam simplesmente arrumados como num armário de recordações, mas profundamente implantados na alma*” (ES, p. 136). Esses registros pessoais diferiam dos diários íntimos encontrados na literatura cristã ulterior. Não constituíam uma narrativa de si mesmo com o objetivo de trazer à luz do dia os segredos a serem confessados a fim de se obter a purificação. O movimento é inver-

so: não se persegue o indizível, não se procura revelar o oculto, mas sim procura-se captar o já dito, com a finalidade de constituição de si, através do retirar-se para o interior de si próprio. Os registros pessoais permitiam a colocação de uma razão fragmentária (lida, ouvida, aprendida).na relação do indivíduo consigo próprio. Essa “transformação” do fragmentário em algo coerente se dava através de três aspectos:

a) Para Sêneca, a escrita se opunha à leitura: embora indispensável, o excesso de leitura dispersa. A escrita dos registros pessoais opõe-se à essa dispersão uma vez que fixa os elementos adquiridos e constitui um passado ao qual se possa regressar.

b) O contraste exercido entre o discurso referido por alguém com a particularidade da ação que determina o seu uso. Assim o indivíduo assume como seu algo da cultura,

c) A unificação não se dá na composição do conjunto dos escritos, mas no próprio escritor, no ato da composição e da leitura dos escritos. O papel da escrita é, para Sêneca, a constituição de uma identidade em quem escreve.

- **a Correspondência.** Assim como os cadernos de notas, as correspondências dão também lugar ao exercício pessoal, tanto sobre quem escreve, devido ao próprio gesto da escrita, como sobre quem recebe, pelas sucessivas leituras. Para Sêneca, os conselhos dados nas cartas são uma forma de auto-treinamento para possíveis situações semelhantes. Difere porém dos registros pessoais pela dimensão que possui de abertura ao outro: o escritor se faz “presente” àquele a quem se dirige, presença essa que se dá de forma imediata e quase física e não somente pelo que o escritor compartilha a respeito de si. Escrever é então “*mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro*” (ES, p. 150), proporcionando uma espécie de face-a-face, onde a carta é “*simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira do remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz*” (ES, p. 150). Se, por um lado a correspondência tem, como os *hipomnemata*, a função de elaboração do discurso numa identidade própria de quem a escreve, ou seja, uma “*subjetivação do discurso verdadeiro*” (ES, p. 151), por outro tem a função de “*objetivação da alma*”, ou seja, a de abrir-se ao olhar dos outros, de forma que estes penetrem nos pensamentos daquele que escreve, segundo a perspectiva de Sêneca, para quem “*devemos pautar a nossa vida como se toda a gente a olhasse*” (ES, p. 151). Essa instrospecção presente naquele que escreve a carta, no entanto, não é uma decifração de si, mas uma abertura de si mesmo ao outro. Foucault nota que no início de nossa era há uma conjunção

do ato de escrever uma carta com o do exame de si, que passa a ser formulado como um relato escrito de si próprio.

Ao final, Foucault considera que as duas modalidades da escrita sobre si tratadas vão diferir bastante daquelas próprias ao Cristianismo. Enquanto os hipomnemata tem como objetivo a constituição “*de si próprio como sujeito da ação racional pela apropriação, a unificação e a subjetivação de um já dito fragmentário e escolhido*” (ES, p. 160) e a correspondência sobre si mesmo tem o objetivo de “*fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se volta para si próprio quando se aferem as ações cotidianas às regras de uma técnica de vida*” (ES, p. 160). as anotações monásticas vão ter o objetivo de “*desentranhar do interior da alma os movimentos mais ocultos, de maneira a poder libertar-se deles*”. (ES, p. 160).

É interessante notar aqui essa distinção entre a relação ética do indivíduo consigo mesmo, que determina uma possibilidade de construção de si mesmo por parte do indivíduo a partir do fragmentário, e o discurso confessional, que visa a captação dos segredos da alma, daquilo que está oculto. Como vimos na primeira parte dessa revisão bibliográfica, estas são duas idéias que permanecem entre os autores que analisam contemporaneamente a produção dos discursos sobre si. Há autores que vão privilegiar a análise desse desvendamento interior, como Corbin (1993), para quem a função principal da escritura é o questionamento da culpabilidade íntima, e Souza (1997). Outros privilegiam a análise da construção de si subjacente a essa escrita, como Bruner e Weisser (1995), para os quais a autobiografia funciona como um exercício que pode ajudar o indivíduo a se libertar de um jeito de ser, numa reinvenção de si, e Marina Maluf (1995), para quem o recordar permite uma elaboração de uma nova perspectiva em relação ao passado.

1.3.6 - A constituição de si cristã e entre os estóicos

Para entendermos melhor essa diferença do discurso sobre si enquanto algo que visa uma construção de si ou algo que visa descobrir uma verdade oculta, nos voltaremos ao texto das conferências “Howison Lectures”, realizadas em 1980 e publicadas pela primeira vez em nosso idioma, com o título “Verdade e Subjetividade”, as quais tem o histórico da confissão como um dos temas principais.

Nas conferências consideradas, Foucault observa que o auto-exame, o exame da consciência e a confissão encontram-se entre os mais importantes procedimentos para se formular uma verdade a respeito de si próprio desde a Antigüidade Clássica.

Observa que na cultura grega o objetivo primordial da filosofia era a transformação do indivíduo, de forma a se viver mais feliz. A confissão ocupa um lugar exíguo dentro desse objetivo por duas razões, articuladas entre si. A primeira é *que “o objetivo do treino filosófico é armar o indivíduo com um certo número de preceitos que lhe permitem conduzir-se a si próprio em todas as circunstâncias da vida sem perder o domínio de si próprio”* (HL, p. 208). Dentro dessa perspectiva, é o mestre que passa ao discípulo um código de conduta para sua vida. É do lado do mestre que está a verbalização, não do lado do discípulo. A segunda razão diz respeito à natureza dessa relação mestre-discípulo: sendo esta circunstancial, episódica, o discípulo solicita seu conselho em um momento de revés, tendendo um dia a ser capaz de se comportar de forma autônoma. Não há porque se dizer tudo acerca de si próprio numa exaustiva apresentação de si, como na confissão cristã.

Em seguida, Foucault vai tratar da prática do auto-exame e confissão entre os estóicos, prática que ocupa um lugar fundamental. Sêneca propõe nesse auto-exame, uma divisão do indivíduo, que vai inspecionar a si mesmo em relação à sua conduta passada. Ao descrever esse auto-exame, Foucault faz uma comparação passo a passo entre a confissão cristã e o auto-exame e o dizer sobre si entre os estóicos. Para facilitar a visualização destas diferenças, veremos as mesmas em forma de quadro.

Auto-exame e confissão entre os estóicos	Confissão cristã
O objetivo do auto-exame é o de relembrar uma verdade esquecida pelo sujeito	O objetivo é o de descobrir uma verdade oculta no interior do sujeito
O indivíduo deve lembrar da coleção de regras de conduta que aprendeu, que mostram aquilo que deveria ter feito	Para alcançar o objetivo, o indivíduo deve entrar em contato com sua natureza de pecador
O indivíduo constitui no auto-exame o ponto de intersecção entre um conjunto das recordações trazidas ao presente e dos atos a serem realizados.	O lugar ocupado pelo indivíduo é o de um campo de operações de um processo de deciframento.

No auto-exame, a função do indivíduo para consigo é próxima a de um administrador, que faz um balanço do acontecido, uma vez findo o trabalho, vendo se tudo foi feito como deveria ter sido	A função do indivíduo para consigo é próxima à de um juiz: há uma necessidade de memorização das leis para descobrir os pecados, que ao final serão punidos.
O que é “confessado” ao conselheiro ao amigo conselheiro ou guia são pormenores relacionados à vida cotidiana, como a forma de se comer, o estilo de oratória, etc.	O que é confessado são faltas, desejos vergonhosos e profundos
A postura do conselheiro não é a de procurar uma doença ou falha naquele que fala, mas de situá-lo em meio a um caminho.	A postura do confessor é a de apontar os males secretos que o indivíduo padece
O que é acrescido pelo conselheiro não é um conhecimento, mas uma força capaz de transformar o conhecimento em modo de vida	O que é acrescido pelo confessor são princípios teóricos com força de coerção
A verdade é algo que se encontra na frente do indivíduo, um pólo de atração que o impele em direção a um objetivo, uma força obtida pela retórica que causa uma memória permanente no indivíduo e em seu discurso interior	A verdade procurada pelo que confessa é algo que se encontra oculta na parte mais profunda e obscura da alma
No processo de se “confessar” ao conselheiro, abre-se no indivíduo um espaço onde a verdade pode surgir e atuar como uma força real através da presença da memória e da eficiência do discurso.	O processo de confessar implica numa renúncia de si, que se dá por meio de um rompimento do indivíduo com sua identidade de pecador

Através dessas diferenças, podemos compreender a ausência da necessidade da arte da interpretação entre os estóicos: Na medida em que a “confissão” entre estes está voltada para a constituição do eu enquanto sujeito do conhecimento e sujeito da vontade, e a força para tal constituição está no poder de memória do indivíduo e na qualidade da retórica do discurso do mestre, vão ser as artes da mnemônica e da retórica as privilegiadas.

1.3.7 - Possibilidades da constituição ética de si na atualidade

Quando Foucault passa da quase imanência do bio-poder na modernidade para a possibilidade de uma relativa liberdade do indivíduo para consigo mesmo na antigüidade, muitas críticas foram a ele dirigidas no sentido de considerar essa mudança de foco como indicativa de soluções escapistas, de um saudosismo teórico. Foucault por várias vezes desmentiu tais críticas. Ao referir-se ao *cuidado de si*, por exemplo, Foucault (1984c) argumenta que não é seu objetivo propor um princípio de vida ou uma base que necessita ser redescoberta. Em outra entrevista Foucault (1984d) afirma não considerar os gregos exemplares ou admiráveis, a respeito da possibilidade de se “aplicar” uma estilização da existência semelhante à dos gregos nos tempos modernos (p. 129). Numa terceira entrevista, Foucault (1983a) deixa claro, ao ser perguntado se os gregos ofereceriam uma alternativa atraente e plausível, que não quer fazer a história das soluções e sim *a genealogia das problematizações*, posição que segundo ele não conduz à apatia, mas *ao hiperativismo pessimista* (p. 256).

A segunda modalidade de crítica direcionada a Foucault a respeito de seus escritos sobre ética é a de incoerência com seu projeto anterior, principalmente no que se refere à questão de um renascimento da noção de sujeito em seus últimos escritos. Tal crítica é feita, por exemplo, por Dews (1994, p. 155), que nota que o eu, na Antigüidade Clássica descrita por Foucault, tem que preexistir de alguma forma para poder ocorrer uma auto-construção ou uma relação ética de si para si. Merquior (1985, p. 138) considera que a subjetividade nos últimos escritos de Foucault passou de uma variável dependente (produto do poder) para uma variável independente. Também para Jambert (1992, p. 239), a noção de um indivíduo que se constitui pressupõe a noção de sujeito, mas um sujeito transcendental enfraquecido em sua universalidade.. Em nossa opinião, essas críticas tem a mesma origem daquelas que vêem o retorno à Antigüidade como proposta de solução para a contemporaneidade: a não compreensão do sujeito na obra de Foucault como uma contingência histórica.

Rabinow e Dreyfuss (1995, p. XV a XIX) mostram que em sua obra Foucault mantém-se distante tanto da noção husserliana de um sujeito transcendental doador

de sentido, como da abordagem estruturalista, que tenta eliminar tanto o sujeito quanto o sentido, e da hermenêutica da suspeita derivada de Heidegger. Essa última corrente vê o sujeito como algo formado pelas práticas histórico-culturais nas quais ele se desenvolve, algo com que Foucault concorda, tendo como possibilidade última a confirmação da verdade de que a maneira de ser é sempre fruto de interpretação, algo em que Foucault não está interessado, uma vez que para ele não há sentido em se buscar verdades ocultas e nem interpretações cada vez mais profundas, sendo estas tendências derivadas da tecnologia da confissão já referidas. Foucault, para estes comentadores, combina em seu projeto, sob a influência das idéias de Nietzsche, uma preocupação pragmática com técnicas derivadas do estruturalismo e da hermenêutica, as quais ao mesmo tempo critica e utiliza, formando um projeto que acaba por se situar para além de ambos. Como podemos ver então, seu projeto é constituído por uma confluência de correntes de pensamento, todas elas críticas em relação à noção do sujeito transcendental. Ora, se não há um sujeito transcendental, não há a preocupação em sua obra de se alcançar uma essência do ser que determine a forma com que devemos nos comportar, como mostra Rajchman (1994, p. 192), o que implica em não haver a necessidade da importação de modelos da Antigüidade Clássica (mesmo que isso fosse possível). Se a formação do sujeito é uma contingência histórica, pode haver nenhuma, uma ou muitas formas de se tornar sujeito, nenhuma delas implicando numa noção de sujeito como algo transcendental, como fenômeno a-histórico ou uma *condição para o saber* (Rajchman, 1987, p. 87).

Feitas essas considerações, entramos no tema desse item, ou seja, a possibilidade da relação ética do indivíduo para consigo na atualidade. A primeira necessidade a ser considerada para se responder essa pergunta é a da existência de liberdade. Há, como vimos nos comentários a respeito de “O Uso dos Prazeres” a necessidade de uma liberdade relativa para a relação ética do indivíduo para consigo, uma vez que um código moral absoluto hipotético, que cubra todo o campo do comportamento e todos os casos possíveis inviabilizaria essa possibilidade. Foucault (1984c, p. 284) explicita essa necessidade em entrevista, onde afirma que a liberdade é uma condição para a ética. Ora para Foucault, de fato, o exercício de poder supõe a existência de liberdade, havendo, mesmo nas relações mais assimétricas de poder, um espaço, embora extremamente limitado, para a liberdade (p. 292). Isso equivale a dizer que há sempre a possibilidade de resistência ao poder, como já foi visto .

Considerando que há a possibilidade de exercício de resistências na atualida-

de, o que é necessário para a possibilidade ética do indivíduo contemporâneo é que essa resistência seja voltada às formas de subjetividade reinantes, ou seja, “*a recusa do tipo de individualidade que nos é imposta e a promoção de novas formas de subjetividade*” (Foucault, 1983b, p. 239). Bernauer (1992, p. 263) ao comentar esse trecho coloca que nosso objetivo nessa promoção não é o de descobrir, mas sim inventar uma forma de ser, ou seja, não se trata de descobrir uma verdade oculta ou um sujeito interior todo-poderoso. Deleuze (1988, p. 111) inverte esse raciocínio de forma interessante: se a liberdade relativa e a resistência são condições para a ética, a relação consigo é um dos pontos possíveis de resistência na atualidade. Para Foucault o aspecto fundamental a ser questionado na subjetividade atual é a hermenêutica de si, que assume nos tempos modernos a forma de uma tentativa interminável de se descobrir a verdade acerca de si mesmo (HL, p. 222). O desafio levantado é então o de se fundar uma nova ética baseada em outros parâmetros.

Antes de pensarmos quais seriam os parâmetros dessa nova ética, cabe colocar aqui algumas críticas de Foucault a tentativas contemporâneas de modificação da relação do indivíduo para consigo. A primeira seria a da liberação, especialmente sexual. Para Foucault essa idéia freqüentemente envolve o pressuposto de que há uma natureza interna que foi reprimida e que necessita ser “libertada”, cabendo aqui então a mesma crítica que foi feita a propósito da idéia de repressão levantada no comentário a respeito de “A Vontade de Saber”. Os movimentos recentes que pregam a liberação sexual, para Foucault (1983a) não encontraram nenhum princípio que sirva à elaboração de uma nova ética, continuando presos àquela “*fundada no dito conhecimento científico do que é o eu, do que é o desejo, do que é o inconsciente, etc.*” (p. 255). Para ele, o fato da progressiva suspensão dos códigos morais no período contemporâneo não ter fundado uma nova ética nas relações entre os indivíduos deixa claro que o surgimento de uma moral não se dá apenas pela dissolução das interdições (Foucault, 1984e, p. 81).

A segunda tentativa de formulação de uma nova subjetividade, mais abrangente que a anterior, a ser criticada por Foucault é a do redirecionamento da hermenêutica de si para uma emergência positiva do eu e não mais para o sacrifício do eu presente no Cristianismo (HL, p. 222). À essa modificação corresponde uma inclinação às tecnologias da identidade do eu, objetivo das instituições médicas, psiquiátricas e psicológicas desde o fim do século XVIII e onipresentes até hoje. Para Foucault esse eu que necessita da verdade acerca de si próprio talvez seja um correlato da tec-

nologia da confissão e, se assim o for, o mais adequado não seria encontrar formas positivas dessa hermenêutica de si, “*mas mudar essas tecnologias ou então livrarmos delas*” (HL, p. 223). É interessante a inversão descrita por Foucault (1983a) das tecnologias modernas do eu em relação à estética de existência grega: enquanto a última visava fazer da vida uma obra de arte, através do exercício sobre si que se dava essencialmente no domínio público, as tecnologias do eu voltam-se a uma busca da felicidade no domínio privado, na descoberta do eu, enquanto o espaço público se torna estetizado: a arte se transformou “*em algo relacionado a objetos e não a indivíduos ou a vida*” (p. 261). Um exemplo claro disso podemos ver nas revistas femininas, que analisaremos mais adiante, onde a divisão editorial se dá entre conselhos sobre como viver melhor, descobrindo a si e à própria sexualidade e como se vestir bem e ter um belo corpo, numa divisão eqüitativa entre uma tentativa da emergência positiva do eu e uma estetização do corpo, tornado objeto.

Como vimos anteriormente, Foucault não se propõe a fazer a “genealogia das soluções”, não se ocupando então de traçar parâmetros necessários à constituição de uma nova ética em termos globalizantes. Há, contudo, entrevistas onde se permite pensar tais questões em regiões delimitadas de experiência. Uma dessas regiões é a da sexualidade, a partir da possibilidade de invenção de novas formas de prazer. Foucault (1983a) considera que se dividirmos o comportamento sexual em três pólos - atos, prazer e desejo - fica clara a diferença entre diversos momentos históricos em relação a maneira como é problematizado o comportamento sexual: enquanto entre os gregos os atos são enfatizados e o prazer e o desejo são subsidiários e entre os chineses o prazer é enfatizado ao máximo a partir da restrição em relação aos atos, no Cristianismo, o desejo vai aparecer em primeiro plano, apesar de haver a necessidade de sua erradicação, enquanto os atos são restringidos ao casamento e o prazer é excluído. O momento moderno para Foucault se situa mais próximo ao cristão: continua a haver uma ênfase no desejo, com a diferença de que há uma aceitação em relação a ele, como algo a ser liberado, enquanto “*os atos não são muito importantes, e o prazer - ninguém sabe o que é.*” (p. 268). Em outra entrevista, onde trata da questão da amizade, Foucault (1981, p. 137) considera que a tarefa a ser considerada no campo da sexualidade não é a da liberação de nossos desejos, mas a de nos tornar infinitamente mais suscetíveis ao prazer. Na reflexão que faz a respeito do sado-masiquismo, Foucault (1982a) vai considerar que este permite o resgate do prazer desgenitalizado na relação sexual. O sado-masiquismo é, assim, uma possibilidade

de (re)invenção de novas formas de prazer, uma vez que há a utilização de cada parte do corpo como instrumento sexual, tornando possível a emergência de novas formas não-genitais de se experimentar o prazer, num exercício de resistência ao dispositivo da sexualidade, onde há, como vimos, uma definição da sexualidade sadia a partir da genitalidade. Rabinow e Dreyfuss (1995), ao considerarem a possibilidade de uma nova ética no campo sexual para Foucault, entendem que pensar no resgate do prazer como fundamento de uma nova ética, porém, não pode de forma alguma significar o abandono da análise da constituição do indivíduo moderno como alguém profundamente assujeitado, uma vez que qualquer novo sistema ético traz novos perigos, “*que devem ser descobertos e aos quais devemos através da analítica interpretativa*” (p. 290). Citando como exemplo o aconselhamento sexual na forma proposta por Master e Johnson, notam que há uma mudança de foco da decifração dos desejos para o aperfeiçoamento dos prazeres do corpo, algo que subverteria a hermenêutica de si descrita por Foucault, mas as técnicas propostas continuam a ditar o que é benéfico e normal, numa tentativa de otimizar a eficácia e o prazer. Ou seja, não há um libertação do bio-poder, mas uma sujeição ainda maior a ele

Uma segunda sugestão a respeito do exercício contemporâneo da ética é feita por Foucault quando este diz da possibilidade de se criar um modo de vida alternativo a partir de uma comunidade. Essa possibilidade é levantada em algumas entrevistas onde Foucault reflete sobre a questão da homossexualidade. Em uma dessas entrevistas, Foucault (1981, p.165) fala da possibilidade de criação de um modo de vida que pode ser compartilhado por vários indivíduos e que pode proporcionar tipos de relações diferentes das que estão em vigor, dando lugar a uma ética. Essa sugestão é desenvolvida de forma interessante por Francisco Ortega em obra recente. Ortega (1999) considera que o espaço intersubjetivo na obra de Foucault foi negligenciado pela maioria dos críticos e se propõe a fazer um resgate da importância da amizade em sua obra. Mostra que já nos escritos de Foucault sobre a ética na Antigüidade Clássica a presença do outro se faz fundamental ao indivíduo, na figura do mestre, do conselheiro, guia, professor, diretor de consciência, etc. Dá inúmeros exemplos dessa presença, mas notaremos aqui dois deles, a partir de nossos próprios comentários dos dois textos de Foucault no final do capítulo anterior, a respeito do auto-exame e da importância da correspondência entre os estóicos: no auto-exame é a força acrescida pelo conselheiro que permite a transformação do conhecimento em modo de vida e nas cartas é o oferecimento ao olhar do outro que lê a carta que permite que esse pe-

netre na consciência do que a escreve. Ortega (1999) considera, porém, que enquanto a amizade na Antigüidade Clássica só se desenvolve “*mediante a supressão das relações sexuais*” (p. 159), Foucault tenta fazer a “*recuperação do eros recusado desde a antigüidade*” em suas reflexões sobre a amizade na contemporaneidade, focando sua análise na amizade homossexual (p. 159). Se, para Foucault (1981) a homossexualidade é um campo propício *para reabrir as possibilidades existentes de relações e sentimentos* (p. 166), por ser um campo minoritário e diferenciado do restante da sociedade, é na reinvenção da amizade que para Ortega (1999, p. 146) reside a realização dessa possibilidade.

Finalmente, o pensamento filosófico surge como um terceiro campo onde a ética se torna possível. As idéias a respeito do exercício ético na atividade filosófica, que Foucault entende como *o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento* (UP, p. 13), estão dispersas por vários textos e são reunidas de forma interessante por Rabinow (1997, p. XXVII a XL). Este autor vai retomar essas idéias a partir do modelo dos quatro pontos principais propostos pelo próprio Foucault a respeito do exercício da ética:

Substância ética	Para Rabinow é a “vontade da verdade”, termo do qual Foucault se utiliza poucas vezes, sempre no sentido de que essa vontade é deixada de lado sob a imposição do saber fornecido pela ciência, religião e lei. Sua descrição mais clara, embora não por esta terminologia, está na consideração que Foucault faz a respeito da curiosidade, que vai consistir na tentativa de <i>se pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe</i> (UP, p. 13). A curiosidade vai significar um movimento de resistência em relação ao saber que exclui tudo que a ele não se enquadra.
Modo de sujeição	É fundamentalmente baseado no estabelecimento de uma relação estilizada em relação a si mesmo, às coisas e aos outros. Essa relação que se estabelece com o mundo envolve um teste dos limites do eu e da própria sociedade, numa determinação do que é desejável e possível de ser mudado. Tais mudanças desejáveis não são mudanças globais, mas parciais e específicas, como, por exemplo, a mudança que se mostrou possível em relação à percepção da loucura.
Elaboração	Vai assumir a forma de uma atividade crítica constante, numa proble-

do trabalho ético	matização do ser humano em relação ao que ele é, o que ele faz e a respeito do mundo em que ele vive, numa exploração da possibilidade de não sermos, fazermos ou pensarmos mais da mesma forma, o que constitui um exercício de liberdade.
Teleologia do sujeito moral	Caracteriza-se pela possibilidade constante do indivíduo em desprender-se de si mesmo

O que podemos perceber nas reflexões de Foucault a partir desses três possíveis campos de experiência ética é a recusa em fornecer um programa de propostas para os três. Isso porque, assim que um programa é apresentado, para Foucault, ele se torna lei e passa a haver uma proibição contra a inventividade. E é justamente essa possibilidade de contínua invenção, combinada com a percepção de que muitas coisas são contingências históricas e não são realmente necessárias, que permite o exercício ético (Foucault, 1981, p. 139-140). Não há porque, então, se substituir uma certeza por outra (não importa o quão transgressora esta última seja) que determine o que se deve ser, fazer, de que lado se deve estar. Para Deleuze (1988), a visão da luta pela subjetividade moderna como um *direito à diferença, à variação e à metamorfose* (p. 113) é uma das principais contribuições da obra de Foucault e o resgate da memória essencial nessa luta, na medida em que vai permitir o questionamento das formas de poder, eminentemente temporais. A lembrança e a recordação vão ser assim elementos fundamentais do exercício de qualquer forma de resistência.

O objetivo de nosso trabalho certamente não é o de propor parâmetros para o surgimento de uma nova ética contemporânea, algo a que o próprio Foucault se recusa fazer. Mas acreditamos na possibilidade de existência de “espaços” que apontam para a presença da relação ética das adolescentes para consigo na atualidade, apesar dos inúmeros “programas” propostos (e muitas vezes impostos) para a formação da identidade destes, advindos das mais diversas fontes, como por exemplo, de alguns ramos da Psicanálise e da imprensa voltada à adolescência, os quais veremos mais à frente..

1.4 - ADOLESCÊNCIA E PSICANÁLISE

1.4.1 - A Adolescência como problema

Vimos anteriormente que é necessário considerarmos a sexualidade como uma contingência histórica. Da mesma forma devemos tratar o fenômeno da adolescência. A análise histórica do fenômeno da adolescência mostra que sua gênese é recente (no século XIX) e seu caráter bastante diferenciado em função das diferenças socioculturais, sendo impossível se encontrar uma única definição válida em todos os lugares e épocas. Dessa forma é necessário o descolamento da noção de adolescência com a da puberdade, uma vez que a forma como se dá a adolescência é relativamente independente das modificações biológicas pelas quais o corpo passa na puberdade.

Nas sociedades modernas, segundo Abramo (1994), há um prolongamento do processo de preparação do adolescente para o mundo adulto, que acompanha uma menor definição de papéis se comparada às sociedades tradicionais. Essa descontinuidade ainda mais ampliada entre os universos infantis e adultos, espaço onde se “encaixa” a adolescência, é fruto da acentuada divisão do trabalho e da especialização econômica. Ariès (1981, p. 192) mostra que essa ampliação do espaço do adolescente nasceu, no século passado, junto aos segmentos mais abastados, que podiam manter seus filhos longe das atividades produtivas para prepará-los para as funções futuras. Por outro lado, como observa Abramo (1994), *“esse tipo de preparação voltada para um momento posterior implica uma grande dose de segregação do mundo adulto e um longo adiamento da maturidade social”* (p. 3). A consequência desse fato é que o adolescente passa a formar, nas sociedades modernas, grupos de pares onde vai buscar símbolos de identificação e laços de solidariedade, uma vez que a identidade do adolescente como “aquele que espera para ser adulto” não pressupõe as novas necessidades surgidas na adolescência. Esse fenômeno se intensifica nas sociedades industriais modernas, pois o avanço tecnológico funda uma adolescência cada vez mais destacada como categoria social. Abramo (1994), observa também, a partir do estudo de outros autores, que as questões da delinquência e rebeldia juvenil foram categorias amplamente utilizadas na problematização da juventude ao longo de todo esse século. Houve ao mesmo tempo a caracterização simultânea do que seria a juventude

normal, a qual, porém, “*contém elementos que a definem como uma condição que guarda sempre, potencialmente, possibilidade de rupturas e descontinuidade das regras sociais* (p. 10).

Ao analisamos a história do interesse científico pela questão da adolescência, podemos ver que houve desde o início deste século uma certa preocupação dentre algumas tendências que debatiam sobre a adolescência de garantir ao adolescente liberdade e possibilidades de autogoverno. Tais tendências sempre foram minoritárias frente àquelas que defendiam a necessidade de maior controle. Conforme nos mostra Passerini (1996), foi só a partir dos anos 50, porém, que o interesse pela adolescência se amplificou, principalmente nos EUA. Nessa época surgem os estudos sobre a “*delinqüência juvenil*”, termo nascido da constatação de uma categoria social que não se enquadrava aos ideais do mundo adulto. O adolescente passa a ser definido como o diferente, o que pode ser percebido inclusive nos termos através dos quais a sociedade passou a se referir a ele (tribo, gang, subcultura). Nasce assim o conflito de gerações, processo que percorreu todo o mundo ocidental moderno, com diversas nuances regionais e que vem acompanhado de uma progressiva preocupação com a adolescência como classe a ser disciplinada, regulamentada e protegida.

Lapassade (1968) entende a crise juvenil como resultado da dificuldade de adequação às normas e instituições do mundo adulto no qual o jovem se insere. Há então para ele a possibilidade de questionamento dessas normas e instituições, se tornando a adolescência ao mesmo tempo foco de movimentos de resistência e objeto de preocupação da sociedade.

A sexualidade sempre foi um conceito chave na definição e problematização da questão da adolescência na sociedade ocidental moderna. Vimos em “*A Vontade de Saber*” que, para Foucault a sexualidade do adolescente passou a ser, a partir do séc. XVIII, um importante foco em torno do qual se dispuseram “*inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas*” (p. 32). Ariès (1992) ao estudar o fenômeno específico da sexualidade na adolescência, observa que a expansão do período de virgindade das mulheres, causado pelo casamento progressivamente tardio a partir do séc. XIX, gerou uma sexualidade pré-conjugal que não envolvia o coito, passando a existir um tipo de sexo antes e outro depois do casamento (p. 104). Essa divisão estabelecida entre as mulheres virgens e não-virgens traz importantes conseqüências quanto à constituição da identidade feminina: garantir a virgindade até o casamento

passa a ser uma forma de garantir o futuro papel de esposa e mãe.

As mudanças mais recentes na forma como os adolescentes lidam com o sexo são consequência de mudanças mais amplas dos códigos de valores ligados à sexualidade nas sociedades ocidentais modernas. Houve uma intensificação destas mudanças a partir dos anos 60, quando ocorreu nessas sociedades o que se convencionou chamar “Revolução Sexual”, ou seja, a conquista de maior liberdade para a mulher na esfera sexual, passando esta a exercer outros papéis além do de heterossexual monogâmica, que tem o marido como único parceiro sexual durante a vida, conquista esta que implicou numa relativa liberalização dos costumes ligados ao sexo. Todavia não se pode esquecer aqui das idéias de Foucault, para quem a História da Sexualidade moderna não pode ser contada apenas em termos de existência ou não de repressão. Autores como Engel (1988), a partir de suas idéias, mostram que essas mudanças “*são continuamente ratificadas pelo saber médico e científico, que não são de modo algum neutros*” (p. 14). O controle e a disciplinarização dos corpos e comportamentos continua existindo, sob a forma de normas e procedimentos “*que assegurem o bom desempenho sexual através, por exemplo, da obtenção do orgasmo e do máximo prazer nas relações sexuais*” (idem, p. 15). A partir dos anos 80, com o surgimento da AIDS, esses procedimentos de controle assumiram novas, no que se convencionou chamar “sexo seguro”, conjunto de procedimentos para se evitar a contaminação pelo HIV.

1.4.2 - A Adolescência para a Psicanálise

Frente às questões consideradas anteriormente, qual seria o lugar da Psicanálise da adolescência? Teria ela um lugar normatizador, de delimitação da conduta “correta” para o adolescente ou poderia ela enxergar a adolescência como um foco possível de transformações sociais saudáveis? Como vimos anteriormente, essa é uma questão difícil de ser respondida e muitos dos principais teóricos oscilam entre um e outro pólo. O aspecto normatizador da Psicanálise aparece de forma mais clara no que é comumente denominado “Psicanálise selvagem”, ou seja a profusão de inferências para explicar determinados fenômenos sociais a partir de um saber que é eminentemente clínico. Com relação à adolescência, é comum se observar alguns dos principais autores cometerem esse equívoco. Para citar um exemplo, tomemos como

tema a iniciação sexual entre as adolescentes. A iniciação sexual tem no mundo ocidental como um todo ocorrido mais cedo entre as mulheres a partir dos anos 60. A extensa pesquisa realizada periodicamente pelo MMWR (1991) nos EUA, por exemplo, mostra que o início do relacionamento sexual para as adolescentes de 15 a 19 anos foi se dando progressivamente mais precocemente entre os anos de 1970 e 1988: em 1970, 28,6 % das adolescentes relataram terem tido intercurso sexual, número que subiu para 36,4 % em 1975, para 42,0 % em 1980, para 44,1 % em 1985 e para 51,5 % em 1988 (p. 312). Os psicanalistas, no entanto, mostravam-se muito preocupados com esse fato em um momento que, se olharmos retrospectivamente, não haveria razão para tanto:

“Os jovens em confusão podem impedir o desenvolvimento de sua identidade, concentrando-se numa atividade genital prematura sem intimidade...” - Erik Erikson (1968, p. 186)

“ A pseudomodernidade nos padrões sexuais é em grande parte responsável por muitas complicações no desenvolvimento da feminilidade (...) No esforço para assimilar as características masculinas que têm raízes na fisiologia e anatomia masculinas, a menina adquiriu uma superficialidade de sentimentos e primitivizou a sua condição de mulher” - Peter Blos (1962, p. 146)

“Considero as moças que estão prematuramente envolvidas em “amor livre” não como as vencedoras, mas como as vítimas da sociedade adolescente rebelde. Muitas delas ainda estão envolvidas em suas primeiras relações com amiguinhas. Elas “brincam”, como se diz, com rapazes - mas estão ainda de olho nas moças, e sua atividade heterossexual na realidade mostra muito pouca participação interior. Vemo-las dançando com violentas contorções corporais, exibições de aparência sexual e gestos vulgarmente eróticos; mas não podemos deixar de observar a falta de qualquer relação objetual em seu desempenho” - Helen Deutsch (1967, p. 93-94)

Em contraste, podemos notar em um texto de Winnicott uma visão antagônica a destes teóricos, em referência ao mesmo fenômeno citado:

“O desenvolvimento de técnicas contraceptivas deu ao adolescente a liberdade de explorar. Trata-se de uma forma muito nova de liberdade: a

liberdade de investigar a sexualidade e a sensualidade sem qualquer desejo de ter filhos e, mais, cuidado para não ter de trazer ao mundo uma criança indesejada e sem pais. (...) Mas sugiro que, ao examinarmos o problema da adolescência, aceitemos o fato de que o adolescente moderno tem a opção de explorar todo o território da vida sensual sem a agonia mental acarretada pelo medo de uma concepção indesejada” - D. W. Winnicott (1965) (p. 120)

Tal discrepância não é apenas uma eventualidade. A meu ver, ela tem raízes profundas e conseqüências perigosas. Das raízes, muito já foi dito: é o mesmo caráter normatizador descrito por Foucault quando da análise das práticas da Psiquiatria e Psicologia que está aqui presente. Felizmente com direito à existência de um espaço de resistência. Já as conseqüências possíveis vão no sentido da atribuição de uma série de distúrbios ao adolescente que necessitam ser “curados” de alguma forma. Além da área clínica, propriamente dita, muitos desses teóricos tiveram influência no campo da Pedagogia, em especial Erikson, em relação à pedagogia norte-americana. Em contraste com esse “excesso” de intervenção temos novamente aqui a posição de Winnicott. Para Winnicott (1965), o papel dos “adultos” em relação aos adolescentes é o de espectador. Isso porque o adolescente tem como necessidade começar seu caminho do zero, ignorando todo o desenvolvimento histórico da cultura, em sua luta para sentir-se real e viver de forma autêntica. Por isso não há como se “fornecer” uma identidade ao adolescente, que será sempre por esse rechaçada. A sociedade deve ir de encontro a esse processo de forma tolerante, reagindo ativamente a ele, mas sem a perspectiva de “cura”, uma vez que muitas das intercorrências da adolescência que poderiam ser consideradas patológicas são “curadas” unicamente pelo fator tempo. Winnicott (1965) finalmente se questiona se nossa sociedade teria saúde suficiente para esse contato saudável com o adolescente (p. 122-125). É interessante notar a forma como o pensamento de Winnicott, embora trilhando por vias totalmente diversas, chega a uma crítica semelhante à de Foucault vista anteriormente, a respeito da total ineficiência e inadequação da imposição de modelos identitários, aqui referidos à adolescência. Essa imposição, não importando o conteúdo de tais modelos, acaba por destruir a inventividade própria dos adolescentes.

Feitas estas considerações a respeito do lugar que a Psicanálise ocupa com relação à problematização da adolescência, passamos a considerar os seus principais desenvolvimentos teóricos. Cabe lembrar aqui que a prática psicanalítica (e conse-

quentemente a teorização) se deu primeiramente entre adultos, para a seguir voltar-se à infância, com os trabalhos de Melanie Klein e Anna Freud, e por último à adolescência. A grande maioria dos autores vai falar de uma retomada de conflitos infantis nessa fase, sendo a natureza destes dependente da forma como os autores entendem a própria infância. Talvez a idéia mais influente que pode-se dizer ser específica da Psicanálise da adolescência é a consideração dessa fase como o momento crucial de formação da identidade. É interessante então iniciar a revisão bibliográfica específica da Psicanálise da Adolescência por uma exposição crítica desta idéia, para a seguir passar às questões da elaboração dos vínculos infantis, do relacionamento com o próprio corpo e com a sexualidade, do desenvolvimento intelectual e da noção de tempo para os adolescentes.

1.4.3 - Identidade

Erikson (1968), que desenvolve a maior parte de suas teorias nos anos 50 e 60, vai considerar o conceito de identidade como central para o entendimento da adolescência. A identidade para ele se define pela presença de um sentimento consciente da singularidade individual, por um esforço inconsciente para manter a continuidade da experiência e pela solidariedade com os ideais do grupo (p. 187). Sua formação se dá a partir de dois processos simultâneos: o primeiro onde o indivíduo julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, e o segundo onde julga a maneira como os outros o julgam, à luz do modo como se percebe a si próprio em comparação com os demais (p. 21). Define então o indivíduo sã como aquele que reconhece em si mesmo um ser único, dentro de uma determinada sociedade, com um passado, presente e futuros particulares. Para tanto, necessita adquirir um *“firme sentido de identidade”* (p. 89).

A necessidade da identidade saudável está presente também em estudos transculturais realizados pelo próprio Erikson durante sua vida, principalmente voltados a grupos indígenas norte-americanos. A partir de estudos em relação a alguns problemas atravessados pelos Sioux e Yurok, por exemplo, Erikson (1950) conclui que a sociedade não pode se permitir ser arbitrária e anárquica, devendo haver um esforço para se obter um ego estruturado na maioria dos seus integrantes, ou seja,

“uma essência individual suficientemente firme e flexível para reconciliar as contradições necessárias em qualquer organização humana, para integrar as diferenças individuais e, sobretudo, para emergir de uma infância longa e inevitavelmente tímida com um sentimento de identidade e uma idéia de integridade” (p. 171).

A adolescência é para Erikson (1968) o período decisivo para a formação da identidade, onde o indivíduo vai passar por diversas crises, até poder localizar verdadeiramente seu ego no tempo e no espaço, reconhecendo um passado único e divi-sando um futuro pessoal para si próprio (p. 23). Esse processo necessita, portanto, da capacidade intelectual do indivíduo de colocar sua existência dentro de uma perspectiva histórica, avaliando como foi no passado, como é no presente e como poderá vir a ser no futuro. Mas necessita também do provimento de lugares sociais pela sociedade que permitam a experimentação de papéis pelo adolescente.

As idéias de Erikson sobre a adolescência foram primeiramente criticadas, na época em que foram formuladas, por considerarem como normais certos comportamentos adolescentes considerados aberrantes por muitos, justamente uma das grandes contribuições da sua teoria. Há, porém, uma série de críticas de outra ordem possíveis de serem feitas ao seu conceito de identidade. Slugovski & Ginsburg (1989, p. 37-39) desenvolvem algumas dessas críticas. Primeiramente, consideram que as sociedades em geral são, em maior ou menor grau, assimétricas em relação à distribuição do saber e das riquezas entre seus membros. Tal fato inviabiliza que estas ofereçam a possibilidade de experimentação ao adolescente necessária ao processo de formação da identidade proposto por Erikson, o que pressupõe que tal processo seria específico de segmentos sociais muito específicos, um privilégio somente de indivíduos do sexo masculino, ocidentais e de razoável nível econômico (p. 38). Além disso, segundo eles, há de forma implícita na teoria de Erikson uma culpabilização do adolescente pelos problemas por ele apresentados, uma vez que a identidade nessa teoria é um atributo individual e a “falha” em sua formação é um fracasso situado muito mais no indivíduo do que no ambiente social circundante.

Tal noção de identidade vai ser bastante diferente da que pode ser abstraída das idéias de Foucault já vistas. Conforme mostra Racevskis (1994), Foucault questiona a noção de identidade como sendo uma possessão do indivíduo, como sendo algo constituído pela experiência pessoal e pela história do indivíduo (p. 21), idéias

estas próximas às de Erikson. Para Foucault, ao contrário, a identidade é algo que “possui” o indivíduo, sendo inevitavelmente um produto da história da sociedade e cultura em que vivemos. Daí a necessidade já citada de um “*desprendimento de si*”, algo que vai em um sentido oposto ao estabelecimento do “*firme sentido de identidade*” proposto por Erikson.

Pensamos que uma alternativa à essa noção dentro do próprio pensamento psicanalítico pode ser dada pelo conceito de *identificação*, uma vez que essa noção não envolve o caráter monolítico implícito na noção de identidade.

1.4.4 - Identificação

A identificação é um conceito existente antes do desenvolvimento da Psicanálise e que foi por esta apropriado em um sentido específico. O termo *identificação* é utilizado em diversos textos de Freud, sendo esta considerada o mecanismo principal de formação do ego. A exposição mais completa do tema nos escritos de Freud encontra-se na obra *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921, p. 49-54). A identificação neste texto é definida como o mecanismo pelo qual o próprio ego do indivíduo se modifica segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo. Pode assumir três formas principais:

- a primeira e mais básica é a relacionada ao Complexo de Édipo, onde o menino apresenta o desejo objetual pela mãe e se identifica com o pai, que se torna um modelo, ao mesmo tempo que é odiado.
- a segunda é a identificação com a própria pessoa desejada ou amada. Esse tipo de vínculo, para Freud, é presente, por exemplo, no homossexualismo,
- a terceira é a identificação baseada no desejo ou possibilidade de colocar-se na mesma situação que uma determinada pessoa, que não é diretamente objeto de amor ou de desejo sexual.

Desde a infância, há uma coexistência de uma série de identificações, com todas as figuras significativas para a criança, pelas quais se desenvolve uma relação afetiva. Há nesse sentido, para Freud uma “pluralidade de pessoas psíquicas” em um mesmo indivíduo.

Para Octave Mannoni (1992, p. 98-100) as identificações são em sua grande maioria parciais e se referem a partes do ego de um indivíduo e de outro “copiado”, tendo sempre um caráter inconsciente. Esse processo deve ser considerado juntamente com seu processo contrário, a desidentificação, que envolve a conscientização em relação a uma identificação prévia e que tem um lugar fundamental na análise de um paciente. Assim como a formação do ego é comparada por Freud com uma cebola, com suas diversas identificações (camadas) sucessivas, o processo da análise seria o equivalente, para Mannoni, ao “descascar” dessa cebola, ou seja, a tomada de consciência em relação às diversas identificações realizadas, permitindo o processo de desidentificação.

A adolescência para Mannoni (1992) é o momento em que os processos de identificação são mais importantes e decisivos. O processo de adolecer envolve uma mudança egóica acentuada, fruto da condenação das identificações passadas (infantis) e da busca desenfreada por novas identificações. O adolescente adquire um ar “emprestado” para Mannoni (1992), *“como se estivesse usando as roupas de um outro, como se fizesse os gestos de um outro, como se falasse a fala de um outro”* (p. 121), vindo com o tempo a integrar o que a princípio empresta, fazendo-o seu.

A permanência e o convívio com esta pluralidade de identificações parece ser uma forma mais adequada de referência ao processo de adolecer do que o estabelecimento do “firme senso de identidade” proposto por Erikson. Isso porque abre ao eu a possibilidade contínua de vir a ser outro. Calligaris (1998) analisa de forma interessante essa possibilidade também em referência ao adulto, a partir de uma reflexão a respeito do neologismo “adulthood” utilizado nas línguas inglesa e francesa, que se refere à permanência na fase adulta de características antes atribuídas aos adolescentes. A possibilidade de reinvenção de si mesmo, própria da adolescência, se torna também o ideal da vida adulta na modernidade para Calligaris (1998), uma vez que a liberdade de escolha é para ele o símbolo maior da modernidade. Por isso, *“idealizar a adolescência é um gesto celebrador de nossa própria cultura, uma maneira de tecer o elogio da liberdade”*. Essa reinvenção de si vai ser necessária em diversos momentos da vida adulta, como, por exemplo, na aposentadoria. É interessante notar aqui uma espécie de inversão do raciocínio a respeito da noção de identidade: de se considerar (como por exemplo, na obra de Erikson) como “saudável” a passagem de identificações múltiplas para uma identidade única durante a adolescência, a se pensar que é na possibilidade dessa multiplicidade na vida adulta que estaria a saúde

psíquica nos dias de hoje.

1.4.5 - A elaboração dos vínculos infantis

Como vimos, grande parte dos autores vão considerar que ocorre na adolescência uma revivência de conflitos infantis, principalmente aqueles ligados à situação edípica. Blos (1979) considera que a adolescência tem como correlato um desligamento dos objetos infantis internalizados (p. 98). Esse desligamento (mesmo processo descrito por Mannoni como o de desidentificação) implica em um contato, quase nunca isento de conflitos, com esses objetos, ou seja, há uma renovação do contato do ego com posições pulsionais e egóicas infantis. Há uma regressão egóica inerente a essa revivência de estados do ego (identificações) parcialmente abandonados (p. 105). Somente através do confronto com esses objetos é que o passado se desvanece e se dá o “*movimento para adiante da libido*” (p. 109). Há uma pressuposição básica, então, de que a maturidade só pode ser alcançada pelo conflito. Para que essa regressão necessária ocorra, porém, é necessário um ego que tolere a ansiedade resultante, ou seja, é necessário um ego razoavelmente estabelecido a princípio. Helen Deutsch (1967, p. 24-25) considera que há uma desvalorização dos objetos internalizados das identificações anteriores, geralmente ligadas às figuras parentais, sendo que a perda desses velhos objetos internos se dá antes que novos tenham entrado na vida emocional.

O luto pelos pais da infância é uma das tarefas básicas da adolescência para Aberastury e Knobel (1970), que vão considerar que um fator complicador nesse momento é a ameaça de perda da dependência infantil num momento em que ela ainda é necessária (p. 67). As figuras parentais vão se substituídas, em uma negação da fantasia edípica subjacente, por figuras idealizadas na figura de professores, heróis ou companheiros mais velhos (p. 57). Esse processo todavia pode ser facilitado ou não pela conduta dos pais. Pais que não compreendem as flutuações da adolescência acabam por dificultar essa vivência pelos próprios adolescentes. Muitos pais sentem inveja da condição dos próprios filhos e revivem na relação com eles os próprios conflitos da adolescência, muitas vezes necessitando manter inconscientemente os filhos como crianças para fugir ao sentimento de envelhecimento e morte (Levisky, 1995, p. 46).

A resposta a esse vazio identificatório por parte do adolescente se dá de três formas possíveis:

- Incremento do Narcisismo. As catexias liberadas das antigas relações objetais vão em um primeiro momento fortalecer o narcisismo do adolescente (Deutsch, 1967),. Esse narcisismo transborda para todos os relacionamentos deste: o amor do adolescente para esta autora não é uma relação objetal plena, mas fruto da projeção do eu (ou parte dele) nos amigos ou pessoas amadas (p. 27). Blos (1979) observa que este voltar para si implica numa autocentralização do adolescente, que passa a se imaginar independente dos objetos amados e odiados da sua infância (p. 112). Esse processo para o mesmo autor, todavia, tem sua contrapartida no sentimento de inexistência ou desamparo e no desespero pela perda dos objetos (p. 273).

- Identificação com o grupo. O vazio gerado pelos objetos internos abandonados para muitos autores vai gerar a identificação com os amigos na adolescência. Essa resposta é fruto do sentimento ameaçador de solidão e da incerteza quanto aos “refúgios” possíveis (Deutsch, 1967, p. 76). O grupo vai ser um substitutivo parental ao exercer as funções de continência frente aos novos anseios e temores. Por outro lado o grupo funciona muitas vezes no sentido de fornecer uma identidade oposta à preconizada pelos pais. O adolescente volta-se não só contra seus primeiros objetos amorosos na tentativa de se separar deles como também se volta contra a visão de realidade e moral que foi por eles transmitida, processo que toma forma de repúdio aos valores parentais no grupo de amigos (Blos, 1962, p. 159) A identificação com o grupo aparece não só em um momento em que os objetos infantis foram deixados de lado, mas também tem importância fundamental no processo para que isso ocorra (Aberastury e Knobel, 1970, p. 37). O grupo além disso permite o teste de vários papéis, sem a exigência de qualquer compromisso permanente, aliviando as culpas que acompanham a emancipação frente à figuras dos pais (Blos, 1979, p. 108).

- A adoção de identidades transitórias. A experimentação de papéis é importante no processo de aquisição da identidade definitiva. As identidades transitórias podem ser adotadas durante um certo tempo com finalidades específicas (por exemplo, o período de machismo no sexo masculino), em virtude de situações novas a serem enfrentadas (por exemplo, um primeiro encontro com um parceiro) ou em relação a ambientes diferentes freqüentados pelo mesmo (Aberastury e Knobel, 1970, p. 33-34). Para Winnicott (1965, p. 123), o fato dos adolescentes não saberem o que se tornarão

e o que estão a esperar gera nos mesmos um sentimento de irrealidade e a necessidade de tomar atitudes que lhes pareçam reais, através da experimentação.

Estas três respostas não são de forma alguma excludentes entre si. Na verdade o que parece ocorrer na maioria dos casos é a identificação com os amigos e a adoção de identidades transitórias após um primeiro momento de intenso investimento narcísico por parte dos adolescentes.

1.4.6 - O Corpo

Para a Psicanálise da adolescência, a relação do adolescente com o próprio corpo é marcada pela rápida transformação pela qual este passa, que geram um sentimento de estranheza, insatisfação e impotência frente à mudanças que independem da vontade. Há a necessidade da elaboração do luto pelo corpo de criança perdido, corpo já conhecido e não ameaçador (Aberastury e Knobel, 1970, p. 35 e 64). O corpo muda mais rápido que a imagem corporal correspondente, o que causa no adolescente uma grande preocupação em relação a este enquanto um lugar de defeitos de todas as espécies, como por exemplo, excesso ou falta de peso, marcas de espinhas, pilosidade, etc. (Levisky, 1995, p. 36 e 37).

A sexualidade, que veremos mais detalhadamente no próximo item, também é sentida pelo adolescente como uma força que irrompe sobre ele e não como uma expressão dele mesmo, o que gera muitas vezes como defesa um mecanismo esquizóide através do qual o corpo é colocado como algo externo ao indivíduo. (Aberastury e Knobel, 1970, p. 48). Um exemplo claro disso é o da poluição no adolescente do sexo masculino, que gera nele a sensação de que ele não é mais o senhor das próprias funções corporais adolescente (Deutsch, 1967, p. 32). Podemos perceber aqui uma substituição da dependência própria da infância em relação aos adultos pela dependência em relação aos próprios impulsos por parte do adolescente.

Ferrari (1996) desenvolve de forma interessante a idéia do corpo como algo que se impõe ao adolescente. Para esse autor, o adolescente observa o seu próprio corpo se construindo a partir das mudanças físicas da puberdade, sendo tal processo tão rápido e forte que é sentido por ele quase como um segundo nascimento (p. 31). Há na adolescência uma inversão do processo mais comum: ao invés da mente conter

os impulsos vitais do corpo e lhes dar uma direção, é o corpo que nesta fase da vida vai se propor à mente sob o impulso do desenvolvimento biológico. Tal processo chega a gerar uma sensação de estranhamento do próprio corpo no adolescente e sua vivência é sempre dolorida. No caso da adolescente do sexo feminino, há um correspondente físico a essa dor psíquica nas cólicas menstruais muito comuns nesta fase (p. 35). A partir disso, há a necessidade da integração da dimensão física com a mental, de forma a se reduzir as desarmonias e perturbações vivenciadas. As defesas psíquicas mais comuns aqui correspondem à negação do desenvolvimento do corpo e um esforço de infantilização ou a um salto sobre esse período, sob a forma de um tornar-se adulto precoce, ambos processos envolvendo várias perdas psíquicas.

1.4.7 - Sexualidade

A sexualidade para a Psicanálise da adolescência é permeada pelo fenômeno da regressão e da relação com o corpo já vistos e se desenvolve através de fases ou momentos distintos, evoluindo de um auto-erotismo presente na masturbação à relação objetual, presente muitas vezes nas relações sexuais propriamente ditas.

A masturbação tende a ser percebida contemporaneamente como um ato importante por facilitar o controle e a integração dos novos impulsos surgidos. Há na masturbação uma associação entre fantasias, sensações e a imagem mental do objeto, misturadas ao resíduo de fantasias primitivas (Levisky, 1995, p. 33). Nesse momento de auto-erotismo, o sexo oposto, apesar de desejado, é ainda temido, o que faz com que algumas vezes se desenvolva a homossexualidade transitória, que tem as características de uma admiração narcísica com a presença, às vezes, de masturbação mútua, que tem aqui as mesmas funções psíquicas da masturbação individual.

A relação com o sexo oposto tem em seu início também o caráter eminentemente narcísico, uma vez que o outro tende a ser visto como um prolongamento do eu e não como um indivíduo em separado. O caminho para a relação plena com o sexo oposto passa por uma elaboração dos impulsos pré-genitais incluindo aí suas relações de objeto pré-edípicas. Tal elaboração, contudo, não é simples. O esforço para a satisfação genital na adolescência é muitas vezes acompanhado por elementos negativos, como a ambivalência das emoções, o caráter incestuoso das fantasias e a

tendência para se identificar com os objetos (Deutsch, 1967, p. 32). Ao lado dos impulsos libidinais, são também intensificados os impulsos agressivos, que muitas vezes se misturam aos primeiros (Blos, 1979, p. 20-21). Estes impulsos agressivos podem se voltar contra a própria pessoa como uma necessidade de punição, o que ocorre muitas vezes no exercício da vida sexual entre adolescentes.

Com relação ao início da vida sexual para a adolescente do sexo feminino, Dolto (1982) faz algumas considerações importantes. Para ela, a adolescente sente a primeira relação sexual sempre como uma violação, que pode ter um caráter castrador se acompanhada do sentimento de fracasso erótico ou da descoberta do erro na escolha emocional, ou um caráter voluptuoso, se o parceiro sexual se mostrar reconhecido pela intenção de dádiva do próprio corpo presente na adolescente (p. 90 e 91). Para Freud, em “O Tabu da Virgindade” (1911), a primeira relação para a mulher envolve também uma ferida narcísica: há uma ofensa narcisista no fato, uma vez que a perda da virgindade desencadeia muitas vezes na mulher uma reação de hostilidade contra o parceiro sexual. Essa reação muitas vezes pode assumir formas patológicas, uma vez que a primeira relação para a mulher põe em jogo o complexo de castração feminino: a perda da virgindade é ao mesmo tempo entendida como perda de uma parte do corpo (o hímen) e a perda do caráter narcísico, que Freud atribui predominantemente à mulher. Em “A Sexualidade Feminina” (1931) Freud encara a dificuldade da elaboração da perda da virgindade como consequência da existência de uma fase pré-genital no desenvolvimento edípico da menina, onde a mãe é o principal objeto de amor. A reação de hostilidade em relação ao parceiro sexual é então explicada pelo fato da primeira relação sexual remeter a mulher à sua condição feminina, o que faz com que o parceiro herde o ódio que esta apresenta inconscientemente em direção à mãe, por esta tê-la feita mulher e, portanto, castrada.

1.4.8 - O Tempo

Uma das características presentes na adolescência, para a Psicanálise da Adolescência, é a falta de relação entre o tempo interno, psicológico, e o tempo cronológico, imposto pela realidade (Levisky, 1995, p. 89). Para o adolescente o tempo se torna sempre presente, em uma relação de imediatismo, fato que está ligado, por um

lado à dificuldade de elaborar o luto frente ao passado e à parte do ego e seus objetos deixados de lado, e por outro à angústia quanto ao futuro. Há uma relação com o tempo como se este fosse um objeto manipulável, gerando por vezes atitudes de buscar um afastamento dele, na busca de momentos de solidão onde se possa ficar “fora” desse tempo (Aberastury e Knobel, 1970, p. 43 e 44).

O desenvolvimento psicológico na adolescência está diretamente ligado à construção de uma história própria pelo indivíduo, isto é, ao estabelecimento de um passado e a possibilidade de lidar com futuros possíveis. Tal possibilidade implica em um desligamento do ambiente adulto que funcionou durante muito tempo como guardião do ego infantil. Na medida em que os vínculos infantis são elaborados, passa a haver a possibilidade dessa continuidade histórica (Blos, 1979, p. 125). A reconciliação com o passado e o futuro permite ao adolescente a formulação de um plano coerente para sua vida adulta, ponderando sobre o que gostaria de se tornar a partir da própria experiência passada. A confusão temporal, porém, aparece com frequência devido à multiplicidade de memórias e possibilidades presentes (Erikson, 1968, p. 181).

Cabe aqui uma reflexão a respeito dessa percepção do tempo: seria este viver em um eterno presente uma característica específica da adolescência ou fruto de um contexto histórico mais amplo? Jameson (1989) vai identificar o “apagamento” do sentido de história como uma das características básicas do Pós-Modernismo. Para este autor, o sistema social contemporâneo perdeu a capacidade de conhecer o próprio passado, tendo começado a viver “num presente perpétuo, sem definição e sem identidade segura” (p. 125). Para este autor esta é a chave que conecta as principais características da sociedade (pós)moderna, como a aceleração dos ciclos do estilo e da moda, o crescente poder da publicidade e da mídia eletrônica, o advento da padronização mundial e o neo-colonialismo.

1.4.9 - Aspectos cognitivos

Antes de entrar nas considerações da Psicanálise da Adolescência sobre esta questão, é necessária uma revisão das idéias de Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo nessa fase de vida. Para Piaget (1975) a adolescência tem como correlato à

nível cognitivo o advento do pensamento formal, ou seja, a possibilidade do pensamento hipotético-definitivo, a partir do qual a realidade pode ser posta em questão. Apesar de reconhecer a necessidade de uma maturação neurológica, Piaget considera que é na interface com a realidade que essa nova estrutura irá se formar. O pensamento formal implica na possibilidade de se pensar além do que é dado pela realidade concreta, permitindo a elaboração de teorias sobre a realidade, que vão ser confrontadas com outras teorias e com a própria realidade, que assume uma função reguladora. Para Piaget(1975), o que muitas vezes acontece na adolescência, ou pelo menos em seu início, é a ausência desse confronto entre as idéias do adolescente com a realidade, o que define um estado de egocentrismo. Nesse estado (que poderíamos associar no campo emocional ao narcisismo típico da adolescência já descrito) o adolescente, para Piaget (1975), vai procurar adequar o mundo aos seus pensamentos e não o contrário.

A utilização dos recursos intelectuais para a Psicanálise da Adolescência, é muitas vezes na adolescência uma defesa contra a emergência de impulsos primitivos (Anna Freud, 1946, p. 138). Daí a necessidade de manipulação da realidade sob a forma do teorizar fantasioso por parte do adolescente, na adequação do mundo a si (Aberastury e Knobel, 1970, p. 39). Esse tipo de atitude está muitas vezes ligado ao exercício de introspecção e ao ato de escrever (poesias, diários e cartas), e mostra os aspectos cognitivos impregnados pela vida emocional intensa. Para Blos (1962), o diário tem a *“função psicológica de preencher o vazio emocional experimentado quando as novas moções pulsionais da puberdade já não podem ser articuladas com velhos objetos e ainda não podem ser articuladas com novos”* (p. 98-99). O diário mantém a vida de fantasia parcialmente relacionada com a realidade, uma vez que as fantasias uma vez escritas tornam-se mais efetivas do que ao serem somente imaginadas e a verbalização contribui para colocar o conteúdo mental mais próximo da realidade. O diário para Blos (1962) vai ter também uma função de contenção dos impulsos: uma vez dando lugar à experimentação fantasiosa substitui a possível *“atuação”* dessas fantasias. Finalmente, o diário vai colocar-se a serviço dos processos identificatórios, proporcionando maior consciência da vida interior e *“tornando o ego mais eficaz nas suas funções de domínio e síntese”* (p. 99)

Deutsch (1967, p. 28-29) faz também uma interessante consideração sobre a vida cognitiva na adolescência, considerando que nessa fase há uma capacidade aumentada para a intuição. Tal fenômeno diz respeito à comunicação de processos

mentais inconscientes entre duas pessoas, em especial quando existe forte laço emocional entre elas. Essa capacidade, para Deutsch, traz um auxílio importante para a compreensão de si mesmo e é mais comum na adolescente do sexo feminino.

É interessante ressaltar aqui que para os principais teóricos o pensamento adolescente tem como característica principal a irrealidade, ou a inadequação e o distanciamento em relação à realidade. Resta questionar aqui qual é a realidade implícita nessas teorias, à qual o adolescente deve se adaptar. Não poderia o pensar do adolescente assumir um questionamento legítimo a determinadas normas e instituições sociais, em um movimento de resistência, conforme a definição de Foucault para esse conceito ?

1.5 - SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA NO BRASIL

Podemos dizer que houve no Brasil algumas singularidades em relação à questão da sexualidade se compararmos com o análise proposta por Foucault a partir da instauração do dispositivo das sexualidade nas sociedades ocidentais modernas. Uma delas se refere sem dúvida à presença da escravidão.

A escravidão traz consigo uma diferença básica que se deve ao fato de estabelecer uma ampla categoria social na qual os indivíduos não tem a posse de seu próprio corpo. Gilberto Freyre (1966) mostra em seus estudos a respeito do modelo patriarcal escravagista que o corpo da escrava pertencia ao seu senhor e/ou familiares, que se utilizavam desse ‘direito’ da forma mais intensa possível, buscando a satisfação sexual e a ampliação do número de escravos pelas sucessivas gestações, não havendo o direito da escrava ao desejo sexual e à mínima opção sobre com quem se relacionar sexualmente (p. 518). As mulheres das classes rurais mais favorecidas, as “sinhazinhas”, por outro lado, passavam diretamente da infância para os braços do marido, geralmente entre os 13 e 15 anos, sem ter também papel ativo na escolha, ou seja, passando da “*tiranía dos pais para a tiranía dos maridos*” (p. 588) . Nessa sociedade, a valorização máxima ocorria sobre a virgem bastante jovem, uma vez que a mulher de 20 anos, já solteirona, também era olhada com reservas.

O casamento precoce, como observa Quintaneiros (1996), era presente também entre as classes urbanas mais favorecidas economicamente. Entre os fatores sociais responsáveis por ele estavam “*a procriação como objetivo fundamental do matrimônio, a ausência de poder da mulher nas decisões domésticas, o curto intervalo de educação formal e a inexistência de um mercado de trabalho aberto à mão-de-obra feminina*” (p. 108). A esse padrão social corresponde uma identidade feminina frágil, uma mulher “retraída”, que envelhecia precocemente devido ao confinamento dentro da casa e ao grande número de partos, dando a todos os visitantes estrangeiros a impressão de tristeza e ausência de vida.

A partir do final do século XIX e início do século XX, porém, podemos ver que começam a se desenvolver no Brasil, a partir dos grandes centros e paralelamente

te ao desenvolvimento do capitalismo no país, estratégias de normatização da sexualidade semelhantes às descritas por Foucault nas sociedades européias (Costa, 1979). Os anos de 1910 a 1930 são os anos do apogeu das estratégias higienistas de controle da prostituição e das doenças venéreas, quando, segundo Carrara (1994), “*desenvolveu-se um modelo pedagógico disciplinar sobre o casamento e as relações pré-conjugais*” (p. 93), onde a identidade feminina, no entanto, continua ser definida pelos papéis sociais de mãe, esposa e dona-de-casa, situação que só começa a se transformar em meados dos anos 50, quando começam a ocorrer alterações no mercado de trabalho e a mulher passa a se engajar mais efetivamente nas atividades economicamente produtivas.

As mudanças mais recentes na sociedade referem-se a uma crescente conquista pela mulher do universo antes masculino e uma busca de dividir os papéis do antigo universo feminino (o lar e o cuidado dos filhos) com o homem. Essas mudanças no entanto ocorrem no Brasil de forma gradativa, a partir dos grandes centros urbanos e das classes econômicas mais favorecidas, havendo amplos segmentos da população mergulhados em uma organização patriarcal da sociedade.

1.5.1 - A Cultura Sexual Brasileira

As contradições presentes em relação à sexualidade e ao papel da mulher na sociedade brasileira são interpretadas de maneira interessante por Richard Parker, em “Corpos Prazeres e Paixões” (s.d.). Parker observa que a experiência sexual no Brasil não forma um só sistema unificado de significados sexuais, mas sim uma multiplicidade de subsistemas, por vezes recorrentes, conflitantes e contraditórios, que se entrelaçam entre si. Há, para ele, uma normatização das práticas sexuais no Brasil, que definem o que é permitido ou não em relação às práticas sexuais, tendo a gênese dessa normatização se dado a partir de um tripé: de um lado, a noção de gênero advinda da cultura popular, que acaba por estabelecer um sistema complexo de hierarquia e dominação entre os diferentes “tipos” que o homem e a mulher podem assumir; de outro lado, a presença de um sistema religioso que estabelece toda uma série de proibições, reforçando as divisões de gênero e tecendo correlações entre as práticas sexuais e a vida eterna; finalmente, a presença de uma série de idéias, importadas principalmente da Europa e Estados Unidos, através de várias disciplinas científicas,

que fundam uma abordagem utilitarista do comportamento sexual, onde passam a haver lugares ‘normais’ para as práticas sexuais e uma denúncia constante das anormalidades referentes às mesmas. Há todavia, para Parker, a presença de um domínio erótico, de caráter estritamente privado, que fornece um campo constante de transgressões às ideologias normatizadoras. As experiências sexuais nesse campo não são mais “*uma expressão de hierarquia social, nem uma indicação externa de verdade íntima mas sim uma realização do desejo na obtenção do prazer e da paixão*” (p. 18). Esse domínio, que Parker vai chamar de ideologia erótica, funda “*um universo alternativo de experiência sexual*” (p. 18), que se manifesta não só nas práticas eróticas como também na linguagem, nas festas populares e nas histórias que uns contam aos outros.

Há na ideologia do gênero e no discurso da sexualidade, para Parker, uma forte conexão entre masculinidade e atividade e entre feminilidade e passividade. O que foge a essas conexões é usualmente descaracterizado, como, por exemplo, a mulher que se comporta de forma “ativa” na busca sexual, que passa a ser a *galinha*, *piranha*, etc., ou a mulher com tendência a se relacionar com outras mulheres, que passa a ser a *sapatão*. Por outro lado, há a figura da *virgem*, que é caracterizada pela sua castidade, a qual é relacionada à presença de inocência e pureza fundamentais (p. 82). A virgindade, na perspectiva patriarcal, é simbolizada pelo hímen, que tem é a marca da pureza, mas simultaneamente da dominação masculina. A perda da virgindade de uma mulher antes do casamento acaba por se constituir um problema para as famílias, que sentem sua honra abalada. Tal evento leva a caracterização da mulher sob as formas negativas já citadas (*piranha*, *galinha*, *puta*, etc.). Frente a esse perigo, a liberdade das adolescentes é vigiada, principalmente no contato com o sexo oposto. Há, também, uma série de exortações à passividade e castidade femininas que as meninas passam a ouvir desde cedo, o que contrasta com a educação dada aos homens, onde o relacionamento sexual com outras mulheres é elemento de status.

Há, por outro lado, na ideologia erótica proposta por Parker, toda uma série de elementos que transgridem a ordem e as classificações anteriores. Na ideologia erótica, a dicotomia dos espaços *rua* (domínio eminentemente masculino e público) e *casa* (domínio da família e da mulher domesticada) é parcialmente desfeita. Da mesma forma, os órgãos sexuais masculinos e femininos não são mais entendidos como símbolos de poder e sim como instrumentos de prazer: o termos de referência ao pênis na ideologia erótica não são mais metáforas ao tamanho, à rigidez e ao po-

der subjacente, mas sim metáforas de alimentos e outras; da mesma forma, a referência à vagina não se dá mais através de metáforas ligadas à sujeira e ao perigo implícito, mas sim de metáforas que sugerem continência e carinho. É nesse domínio que surge a possibilidade da experiência erótica na adolescência, para as mulheres, através da masturbação e das carícias íntimas, que garante o acesso ao prazer e à possibilidade de fuga rápida da liberdade vigiada sob a qual muitas vivem. O sexo anal e o sexo oral também passam a fornecer alternativas para a relação vaginal entre os casais jovens.

É interessante ressaltar aqui que embora a obra de Foucault não seja um referencial predominante utilizado por Parker em suas análises (embora citada), há uma certa concordância de conceitos entre a forma como opera a transgressão própria à ideologia erótica para Parker e a forma como opera a resistência para Foucault. Parker mostra como a ideologia do erótico foi sempre presente na história brasileira, na forma, por exemplo, “*de um substrato subversivo na estrutura da economia agrícola e na ordem patriarcal*” (p. 154), não sendo então um produto ou usufruto de determinada classe ou setor da sociedade. Da mesma forma, não há um foco específico de onde emana a ideologia erótica, mas sim uma multiplicidade de pontos que se ramificam. Falta na obra de Parker ainda um arcabouço conceitual que permita explicar a possibilidade de emergência da ideologia erótica, o que uma aproximação com a obra de Foucault poderia proporcionar.

1.5.2 - Sexo na Adolescência

A adolescência como vimos é um fenômeno histórico que compreende o espaço entre a infância e a vida adulta e, como tal, era praticamente inexistente em alguns segmentos sociais no Brasil em relação às mulheres, que passavam da dependência infantil em relação aos pais à dependência adulta em relação aos maridos. Nos centros urbanos, porém, pode-se divisar a constituição progressiva da adolescência enquanto um período específico de vida, principalmente a partir do final do século XIX.

Abreu (1999) descreve de forma interessante a vivência amorosa e sexual das adolescentes de segmentos populares no Rio de Janeiro no início deste século, em

estudo voltado a processos jurídicos por crime de defloramento. Observa uma contradição nos discursos das jovens nos processos em questão. Por um lado, havia uma necessidade de articular um discurso convincente sobre a própria honestidade, provando ter comportamento moralmente aceitável, para haver chance de ganho no processo (p. 292). Tal discurso aceitável envolvia o fato de ter um namoro antigo ou um noivado oficial e inúmeras regras de decoro, como, por exemplo, não sair desacompanhada e nem andar à noite pelas ruas. Por outro lado, as adolescentes em muitos casos mostravam em seus discursos que “*viviam o namoro, as diversões, a relação de casal, os encontros sexuais, os amasiamentos e os casamentos formais com um conceito de honra diferente do dos juizes e seus familiares*” (p. 311-312). Essa diferença se manifestava claramente na liberdade de movimento que tinham pelas ruas cariocas, muitas vezes sozinhas e desacompanhadas. Além disso, havia nos discursos em muitos casos elementos que indicavam uma participação ativa das mesmas em relação ao ato sexual, mostrando que o “defloramento” em questão não se tratava de uma violência sexual propriamente dita. Para Abreu (1999) a excitação sexual e o prazer “*influenciaram muitas das decisões das moças a fazerem sexo com seus namorados mesmo que poucas assumissem abertamente essas sensações*” (p. 310), o que mostra a possibilidade desses jovens de segmentos populares vivenciarem a relação amorosa e sexual de forma diferente daquela baseada nas normas rígidas baseadas na honra feminina. A virgindade não era uma riqueza imprescindível e o casamento não era uma obrigação para estas adolescentes, uma vez que as relações de amasiamento eram uma possibilidade desejada por muitas. Mesmo a família parecia conviver com tal situação, uma vez que tais jovens na grande maioria das vezes continuava a viver com os pais, não sendo expulsa de casa. A autora reforça a idéia de que havia um código que regia o relacionamento entre os sexos, baseado na honra, mas que tal código não era tão unívoco como se poderia pensar a princípio.

Se considerarmos o início da vida sexualmente ativa para a mulher no Brasil nos dias de hoje, podemos observar que ainda há a existência de códigos conflitantes de normas que o regem. Guimarães (1996) observa que ao lado de uma abertura dos rígidos contornos relativos à sexualidade feminina, há ainda a presença de “*concepções e conceitos ligados a questões de moralidade que determinam a forma pela qual as mulheres se posicionam diante de suas uniões e de seus parceiros*” (p. 94). Essas diferenças assumem caráter marcante conforme a população e região do país analisadas. Estudos como o de Sarti (1989) sugerem que nas periferias das grandes

idades há uma tendência à valorização da virgindade antes do casamento, conclusão semelhante a que chegam estudos sobre populações rurais (Folha de São Paulo, 30/06/96). Por outro lado, autores como Kehl (1986) e Mattos (1987) apontam para a dissolução do “tabu” da virgindade.

Há uma série de pesquisas que se referem a dados relativos ao início da vida sexual entre os brasileiros e que chegam a resultados bastante discordantes entre si, principalmente devido à diferença entre as amostragens escolhidas e ao método baseado quase sempre em questionários, que possibilita o falseamento de algumas respostas. É interessante citar aqui, contudo, um ampla revista realizada pelo jornal “Folha de São Paulo, publicada em 18/01/98, devido ao tamanho e característica nacional da amostragem, o que permite fazer comparações entre as diferentes regiões geográficas em relação ao início da vida sexual entre os brasileiros. A média de idade da iniciação sexual no Brasil aferida pela pesquisa é de 15 anos para o homem e 18 para a mulher. Enquanto a virgindade do homem é defendida apenas por 18 % dos entrevistados e condenada pela maioria (66%), a virgindade para a mulher na mesma situação é defendida por 43% e condenada por 38% (o restante das respostas referem-se à pessoas que se declaram indiferentes em relação a questão e pessoas que não a responderam). É interessante notar que praticamente não há diferença em relação à opinião dos homens e das mulheres em relação a esta questão, o que mostra que grande parte das mulheres entendem que o homem tem mais direito à iniciação sexual antes do casamento. A defesa da virgindade feminina antes do casamento é maior na região Nordeste (54%) e menor nas regiões Sudeste (37%) e Sul (39%). Embora divididas em relação à importância da virgindade feminina, a maior parte das mulheres teve iniciação sexual antes do casamento (57 %) enquanto apenas 29% declararam ter casado virgens. A iniciação pré-conjugal ocorreu majoritariamente para as mulheres habitantes de todas as regiões geográficas e de todas as camadas salariais e de educação. Tal fato mostra que o exercício sexual pré-marital não implica em uma mudança correspondente no status atribuído à virgindade, que continua bastante valorizada. De forma geral, a pesquisa reflete a opinião da maioria dos pesquisadores vistos anteriormente a respeito da existência de códigos de normas conflitantes em relação à iniciação sexual no Brasil.

1.5.3 - Adolescência, Sexualidade e Culpa

O estudo de Nanete Desser, de 1993, a respeito do exercício da sexualidade entre as adolescentes brasileiras, cujo título foi dado a este item, é bastante importante para nosso trabalho por contemplar uma série de questões com as quais nos de-frentaremos posteriormente. A partir de entrevistas com adolescentes grávidas de classes média e baixa do Rio de Janeiro, Desser observa que a *“identificação com a mulher independente, profissionalizada fornece o principal modelo de identidade adulta”* (p. 43). mesmo no espaço das classes menos favorecidas, onde essas conquistas femininas estão muito aquém daquelas de outras partes do mundo. Para a autora, o fato de adolescentes socialmente diferenciadas apresentarem quase idênticas reivindicações e projetos *“é resultado da ampla difusão de certas idéias e valores ‘modernos’, os quais são contrapostos pelas adolescentes a concepções vistas como ‘antiquadas’”* (p. 45). Desser observa que *“o conteúdo ambíguo dos discursos que normatizam a sexualidade feminina reflete-se na experiência das informantes, mas a forma pela qual cada uma irá interagir com esses discursos é bastante diferenciada”* (p. 46). Para a maior parte das informantes em seu estudo, grande parte de suas dificuldades se deve à persistência de valores tradicionais, que resistem à modernização: os pais seriam os principais portadores desses valores e os homens jovens o reproduziriam. Todavia Desser observa que tais discursos tradicionais aparecem de forma sub-reptícia entre as jovens, sob duas formas principais:

a) na produção da “inocência” da mulher sexualmente ativa. A adolescente utiliza vários recursos para moralizar ou normalizar a própria sexualidade (embora advogue o direito à liberdade sexual em seu discurso). A ‘honestidade’ da mulher adolescente *“dependerá do discurso que ela for capaz de produzir sobre si mesma e sobre a sua sexualidade”* (p. 59). Essa auto-atribuição de inocência é de caráter privado: experiências semelhantes de outras jovens não são igualmente moralizadas, ou seja, a tendência é antes de se estigmatizar os pares adolescentes sexualmente ativos. Vários são os discursos que negam o interesse pela prática sexual:

- O sexo como uma concessão. A adolescente relata as primeiras experiências sexuais como ocasionadas pelo desejo do parceiro, onde ela assume um papel passivo.
- A não-premeditação da experiência sexual. A adolescente relata a experiência sexual como conseqüência de carícias cada vez mais íntimas, levando o casal a ser levado quase de forma natural a ter relação. Combinar uma relação sexual (ir a um

motel, por exemplo) é impossível para algumas jovens, porque implica em assumir um desejo sexual prévio. Esse é um fator que prejudica também as adolescentes na questão de prevenção de gravidez, uma vez que o uso de um método anti-concepcional implica num planejamento anterior

- O sexo como fruto de um amor que ilude ou faz perder a razão. À adolescente apaixonada se perdoa o relacionamento sexual, uma vez que esta se encontra iludida, não tendo controle sobre si.

- O pequeno número de parceiros sexuais. A adolescente que se relaciona sexualmente se auto-atribui limites quanto ao número de parceiros, como forma de não se ver (e não ser vista) como uma pessoa promíscua.

b) a auto-atribuição de culpa. Uma vez que a adolescente se vislumbra como sujeito de sua sexualidade surge a culpa, já que permanece a norma social contrária que nega à mulher plena autonomia sobre seu desejo e seu corpo. Essa culpa revela a presença de uma contradição social: se por um lado a adolescente em muitos momentos se vê enquanto agente da própria sexualidade, por outro continua agindo dentro de um contexto onde se desmoraliza a sexualidade feminina.

Desser observa que nas classes altas e médias do Rio de Janeiro, a associação de virgindade feminina com honra tem se alterado significativamente. A maioria de suas entrevistadas por exemplo *“elabora um discurso no qual o valor da virgindade é desqualificado e sua exigência atual considerada fruto do tradicionalismo na moral masculina”* (p. 68). A adolescente que não exerce a sexualidade passa a ser a anormal. Para as adolescentes, contudo, essa mudança não se deve à modernização da sociedade, mas a evidência do fato de que atualmente *“as mulheres deixam efetivamente de ser virgens antes do casamento: aos homens cabe ‘se conformar’”* (p. 70). Para a autora, porém, *“a diminuição da ênfase na virgindade como símbolo de honra feminina dá lugar à ênfase numa concepção de ‘honra’ e ‘pureza’ femininas”* (p. 139), ou seja, a adolescente continua em muitos momentos a orientar *“o exercício de sua sexualidade por normas que suspendem o exercício consciente e programado da sexualidade, a fim de se pôr de acordo com o normal”* (p. 152). Além disso, *“a existência do sistema de ‘normalização’ da atividade sexual pré-marital mostra que o valor atribuído à virgindade não desapareceu: ao contrário, é a persistência desse valor que desencadeia o processo de normalização/estigmatização”* (p. 153).

2 - OBJETIVO

O objetivo deste estudo é analisar as formas através das quais as adolescentes brasileiras se relacionam consigo mesmas frente ao início da vida sexual.

A partir das considerações feitas anteriormente, é possível inferir entre as adolescentes a presença de um código de regras peculiar ao exercício da sexualidade nessa fase de vida. Nesse estudo será feita a análise dos elementos desse código e da maneira através da qual as adolescentes se relacionam com ele.

A hipótese inicial desse estudo é de que há uma relação de sujeição em relação aos elementos normatizadores da conduta sexual entre as adolescentes brasileiras. A essa sujeição corresponde uma necessidade de um dizer sobre si que assume a forma de confissão, conforme a significação dada por Foucault a esse termo.

Paralelamente serão observadas as possibilidades de resistências a essas normatizações, ou seja, a existência de espaços onde possam aflorar elementos de relação ética das adolescentes consigo mesmas, na busca de uma constituição de si que foge aos domínios da norma, espaços esses que serão objeto de nossa atenção permanente.

3 - MÉTODO

O método utilizado neste estudo é a análise qualitativa de discurso a partir do texto de cartas de adolescentes endereçadas a revistas voltadas para o público adolescente, onde estas descrevem situações, dúvidas ou problematizações ligadas à iniciação sexual. A temática da iniciação sexual foi escolhida por ser bastante comum nas cartas recebidas pelas revistas e por possibilitar a discussão a respeito da forma como as adolescentes se relacionam com os aspectos normatizadores relacionados ao exercício da sexualidade.

A coleta de dados foi feita a partir das cartas enviadas às revistas *Capricho*, da Editora Abril, e a *Carícia*, da Editora Três, também pertencente ao Grupo Abril. Estas revistas foram escolhidas por serem as mais antigas entre as revistas ainda em circulação destinadas ao público adolescente, por terem grande tiragem, por apresentarem circulação por todo território nacional e, finalmente, pelo fato das respectivas diretoras de redação terem permitido o acesso às cartas enviadas a elas.

As revistas consideradas nesse estudo recebem uma grande quantidade de cartas. As estimativas dos membros da redação de ambas é de 3.000 cartas recebidas por mês para a revista *Capricho* e 1.000 por mês para a *Carícia*. A grande maioria das remetentes é do sexo feminino (certamente mais de 90 %). Ambas as revistas consideradas mantêm um serviço semelhante de atendimento ao leitor. São esses serviços que fazem o arquivo de cartas enviadas pelas leitoras: é feita uma leitura prévia do conteúdo e a seguir as cartas são separadas por assuntos e arquivadas por algum tempo, ao final do qual são jogadas fora. Tal arquivo tem como função principal prover de subsídios as seções específicas de cartas que ambas as revistas possuem. O serviço de atendimento ao leitor das duas revistas citadas tem também a função de responder a algum pedido ou solicitação das leitoras. Em relação à perguntas ou dúvidas relacionadas à temática sexual, o mais comum é que as pessoas que trabalham nesse serviço respondam a estas dúvidas através do envio à solicitante de cópia de alguma reportagem relacionada ao tema da pergunta feita, segundo a informação que foi dada por elas próprias.

Nosso contato com as cartas foi realizado a partir das cartas arquivadas temporariamente pelos serviços de atendimento ao leitor das duas revistas. Tais cartas já se encontravam divididas por categorias, embora tal divisão aparentemente não seja muito rígida. Foram lidas aproximadamente 1.000 cartas de cada uma das revistas consideradas, em especial das categorias relacionadas à sexo e namoro. Ao final, foram selecionadas para nosso estudo 120 cartas, sendo 47 destinadas à revista *Capricho* e 73 à revista *Carícia*. Tal seleção teve como critério a presença do tema do início da vida sexual nas cartas, em suas várias derivações.

3.1 - Origem das cartas e idade das remetentes

Em referência à idade das remetentes, obtivemos os seguintes dados:

Tabela 1
Cartas por
Idade (se-
gundo a
Região de
origem)

Região	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	SE*	Tot
Norte/C-Oeste	-	1	-	-	3	2	3	-	-	-	-	-	4	13
Nordeste	-	1	2	1	1	3	3	3	5	-	1	1	8	29
Sudeste	1	2	2	5	15	7	9	1	3	3	-	2	9	59
Sul	-	-	-	4	5	6	-	-	1	-	-	-	3	19
Total	1	4	4	10	24	18	15	4	9	3	1	3	24	120

* *Esse dado refere-se às cartas nas quais a idade não pode ser aferida*

Conforme podemos observar, a maior parte das remetentes concentra-se na faixa etária de 15 a 17 anos (71 % do total com especificação de idade).

Em relação ao estado de origem das cartas, o número de cartas coletadas é o seguinte:

Tabela
2 - Car-
tas por
Estado
(Capital
e Interi-
or)

Estados	Cap	Int	Tot	Estados	Cap	Int	Tot
Acre - AC	1	-	1	Paraíba - PB	-	2	2
Alagoas - AL	1	-	1	Paraná - PR	3	3	6
Amazonas - AM	1	-	1	Pernambuco - PE	3	2	5
Bahia - BA	2	5	7	Piauí - PI	2	1	3
Ceará - CE	2	1	3	Rio de Janeiro - RJ	4	3	7
Dist. Federal - DF	2	-	2	R. Gde. Norte - RN	2	1	3
Espírito Santo - ES	1	5	6	R. Gde. do Sul - RS	1	5	6
Goiás	-	2	2	Rondônia - RO	3	-	3
Maranhão - MA	-	4	4	Santa Catarina - SC	2	5	7
Mato Grosso - MT	1	-	1	São Paulo - SP	20	15	35
Minas Gerais - MG	-	11	11	Sergipe - SE	-	1	1
Pará - PA	2	1	3	Total	53	67	120

Apesar da seleção das cartas não ter seguido um critério estatístico quanto à procedência das mesmas, podemos observar que a distribuição da amostragem segundo as regiões geográficas é semelhante à da população brasileira:

Tabela 3 -
Distribuição
das Cartas e
da Popula-
ção por Re-
gião

	Norte/C-Oeste	Nordeste	Sudeste	Sul	Total
Tot. de cartas	13	29	59	19	120
Porcentagem	10,8	24,2	49,2	15,9	100
População *	21,8	44,8	67,0	23,5	157,1
Porcentagem	13,9	28,5	42,6	15,0	100

* População em milhões de habitantes (contagem populacional - IBGE / 1996)

Se todavia compararmos a amostragem das cartas em termos de procedência Capital/Interior referentes a cada Região geográfica (Tabela 4), veremos que há um desequilíbrio: há proporcionalmente um número maior de cartas provenientes das capitais dos Estados. As hipóteses mais prováveis para explicar tal fenômeno são a dificuldade de circulação das revistas em algumas regiões do interior do país, em especial nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste e o menor poder aquisitivo dos habitantes dessas regiões.

*Tabela 4 -
Cartas procedentes das
Capitais,
por Região*

	Norte/C-Oeste	Nordeste	Sudeste	Sul	Brasil
Cartas de Capitais	10 em 13	12 / 30	25 / 59	6 / 18	53 / 120
% do Total	77	40	42	33	44
Pop. das Capitais*	7,1	9,3	17,7	3,0	37,1
% do total da Pop.	32,6	20,8	26,4	12,8	23,6

* População das Capitais dos Estados de cada Região - em milhões de habitantes (IBGE, 1996)

3.2 - Sobre a escolha do método

Como vimos no primeiro capítulo da revisão bibliográfica, a análise de cartas, embora ainda pouco utilizada, é um recurso bastante interessante para o estudo da adolescência. Debesse (1969) considera a análise de cartas um método preferível, por exemplo à utilização de questionários para o estudo da adolescência, por permitir a expressão mais livre e menos deformada do adolescente, além de possibilitar a captação de contradições e variações de humor. Além dessas, há a nosso ver outras vantagens na metodologia escolhida para este estudo, em relação a outras possibilidades (por exemplo, entrevistas ou questionários):

- a anonimidade. Há, como veremos em nossa análise mais adiante, a negociação de um sigilo nas cartas selecionadas, o que indica que é bastante importante para a adolescente o sigilo a respeito das informações que escreve, o que incentiva uma expressão plena por parte da remetente. Não podemos nos esquecer que um dado que compromete grande parte das pesquisas que lidam com a sexualidade das adolescen-

tes é a falsificação dos dados por parte destas, quando não se sentem seguras quanto ao sigilo a respeito das informações prestadas.

- a característica nacional da amostragem. As revistas consideradas tem circulação nacional e recebem cartas de todas as regiões do país, o que permite a obtenção de uma amostragem da adolescente brasileira a nível nacional.

A principal dificuldade em relação ao uso dessa metodologia é a impossibilidade de caracterização sociocultural do remetente. Para contornar essa dificuldade, inferimos que o perfil sociocultural da adolescente que remete as cartas é semelhante ao da adolescente leitora das revistas.

3.3 - As revistas para adolescentes

Ambas revistas destinatárias das cartas de nossa pesquisa surgiram ou se voltaram para o público adolescente em um momento histórico onde se ampliou o mercado consumidor específico para tal faixa etária: o final dos anos 70 e começo dos anos 80. São revistas voltadas predominantemente para a classe média e que apresentam uma circulação maior nas capitais dos estados (Rees, 1989 ,p. 6). Outro aspecto a se considerar é o fato que cada exemplar de tais revistas é lido por um grande número de adolescentes - cerca de 10, segundo depoimento de diretora da *Capricho* a Rees (1989). Segundo dados da pesquisa de mídia Abril-Marplan/94 (in Santos, J. R., 1996) para a revista *Capricho*, cerca de 80 % das leitoras são do sexo feminino (em um universo de 1.500.000 de leitores por exemplar), com a seguinte distribuição por classe social: 18 % da Classe A; 28% da Classe B, 35 % da Classe C, 18 % da Classe D e 1 % da Classe E. Apesar de haver uma maior concentração de renda por parte de seus leitores se comparados com a população em geral, *Capricho* é a revista com o perfil de leitor menos elitista entre todas da Editora Abril incluídas na pesquisa citada. A maior concentração de leitores se dá na faixa etária dos 15 aos 19 anos.

Com relação à análise dos conteúdos veiculados pelas revistas em questão, há pouco material bibliográfico disponível. Em sua maioria, a análise de revistas adolescentes as vincula à categoria de “revistas femininas” como um todo. As caracterís-

ticas observadas por Buitoni (1990) a respeito das revistas femininas, podem, entretanto, ser facilmente observadas nas duas revistas consideradas em nossa pesquisa:

- o direcionamento em relação à leitora, que transparece na busca de uma “intimidade” com a mesma presente nos diversos textos da revista, através da utilização frequentes do “você”, numa tentativa de eliminar a distância entre revista e leitora (Buitoni, 1990, p. 125)
- o uso de sentenças imperativas (“faça”, “use”, “corra”, “descanse”), que apresentam implicitamente um modelo de mulher a ser seguido (p. 127)
- a necessidade de reafirmar o “novo” a todo momento, sob a forma do moderno, futurista, etc. Esse “novo”, todavia, não possui aspectos críticos em relação à realidade, visando, ao contrário, à ampliação da necessidade de consumo por parte das leitoras (p. 130-131)
- a repetição dos assuntos tratados pelas revistas, de forma periódica, com uma certa monotonia de temas e assuntos, não apresentando fatos, mas sim opiniões e idéias em sua quase totalidade. (p. 137)

Rees (1989) analisou o discurso de jornalistas da revista *Capricho*, a partir de entrevistas, e o conteúdo de exemplares da mesma, situando suas análises dentro de quatro áreas principais:

- Consumo. Há uma valorização do consumo e do “poder gastar” por parte das entrevistadas. Na revista o consumo é direcionado especialmente à moda e beleza. A função destas seções é a de ajudar a adolescente a atenuar os conflitos surgidos com a aparência, levando-a a *“se enquadrar no padrão aceitável de aparência exigido pela sociedade”* (p. 91)
- Política. Possui espaço muito pequeno dentro da revista
- Trabalho. As entrevistadas colocam o trabalho como fundamental na vida da mulher, mas esse tema ocupa lugar de pouco destaque na revista.
- Intimidade. Outra área que ocupa bastante espaço na revista. A linha básica seguida é a de fornecer informações à garota, ressaltando-se o ideal de *que “ela esteja bem consigo própria”* (p. 78). As reportagens todavia, transparecem a idéia de que a jornalista sabe o que é correto ou não em relação ao amor e sexo ao aconselhar a leitora

nesses assuntos, havendo um modo “certo” de agir implícito. Rees (1989) considera que o que se busca na revista não é uma mudança do status quo, mas sim uma adequação a ele: *“a mulher deve se moldar e aprender a agir ‘corretamente’ para não se tornar marginal ao esquema vigente”* (p. 92).

Já Buitoni (1997) tem um tom mais otimista em sua análise do conteúdo da revista *Capricho*, dentro do tema da sexualidade. Considera que a revista ocupou uma posição de vanguarda no sentido de difundir o uso do preservativo, no início dos anos 90, possuindo uma importante função pedagógica e didática no tocante à esfera sexual.

Com relação à revista *Carícia*, há menor quantidade de material de análise disponível. Maria Q. Moraes (1986) observa, em seu estudo sobre a moral sexual nas revistas femininas brasileiras, citando especificamente a revista *Carícia*, que há nessa *“uma mensagem bem mais flexível no tocante à sexualidade ... (onde) ... o namoro, a masturbação, o primeiro beijo, a perda da virgindade e o orgasmo são assuntos privilegiados e, via de regra, tratados de uma forma arejada”* (p. 69). Não há, para ela, moralismo no conteúdo editorial e sim uma desvinculação entre a necessidade do prazer e a reprodução biológica.

Em ambas revistas destinatárias das cartas utilizadas em nosso estudo a seção de cartas ocupa um papel importante (o “Só entre nós”, da revista *Carícia* e o “Sexo!” da revista *Capricho* são as principais seções de cartas das mesmas). Pereira (1980) considera que a seção de cartas realiza explicitamente o aconselhamento, de forma ainda mais condensada que no restante das revistas femininas. Para essa autora, ao se tratar das questões tratadas como questões individuais, há um despojamento das leitoras de sua condição social e uma crença em uma essência feminina que nada mais é do que o conjunto de valores da moral burguesa dominante (p. 60).

4 - ANÁLISE QUALITATIVA

Não foi encontrada em pesquisa bibliográfica nenhuma proposta de análise específica direcionada ao estudo de cartas. Devido a essa ausência, a partir de uma análise global prévia e inspirados pelo trabalho de Souza (1997) resolvemos propor como roteiro para a análise qualitativa a separação de cada cartas em partes, a partir de sua estrutura narrativa. Tal separação permite a constatação de uma série de semelhanças e heterogeneidades entre as diferentes cartas coletadas.

4.1 - A ESTRUTURA DAS CARTAS

Podemos dividir o conteúdo das cartas coletadas em 5 partes principais:

- 1) Estabelecimento do contato
- 2) Comentários gerais a respeito da revista e reportagens
- 3) Negociação do sigilo
- 4) Exposição dos motivos a respeito de escrever a carta
- 5) Exposição de uma história de vida, referente a iniciação sexual ou temas a ela relacionados.

Obviamente nem todas as cartas apresentam todas as partes a serem analisadas. Algumas fazem referência apenas à história de vida, outras podem ser divididas em apenas duas ou três das referidas partes. Da mesma forma, a ordem é variável. A negociação do sigilo por exemplo, é algumas vezes feita no início e outras no final da carta. Faremos neste capítulo uma análise a partir dessa estrutura proposta, com exceção do item 5 (a exposição da história de vida), que pela maior extensão e comple-

xidade merece um capítulo a parte.

4.1.1 - Estabelecimento do contato

O primeiro dado que pode ser observado a respeito da maneira como as adolescentes estabelecem contato é a personalização com relação às revistas presentes nas cartas. A revista perde seu caráter de órgão de imprensa na forma com que muitas das adolescentes a elas se dirigem, assumindo um status de pessoa no discurso das mesmas. É importante ressaltar, como vimos, que ambas as revistas estudadas reforçam esse tratamento, trazendo constantemente fotos e reportagens sobre seus próprios redatores e se utilizando a todo o momento do pronome “você” nas reportagens.

Em relação a essa personalização, é interessante ressaltar o fato de muito frequentemente o tratamento coletivo dispensado às pessoas que trabalham na revista (do tipo “amigos da Carícia”) se misturar ao tratamento singularizado à revista (do tipo “amiga Carícia”), muitas vezes sendo completamente substituído por esse último. São uma minoria as cartas que personalizam a revista em todo o texto (ex.: “gostei de conversar com você”- carta 14; “estou lhe escrevendo... espero que você possa me ajudar” - carta 25) e mais comuns as que misturam as duas formas de tratamento, especialmente as que fazem um cumprimento singularizado à revista e seguem tratando no coletivo:

“Querida Capricho” ... “Adoro vocês...” (carta 5)

“Querida Capricho” ... “Adoro todos que trabalha na Capricho” (carta 8)

“Querida Capricho” ... “Resolvi contar a minha (primeira vez) para você, como vocês pediram” (carta 27)

O lugar mais frequentemente atribuído à revista é o de amiga e aos redatores é o de amigos, em afirmações do tipo “Queridos amigos” (carta 3), “A Capricho é cada vez mais uma amigona” (carta 4), “Amigos da Carícia” (carta 12), “Vocês são

meus melhores amigos” (carta 88), etc. Outro dado que mostra esse lugar atribuído à revista e aos redatores é o do sentimento de afetividade presente na maioria delas, expresso no envio de inúmeros “*beijos*”, (ex.: carta 3 ,5, 22, 35, etc.), nas várias declarações de amor - “*te adoro*”, “*te amo*” (ex.: cartas 8, 18, 19, 49, etc.) e ao mostrar gratidão “*obrigado*”, “*grata*” (cartas 7, 21, 22, 23, etc.). Podemos até mesmo notar em algumas cartas pedidos e reclamações a respeito de perguntas não respondidas, numa busca de reciprocidade própria à amizade:

“*Tomara que a minha história mereça um espacinho na revista...*” (carta 5)

“*Eu sei que vocês são cheios de coisas, mais espero que me respondam o mais rápido possível...*” (carta 15)

“*Já é a quarta vez que escrevo para Carícia, e nunca obtive resposta, por que?*” (carta 98)

A partir desses dados, podemos observar, de forma semelhante ao estudo de Souza (1997), que há uma despreocupação e uma informalidade no discurso que coloca o destinatário da carta em um espaço discursivo comum com o da adolescente que escreve. Há uma ambigüidade em relação ao lugar em que a revista e seus jornalistas são colocados: em muitos momentos permanecem em seu lugar de órgão de imprensa e de pessoas que trabalham nesse órgão e em outros o destinatário assume o lugar de amigo, coletivo ou singular. O destinatário (a revista ou seus redatores) ao se transformar no amigo, passa a compartilhar da intimidade das adolescentes, se desvestindo de sua realidade e assumindo um lugar imaginário. A constelação desse lugar imaginário é ainda mais ressaltado pela singularização do destinatário presente em muitas cartas. Tal constatação é bastante semelhante à realizada por Blos (1962) já citada, a respeito do diário da adolescente ocupar um lugar de confidente em relação a essa, numa posição intermediária entre o mundo da fantasia e a realidade.

4.1.2 - Comentários gerais a respeito da revista

Em várias cartas podemos observar elogios e comentários a respeito de reportagens publicadas, algumas vezes sobre temas que não tem ligação direta com a sexualidade (ex.: rodeios - carta 19; cantor Bon Jovi - carta 96; ator Leonardo Di Caprio - carta 97), outras sobre temas a ela ligados (ex.: AIDS - carta 23; seções de sexo e dúvidas - carta 11). Em meio a esses, há comentários que mostram uma interatividade entre a revista e a leitora, ou seja, algumas das cartas fazem relação entre as vivências pessoais e as relatadas em alguma reportagem. Tais comentários parecem próprios à relação de amizade imaginária estabelecida com a revista: A carta é a “fala” da adolescente e a reportagem a “resposta” de sua “amiga”:

“... perdi a virgindade ontem. Hoje cheguei em casa e dei de cara com minha revista que eu tanto amo e uma reportagem “Eu transei ontem” na testa ...” (carta 5)

“... na seção Depoimento, constatei a história de Carol Diamond, com suas brigas com seu namorado Alex, o meu caso é bem diferente do dela...” (carta 86)

A maioria dos comentários são francamente elogiosos e parecem comprovar uma resposta passiva das adolescentes ao “modelo” de adolescente implícito na revista, como vimos anteriormente, na análise da forma como as revistas lidam com as questões relacionadas à intimidade. No entanto, há comentários que fogem a essa regra e que mostram uma recusa implícita, embora não elaborada, à maneira como as revistas tratam de assuntos ligados à sexualidade. Dois deles fazem referência a diferenças regionais que não são abrangidas pelas reportagens:

“Acho que as garotas cearenses têm menos liberdade de falar se são ou não virgens do que as do Sudeste. Gostaria que vocês, a partir das cartas recebidas, mostrassem as diferenças (de idade da 1a. vez, de liberdade de falar e outras) entre as regiões....Por que a Capricho não faz o “Antes e depois”, “o certo e errado”, o “meu canto”, o “meu jeito é” com as garotas do Nordeste?” (carta 6 - Fortaleza - CE)

“Sei que vocês do Sul devem achar esquisito, uns verdadeiros ETS meninas na minha idade virgens...” (carta 22 - Timon - MA)

Um terceiro exemplo mostra uma crítica diferente:

“ ... está faltando uma coisa. Vocês falam de sexo, 1a. transa, perigos, e muito mais, mas falta publicarem os erros que acontecem na primeira transa ou mesmo com as experientes, não os erros dramáticos mas os erros engraçados, coisas de acontecem na hora errada, muitas vezes no lugar errado mas que se torna uma coisa para se lembrar e rir...” (carta 2).

Esses exemplos mostram uma discordância das remetentes em relação às reportagens que, conforme vimos, apresentam tacitamente um modelo de mulher a ser seguido, transparecendo a idéia de que há comportamento e modos de ser corretos em relação à sexualidade. Os dois primeiros comentários parecem perguntar se há um “certo” válido para todo o Brasil e o terceiro levanta a questão da imprevisibilidade dos acontecimentos, que muitas vezes tendem a fugir do que preconizam as reportagens das revistas. As soluções apresentadas pelas adolescentes, contudo, indicam não uma ruptura com esse modelo de correção, mas uma possibilidade de ampliá-lo. Assim, *“os erros que acontecem na primeira transa”* (carta 2) podem passar a ser normais, se compartilhados a partir de uma reportagem, e o *“certo ou errado”* (carta 6) pode continuar a existir, desde que contemple as diferenças regionais.

4.1.3 - A negociação do segredo

Uma das características presente na maior parte das cartas analisadas é a do pedido, explícito ou não, de sigilo a respeito do que é escrito. Em dois terços das cartas (80 em 120) podemos observar isso. Em 35 cartas há um pedido implícito de sigilo, na omissão do nome na carta e no envelope e sua substituição por iniciais ou algum apelido. Em outras 45 há uma negociação explícita desse segredo, como o pedido simples de que o nome não seja divulgado (ex.: cartas 4, 7, 15, 26, etc.) ou que sejam colocadas apenas as iniciais do nome ou apelido em caso de publicação da carta (ex. : cartas 2, 5, 8, 14, 73, etc.), Em alguns casos há explicações específicas para a necessidade desse segredo:

“... gostaria de ocultar o meu (nome) por vergonha” (carta 21)

“... eu sou de menor e também não quero me identificar, a cidade também, por favor, eu acho mais seguro, eu ainda estou com muito medo”
(carta 25)

“... não divulguem meu nome nem localidade pois se meu pai, por acaso ler, ele é bem capaz de me matar” (carta 86)

Dentre as cartas que não fazem nenhum tipo de pedido de sigilo, podemos ver que a maior parte delas (29 em 40) são endereçadas a seções específicas de respostas a questões sexuais - “Só entre nós”, da revista *Carícia* e “Sexo”, da revista *Capricho* (ex.: cartas 11, 20, 45, 52, etc.). Essas seções sempre omitem o nome da remetente, o que possivelmente torna desnecessária para as adolescentes a negociação do segredo. É importante ressaltar contudo que mesmo nas outras sessões ambas as revistas nunca divulgam os nomes das remetentes, o que deveria deixar a maior parte destas des preocupadas em relação ao sigilo da carta. Cabe a nós nos perguntar o por quê dessa necessidade de se certificar do segredo das informações fornecidas.

Há, como vimos na revisão bibliográfica, um duplo aspecto no segredo: a necessidade de guardá-lo e de partilhá-lo (Vincent, 1987). A necessidade de “guardar” o segredo é uma proteção da intimidade em relação ao espaço público e uma possibilidade de manutenção do poder de quem “possui” o segredo em relação a quem não possui. A necessidade de contar é relativa ao alívio que esse contar provoca e a tentativa de escapar da solidão. Essa reflexão corresponde claramente ao processo de estabelecimento do pacto de sigilo nas cartas das adolescentes de nossa pesquisa. Ao mesmo tempo em que se faz imprescindível a revelação dos segredos pela necessidade (que analisaremos mais adiante) de contar as questões incômodas, há, por outro lado, na promessa de segredo, a função de proteção da própria intimidade contra a invasão de familiares, amigos e conhecidos. Esse movimento dosado de mostrar e esconder é, como vimos, também uma das características fundamentais da confissão (Hahn, 1986)

4.1.4 - Os motivos de se escrever

O ato de escrever cartas relatando fatos e impressões a respeito da vida amorosa e sexual pode ser perfeitamente inserido na análise foucaultiana a respeito do dispositivo da sexualidade. É sem dúvida um corolário da multiplicação dos discursos sobre o sexo, da necessidade de se procurar no interior de si todos os elementos que dizem respeito ao sexo em suas ramificações mais sutis e de colocar esses elementos sob uma forma discursiva, sob o “*crivo da palavra*” (VS, p. 24). O objetivo desse item é, então, analisar as particularidades desse discurso sobre o sexo e sua interface com o discurso institucional (no caso, das revistas destinatárias).

Os motivos relatados pelas adolescentes a respeito do ato de escrever as cartas são bastante variados. Entre eles estão a solicitação de conselho a respeito de alguma problema enfrentado, a possibilidade de tirar dúvidas a respeito de questões específicas, a necessidade de se certificar a respeito de alguma experiência vivida, o desejo de relatar a própria experiência de forma que ela possa servir de exemplo a outras adolescentes a partir da publicação na revista, a oportunidade de desabafar, ou até mesmo o simples ato de escrever, de conta própria ou a partir de uma solicitação da própria revista. Cada um desses motivos merece uma consideração à parte:

AS PERGUNTAS E OS PEDIDOS DE CONSELHO

A necessidade de saber a resposta a alguma questão e os pedidos de conselho são sem dúvida os motivos mais frequentemente relatados para a escrita da carta e aparecem nestas sempre relacionados a algum problema enfrentado pela adolescente em questão. A pergunta básica “*O que fazer?*” e suas derivações estão estampadas em grande parte das cartas (ex.: cartas 16, 32, 42, 43, 44, 51, 53, 99, 100, 102, 108, 111, só para citar algumas que fazem esta pergunta literalmente). As situações a respeito das quais as perguntas são feitas e os conselhos solicitados são tantas quantas as problematizações envolvendo a iniciação sexual. De forma geral, essas situações se referem a sentimentos de frustração a respeito de algum fato ocorrido ou a um sentimento de anormalidade em relação a algo por elas vivenciado, o que traz implícito um ideal de normalidade que vai ser objeto de estudo no próximo capítulo. É interessante ressaltar aqui, contudo, o caráter de ajuda com o qual as adolescentes revestem o conselho adequado referente a uma dada situação:

“Preciso da ajuda de vocês (...) se por acaso vocês resolverem não pu-

blicar essa carta, por favor me mandem uma resposta para essas dúvidas pelo correio. Só posso contar com vocês” (carta 4)

“... apesar de tudo tenho certeza de que estou agindo certo ao pedir ajuda pois é melhor do que sofrer sozinha” (carta 22) .

“Venho, mais uma vez, através desta, pedir-lhes uma luz, pois no conhecimento de mim mesma, só há escuridão (...) Me ajudem, estou muito confusa! Eu procuro respostas e só ouço sermões sobre o que já sei. Que estou errada, mas espero que vocês me expliquem tudo isso” (carta 63).

“Resolvi escrever pra vocês, pois preciso de ajuda. Estou muito confusa entre dois amores, vocês precisam me ajudar (...) HELP! Preciso de ajuda. Me digam o que devo fazer pra ser feliz” (carta 72)

O ato da adolescente de solicitação de algum tipo de conselho tem algumas implicações importantes a serem consideradas. A principal delas é em relação ao pressuposto de que o interlocutor (a revista e seus jornalistas) pode vir a ter, através do relato, um conhecimento a respeito da natureza dos problemas que a adolescente atravessa e, a partir disso, ter a possibilidade de apontar uma solução para tal problema. Ou seja, há a idéia implícita de que há uma forma certa de agir frente a cada situação, da qual o destinatário tem conhecimento. Podemos dizer a partir disso que o acesso a própria verdade acerca de si por parte da adolescente é mediado pelo conhecimento do interlocutor a respeito dessa verdade. Essa verdade porém está intimamente ligada a um conceito do que é normal frente à situação vivenciada.

É importante ressaltar, como vimos anteriormente que as revistas femininas e para adolescentes realizam explicitamente o aconselhamento em todo o seu conteúdo, em especial nas seções de cartas. Da mesma forma, como observa Rees (1989), há nas reportagens (no caso, da revista *Capricho* analisada) uma idéia implícita de que o jornalista sabe o que é correto em relação ao amor e sexo, havendo a necessidade de adequação da leitora adolescente a esse modo certo de agir. Frente a isso, pode-se dizer que há um “casamento” perfeito entre o conselho que as leitoras solicitam à revista e suas implicações e o estilo editorial da revista.

CERTIFICAR-SE A RESPEITO DE ALGUMA EXPERIÊNCIA VIVIDA

Uma outra forma que assume o motivo de escrita da carta é a de pedir à revista que nomeie e explique algo relativo a vivência pessoal da adolescente. São várias as formas que assumem essa necessidade de certificar-se a respeito da própria experiência, que serão também tratadas no próximo item. Como forma de melhor entendimento, cabe aqui, contudo, adiantar um exemplo:

“Quero saber mais sobre o orgasmo: como é exatamente a sensação de uma mulher quando chega ao orgasmo. É porque eu sinto uma coisa gostosa quando boto um pano entre minhas pernas e começo a precionar (Não é que nem todas as garotas se acariciam). Depois que passo alguns minutos precionando, sinto uma sensação gostosa no interior da minha vagina como se fosse um coração pulsando, ai meu corpo esmorece. Sabe, não tenho certeza que isso é orgasmo, não consigo me masturbar de maneira nenhuma me acariciando (...) Se isso for mesmo orgasmo, quero saber se vai ser sempre assim.” (carta 120)

Aqui estão presentes os mesmos pressupostos acerca da existência de uma normalidade em relação ao sexo e do fato da revista e seus jornalistas terem condição de saber a respeito dessa normalidade. Mas esse papel atribuído ao destinatário parece ir ainda mais longe: além do papel de juiz, que sabe a respeito da correção ou não do comportamento, o destinatário assume também a função de intérprete da própria experiência da adolescente. Há a suposição de que esta experiência tem um sentido unívoco e de que cabe ao intérprete (no caso o destinatário) o resgate e a tradução desse sentido, devolvendo-o à adolescente.

O RELATO DA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA COMO EXEMPLO

Enquanto muitas das cartas deslocam como vimos o lugar do saber para o destinatário da revista, algumas invertem essa polaridade e assumem esse lugar a respeito de alguma situação vivenciada. São cartas que tem a forma de um depoimento a ser publicado e que geralmente contém uma série de preceitos que as adolescentes deveriam seguir a respeito da situação específica.

“Depoimento de uma menina que perdeu seu namorado porque era "Virgem" (...) Não faço de sua vida uma moda onde todos fazem o que

quer e você faz também pra não ser "careta", não ser chamado de "Burra". Muitas vezes é melhor ser "Burra", do que se entregar para um amor passageiro, um amor que começou e acabou como um sopro de vento em uma tempestade de paixão. Pense em você, pense se é isso que você quer pra você, seja acima de tudo você, seja "careta", "burra", mais seja você." (carta 19)

"Hoje moro em outra cidade e já recuperada do trauma, resolvi alertar que nem sempre o perfeito amor é verdadeiro (...) É inadmissível que os jovens se deixem levar pelo TESÃO, e que esqueçam que é melhor AMAR sempre que der vontade, e que a AIDS vai com certeza te levar à morte... É um túnel sem saída galera!!! Por favor, USEM CAMISINHA... Se amem e ame seu parceiro (a) (...) Adorei contar minha história e se servir como qualquer tipo de alerta para a juventude sentirei-me privilegiada em poder ajudar" (carta 23)

"Resolvi escrever pra que as meninas da minha idade (14) não usem pessoas como "cobaias humanas". Pra que vejam que sexo é uma coisa muito seria. Que a responsabilidade que temos sobre nosso corpo é maior que nos podemos imaginar. Não devemos nos entregar por outro motivo a não ser o amor. Se você apenas gosta do seu namorado não basta. Precisa ama-lo. A coisa mais linda é a pureza de uma mulher. Isso é só dela. Ninguém manda nisso, só ela, só ela pode desidir (...) As meninas tem que aprender a segurar suas emoções ao máximo. Até onde puder. Sexo é muita responsabilidade. Com você mesma. Preserve-se. Cuide-se. Ser virgem é lindo. Não vá pela curiosidade de transar. Agente. Agente. Sexo só é bom de verdade com quem se ama.(...) Sexo é sério D+. tem que Ter amor, respeito, intimidade, cumplicidade, amizade, caminha, segurança e amor próprio (...) gostaria que essa carta fosse publicada como um alerta. Que esse erro não se repita mais. Pra conscientizar as meninas sobre o que elas fazem." (carta 26)

É importante notar nesse tipo de carta que as adolescentes, ao assumirem o lugar daquelas que sabem qual a atitude certa ou mais adequada a respeito da situação referida, de forma alguma questionam a existência dos códigos de normalidade.

Há antes uma exacerbação desses códigos, que fica expressa no uso dos imperativos (*pense!; seja!; ame!; cuide-se!; acredite!; etc.*). Voltando à analogia da carta com a situação jurídica: aqui elas vão ocupar o lugar do próprio juiz e não mais do réu. A revista torna-se um mero instrumento de propagação da verdade descoberta a respeito do sexo.

O DESABAFO

Em comparação com os motivos anteriores, há cartas que descrevem uma função no ato da escrita em si. Uma das formas a que as adolescentes se referem e que assume essas características é a do desabafo. A atribuição dessa função de desabafo ao próprio ato de escrever não implica, porém, que essa função seja excludente com as demais vistas anteriormente. É possível, por exemplo, a referência ao desabafo e um pedido de conselho em uma mesma carta, mas a função do primeiro não é redutível à do segundo, uma vez que o desabafo implica na atribuição de uma função intrínseca ao ato da escrita relativamente independente do destinatário, ao contrário do que acontece no pedido de conselho, onde é atribuído a este um lugar específico em relação à atribuição de normalidade ou não ao comportamento. Alguns exemplos podem ser vistos: .

“Resolvi escrever pois preciso desabafar uma coisa séria que “me” aconteceu” (carta 46)

“Obrigada por lerem meu desabafo. Se puderem me ajudem” (carta 63)

“Resolvi escrever para vocês aí da Capricho para me desabafar, contar a minha historia pra pessoas que eu não conheço e se talvez ela for publicada para todas as meninas da minha idade” (carta 87)

“Eu adoro a Capricho. Agora eu estou realizada de me desabafar com vocês. Pois vocês são meus melhores amigos” (carta 88)

O desabafo nestas cartas parece estar baseado na crença em um processo catártico, ou seja, no fato de que o falar ou expor sobre um determinado assunto vai contribuir de alguma forma para a atenuação de sentimentos em relação ao passado, como é o caso dos dois últimos exemplos citados, que se referem a histórias de abuso sexual. Nesse sentido, denota já a existência de uma relação da adolescente para con-

sigo mesma. A função do desabafo se aproxima assim daquela do gênero memoria-lístico descrita por Maluf (1995) analisada anteriormente, ou seja, a tentativa de re-construção das vivências sob uma nova perspectiva a partir do ato de lembrança e escrita posterior. Frente a essa possibilidade, há um deslocamento no destinatário, de um interlocutor concreto (a revista e seus jornalistas), para um interlocutor imaginá-rio, alguém que fundamentalmente *ouve* e compartilha da intimidade da adolescente que escreve, ou seja, o amigo, conforme descrito no item inicial dessa análise

O SIMPLES ATO DE ESCREVER

Há cartas que relatam a escrita da mesma como sendo motivada por alguma reportagem das revistas ou simplesmente que não referem nem deixam transparecer motivo algum para a escrita. Em relação ao primeiro caso, é interessante notar um número considerável de cartas suscitadas por uma reportagem específica da revista *Capricho* (de 14/04/96), a respeito da iniciação sexual, onde havia um convite explí-cito nesse sentido (“*Escreva e conte para nós como foi sua primeira vez*”). Poderí-amos pensar na escrita dessas cartas como consequência de um forte vínculo com a revista no sentido de fazer tudo o que é por ela sugerido ou como suscitada pela ne-cessidade de retribuição própria à amizade, mas tal análise seria demasiadamente reducionista nesses casos. De fato algumas dessas cartas sugerem um movimento próprio da adolescente no sentido de escrever que transcende o convite da revista:

“Eu acho que isso foi tão importante p/ mim que resolvi contar tudo”
(carta 3)

“Como vocês pediram (e mesmo que não pedissem eu ia escrever...) aí vai a minha história” (carta 5)

“Desde antes de transar, tinha vontade de falar sobre as intimidades do meu namoro. Logo que transei, senti uma necessidade maior de falar tu-do para alguém. Mas não me senti - nem ainda me sinto - segura para falar com ninguém além do meu namorado. Quando li a matéria “A pri-meira vez” senti uma vontade enorme de escrever tudo para vocês” (car-ta 6)

“Sei que vocês só queriam saber da minha 1a. vez, mas resolvi escrever

um pouco mais sobre mim”.(carta 7)

A partir disso, pode-se pensar que este convite por parte da revista pode ter a função no máximo de facilitar a escrita da carta. O que transparece nesses casos e na escrita da carta sem referência a nenhum motivo específico é que o ato da escrita tem uma função em si. Esse dado foi constatado no item anterior, porém aqui parece assumir uma conotação diferente, uma vez que nessas cartas quase sempre são atribuídos sentimentos positivos em relação às experiências passadas, ao contrário do que acontece nas cartas que tem a função de “desabafo”, motivo pelo qual não pode ser atribuída aqui uma função catártica à escrita.

Tomando como exemplos as cartas 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 24, 27, 36, 37, 40, 41, 60, 78 e 83, que não anunciam um motivo de escrita da carta ou o fazem em referência à reportagem citada, o que pode ser percebido como um diferencial em relação às demais cartas pesquisadas é uma particularidade de sequenciação da narrativa em função do tempo. Nas cartas citadas a ordenação temporal das experiências adquire um lugar importante, o que pode ser visto na profusão de termos que remetem à localização de determinados eventos em relação ao tempo: :

“A primeira vez que li estava doente, de cama, eu tinha uns 11 anos (...) hoje tenho 19 anos (faço 20 daqui a 2 semanas) (...) eu namorava há pouco tempo, uns 2 meses (...) um belo dia eu decidi que queria a minha 1a. vez fosse c/ ele (...) Fomos num hotel no dia seguinte (...) No dia seguinte ele me mandou 2 caixas de bombons (...) Estamos juntos há 3 anos (...) iremos nos casa daqui há 2 meses” (carta 3)

“Estou namorando há 1 mês e meio (...) Desde que a gente fez 1 mês que eu já sabia que ia ser ele (...) Então foi ontem que tudo aconteceu (...) A gente passou a tarde juntos (...) De lá, passamos na casa dele (...) Até umas 10:00, estávamos na cama da minha mãe (...) Ai ela foi dormir e nós ... fomos pro quarto do meu irmão, jogar computador (...) ficamos lá até as 2:00 (...) Fomos até a cozinha beber água e ele disse que “2:30 ia embora” (...) Não deu nem 5 minutos até ele sugerir de apagarmos e eu aceitei (...) Ele acabou indo embora só as 4:00 e eu literalmente apaguei (...) Hoje às 12:00 ele me ligou pra saber se eu tinha dormido bem (...) De tarde, fomos ao cinema com um amigo e fiquei na casa dele até umas

9:00 (...) *Ontem contei pra minha mãe” (carta 5)*

“Em 1o. lugar, hoje eu tenho 17 anos (...) tudo aconteceu quando eu tinha 15 (...) Eu namora há 10 meses (...) No dia em que completou 1 ano que ficamos pela 1a. vez (tempo de namoro = 10 meses), rolou a 1a. tentativa (...) Isso foi em um fim de semana. No domingo do fim de semana seguinte, tentamos novamente (...) E dois dias depois do meu aniversário, aconteceu (...) Hoje não estamos mais namorando (...) a última vez que nos vimos (carnaval), ficamos (...) Namoramos 2 anos e meio e há pouco tempo eu estava passando por uma fase muito difícil da minha vida” (carta 7)

A sequenciação pormenorizada dos eventos e a descrição de cada “fase” do relacionamento amoroso presentes nessas cartas parecem corresponder a uma tentativa de unificação de diversas experiências fragmentárias, dando a elas um sentido único. Ou seja, trata-se da construção da própria história da vida. O desenvolvimento do sentido de continuidade histórica e a atribuição de um passado a si próprio é, como vimos, uma das “tarefas” da adolescência, segundo a Psicanálise. Mas a função da escrita parece se afastar da experimentação fantasiosa descrita por Blos (1962) como uma das funções da escrita de diários por adolescentes. As descrições parecem se referir aqui mais à realidade do vivenciado pelas adolescentes do que a fantasias a respeito do ocorrido. As descrições das fantasias surgem mais a título de relação com o vivenciado, de proximidade ou distância.

A função do ato da escrita nesse caso parece se aproximar daquela descrita por Foucault a respeito dos hipomnemata e correspondência entre os estóicos: ao mesmo tempo que a escrita implica em uma objetivação do eu, que se torna visível à própria adolescente à medida que esta escreve, permite a fixação dos elementos vivenciados e a constituição de um passado ao qual o indivíduo pode regressar. A adolescente nesses casos, ao compor um texto sobre si, compõe-se a si mesma. Sendo assim, o trabalho envolvido na escrita das cartas é essencialmente da adolescente sobre si mesma. O interlocutor da carta é muito mais ela mesma do que a revista destinatária da carta, que assume aqui um lugar subsidiário.

4.2 - A INICIAÇÃO SEXUAL

A maior parte do conteúdo das cartas, em sua quase totalidade, dedica-se ao relato de histórias e situações ocorridas e detalhamento de problemas pelos quais as adolescentes passam em relação ao início da vida sexual. Para descrevermos os elementos principais presentes nas cartas relativos a essas situações, faremos uma divisão por itens a serem observados. Propomos os seguintes:

- O “status” da condição de virgem
- O desejo como algo perigoso
- A necessidade de “estar preparada”
- A necessidade de amar o parceiro
- A iniciativa em relação ao ato sexual
- O medo da promiscuidade
- O medo de ser abandonada
- Dor e sangramento
- O medo de engravidar
- O uso do preservativo
- A visão do universo masculino
- Prazer e orgasmo
- A relação com o próprio corpo
- As frustrações
- O relacionamento com os pais
- O relacionamento com os amigos

Certamente tal divisão tem como objetivo apenas facilitar a compreensão dos dados, uma vez que esses itens muitas vezes se interpenetram em um simples trecho de carta.

4.2.1 - O status da virgindade

A maior parte das cartas analisadas mostram um descompromisso em relação à necessidade de se manter a virgindade até o casamento. A perda do valor positivo atribuído à virgindade é evidente em vários momentos, chegando em alguns casos à atribuição de um valor negativo à mesma, que passa a ser motivo de vergonha:

“Ao mesmo tempo, senti-me mais adulta , mais experiente. Ficava repe-

tindo para mim mesma “eu não sou mais virgem” e me sentia bem” (carta 6)

“...nunca havia dado muito valor pra essa tal virgindade, desde pequena lia muitos assuntos sobre isso e me perguntava pra que realmente ela servia, então cheguei a conclusão que esse meu namorado havia me feito um favor” (carta 27)

“Minhas amigas não são mais virgens e eu me sinto culpada por ainda ser. Elas falam sobre isso o tempo todo, e parecem que estão me culpando por isso, mas em alguns momentos eu paro para pensar, passa um pouco, mas logo depois a culpa reaparece” (carta 59)

“Mas sou louca para perder a virgindade” (carta 102)

Embora a maioria das adolescentes não atribuam mais um valor positivo à virgindade, há ainda a permanência minoritária da valorização desta em algumas das cartas, o que mostra a presença dos valores antagônicos em relação a essa questão como vimos anteriormente. Podemos observar a valorização da virgindade em alguns momentos no conjunto das cartas:

“...ser virgem não é ser doente” (carta 19)

“ A coisa mais linda é a pureza de uma mulher. Isso é só dela. Ninguém manda nisso, só ela, só ela pode desidir (...) Preserve-se. Cuide-se. Ser virgem é lindo” (carta 26)

“ Mas eu queria casar virgem acho tão bonito” (carta 30)

“... logo eu que dou tanto valor a virgindade” (carta 57).

“E o pior ele vive curtindo com outros; e falo curtindo porque são garotas que transam, ou melhor, topam tudo; já eu, sou a moça séria, virgem... (carta 62)

“Pois pretendo me casar, e quero casar virgem. (carta 89)

O fato da maioria das adolescentes advogar o direito ao exercício sexual já durante a adolescência não significa, porém, que há a inexistência de códigos morais relacionados a esse exercício, como veremos a seguir

4.2.2 - O desejo como algo irresistível e perigoso

Sem dúvida a dicotomia principal relacionada ao desejo sexual presente nas cartas é a relativa à aceitação ou negação deste, que vimos tão bem descrita por Des-ser (1993) anteriormente e que trataremos mais adiante. Antes, porém é interessante ressaltar a forma como as adolescentes percebem esse desejo. Em várias cartas podemos perceber a preocupação das adolescentes com o desejo sexual enquanto algo que foge ao controle delas próprias. Esse tema é descrito fartamente na Psicanálise da Adolescência como vimos, onde a adolescência é descrita como uma fase de reaparecimento das pulsões com um ego correspondente ainda frágil para lidar com as mesmas. São vários os relatos nesse sentido, especialmente de adolescentes que por algum motivo não realizam esses desejos através da atividade sexual propriamente dita. Tal experiência é descrita como um desequilíbrio psicológico, uma “loucura” delas mesmas:

“...estou louca de vontade de transar “. (carta 10)

“ Penso tanto, que já pensei em até me gosar com o dedo. Penso tanto em pênis, camisinha e minha 1a. vez, que estou ficando loca”. (carta 14)

“-. Só que não dá mais, não dá mais pra me segurar, estou ficando muito depressiva, com meus desejos recolhidos, sinto um ódio enorme dentro de mim, tenho crises de choro à noite, mudo de humor facilmente, fico nervosa, sei que entende isso (carta 51)

“ Quando passo um mês sem transar, fico muito ansiosa, me masturbo e me excito com qualquer coisa, até mesmo com pessoas se beijando na televisão.(...) estou atormentada pela falta de sexo ... “ (carta 93)

A essa percepção corresponde um medo de perda do controle sobre si, algo que é sentido como perigoso:

“Tenho medo de ser seduzida por um simples tesão” (carta 46)

“... que devo fazer para me controlar? E outro problema é que se eu sair com algum rapaz, depois de um certo grau de excitação, eu não me

controle mais” (carta 93)

“tenho uma vontade de transa só penso em sexo, queria poder fazer algo, como?” (carta 103)

Essas cartas transparecem um ideal das adolescentes em relação ao desejo sexual como algo que deve ser controlado. Frente à possibilidade do descontrole surgem, como podemos ver, as sensações de perigo e desrazão. Mas o exercício da vida sexual é também visto como uma solução para esse descontrole, como podemos ver nessa carta:

“O negocio é que a tentação me chama e eu não resisto a essa emoção, essa atração, eu preciso viver, viver, pôxa "eu não sou de ferro nem matemática pra ser exata", sou humana. Eu quero, "nhanhar" (carta 51)

4.2.3 - A necessidade de estar preparada

Embora o exercício da vida sexual surja como a forma mais evidente para lidar com o desejo, há a presença em muitas cartas de referências a uma maturidade ou preparo necessários para a iniciação sexual:

“Psicologicamente eu já estava preparada” (carta 5)

“...achava-me muito imatura e nunca quis transar com ele” (carta 6)

“Eu acho que não estou pronta, ele diz que é bobagem minha” (carta 30)

“Pois gosto muito dele, sei que estou preparada mais na hora H não consigo” (carta 69)

“... quase que eu fui pra cama com ele num acampamento no carnaval, mas não rolou nada acho que eu não estava preparada” (carta 97)

“Eu o amo muito, e sei que estava preparada” (carta 101)

Esse pressuposto de maturidade e preparação necessários está relacionado a um outro, que é o de haver uma idade, hora ou momento certos para ocorrer a inicia-

ção sexual

“...tenho certeza que foi na hora certa” (carta 8)

“Só não transei com ele por que achei que estou muito nova” (carta 12)

“Nós já conversamos sobre isso, e eu falei que não estava preparada, q não era a minha hora” (carta 46)

“Acho que é muito cedo para tranzarmos, apesar de morrer de vontade” (carta 49)

4.2.4 Estar amando o homem “certo”

Além das pressuposições já citadas, há inferências das adolescentes a respeito da natureza da relação com o parceiro necessária para ocorrer o relacionamento sexual. De forma geral, a maioria das cartas falam da necessidade de gostar, amar e confiar no mesmo (confiar aqui remete à idéia que veremos posteriormente de que o parceiro deve continuar o relacionamento amoroso após a relação sexual):

“...sempre nós tocavamos no assunto de transar mas eu ainda dizia não, queria gostar ainda mais dele” (carta 9)

“Eu confio na pessoa, no meu companheiro de transa, quero dizer, o meu namorado” (carta 32)

“Depois de 1 ano de namoro, após várias trocas de juras de amor, decidimos que já era hora de transar (...) mas não dá, para eu me entregar à alguém, eu preciso em primeiro lugar, amá-lo muito e confiar de olhos fechados, o que não se consegue muito rápido, é necessário tempo para conhecer, para pegar intimidade com a pessoa e não foi o caso de nenhum dos dois” (carta 63)

“... estive pensando muito em minha 1ª relação sexual, confio muito nele” (carta 68)

“Pois gosto muito dele (...) espero que depois desta carta tudo dê certo e eu inicie a minha vida sexual com a pessoa que gosto” (carta 69)

Há muitas vezes uma convicção presente aliada a essa idéia de que há a necessidade da iniciação sexual ocorrer com uma “pessoa certa”, alguém com quem a adolescente já tenha ou vá ter um relacionamento duradouro e com envolvimento amoroso:

“... quase rolou com o menino que eu tava no Carnaval, mas eu senti que não era ele, sabe como é né? (...) Desde que a gente fez 1 mês que eu já sabia que ia ser ele.(carta 5)

“Achava que minha primeira vez seria com um ex. que eu pensava ser “o homem da minha vida” (...) às vezes, desconfio que não foi com a pessoa certa” (carta 6)

“Como vocês viram, a minha 1a. vez foi com a pessoa certa, no momento certo e o lugar não foi mais perfeito, mas o que fez da minha 1a. vez ser inesquecível foi que aconteceu tudo com muito amor” (carta 7)

“...a minha tão esperada primeira vez não foi boa. Decididamente não foi com a pessoa certa” (carta 78)

“Passarão alguns anos e eu conheci o homem da minha vida, meu namorado. Ele é a única coisa boa que me aconteceu nesta vida” (carta 87)

Esses pressupostos acerca da necessidade de amor e da existência de uma hora e uma pessoa certas para a relação sexual parecem substituir na maior parte das cartas, como vimos, uma exigência da virgindade até o casamento. Tal constatação é semelhante à realizada por Desser (1993), para quem, como vimos, a diminuição da ênfase na virgindade dá lugar a um conjunto de normas que vão ser seguidas pelas adolescentes. Mas podemos observar também que tais regras, embora presentes em grande parte das cartas, são em algumas delas questionadas:

“...nunca ficava me questionando, nem querendo impor regras do tipo: tem que ser com tantos anos, só com um cara, tem que casar com ele” (carta 3)

“Dizem que o ideal é transar com uma pessoa que gosta da gente e que a gente gosta. Acho que eu não sou do tipo que vá gostar de alguém tão cedo, então o que fazer?” (carta 41)

“E eu não posso só obedecer, e ficar enalhada, porque príncipe encantado não existe” (carta 51)

“...não queremos nada a sério um com o outro, mas mesmo assim rolou não foi por pressão, mas sim porque ambos estávamos afim” (carta 60)

4.2.5 - Desejo e Iniciativa

A maneira como se dá ou é imaginada a iniciação sexual pelas adolescentes está intimamente relacionada à aceitação ou negação do próprio desejo sexual e à observância dos códigos subentendidos a essa iniciação. A maioria das cartas sugere um pressuposto de que cabe ao parceiro a iniciativa em relação ao ato sexual. Algumas vezes parece haver a expectativa de que haja pressão do namorado em relação ao ato sexual, mesmo quando a adolescente reconhece o desejo sexual nela mesma:

“já estava louca pra descobrir como era, mas tinha medo ou vergonha de tomar a iniciativa ... quando começamos a discutir pelo fato de ele querer transar e eu não, na verdade eu queria mas não tinha coragem de assumir isso. Cansada de discutir e de também aguentar esse meu medo resolvi me entrar de uma vez” (carta 27)

“Sabe, eu sempre tive vontade de transar. Sempre disposto e sempre ali, esperando só o cara agir” (carta 32)

“na hora de transarmos ele forçou um pouquinho a barra mais como eu também estava afim então rolou” (carta 38).

“Às vezes queria que ele fosse além mesmo sem minha permissão, mas ele nunca o fez” (carta 41)

Há, entretanto, uma considerável quantidade de cartas, em especial naquelas que descrevem uma iniciação sexual em que o desejo sexual pelo parceiro é presente e assumido, onde a iniciativa em relação a essa iniciação é descrita como sendo própria ou algo compartilhado com o parceiro:

“eu decidi que queria a minha 1a. vez fosse c/ ele, que eu gostava dele. Aí cheguei e falei: “quero transar com você!” (carta 3)

“quando eu entrei no quarto, resolvi que ia ser naquele momento. Eu queria e pronto” (carta 7)

“...cheguei a conclusão que estou pronta para ter uma relação com ele” (carta 18)

“Na nossa primeira noite de amor, estávamos muito a fim” (carta 16)

“nós já comentávamos e também demonstrávamos a mm vontade um pelo outro (...) ele perguntou:- Vai ser hoje? E por um impulso respondi que “sim” “ (carta 37)

“O que mais me intrigava era que quando estávamos juntos mesmo ele querendo muito e sabendo que eu também, ele não conseguia me penetrar sem ouvir o "sim" da minha boca (carta 54)

“E transamos por que estamos afim e o meu namorado entende, quando não quero mais” (carta 79)

Em contraponto às descrições de situações onde o próprio desejo sexual é afirmado, há cartas que descrevem situações onde há uma negação ou inexistência do desejo sexual. Cabe ressaltar aqui que é muito difícil discriminar entre essas duas possibilidades, a não ser nos casos de violência sexual explícita. Uma forma onde podemos afirmar como mais provável a negação do desejo sexual é na descrição da iniciação sexual como fruto de uma inconsciência em relação aos próprios atos:

“Acabamos ficando, surgiram os amassos, e só me toquei quando estava no quarto dele transando, sem camisinha. Eu era virgem” (carta 35)

“Ai então ele tentou transar, neguei até um certo ponto, mais não aguentei, pois também não sei o que houve, sei é que doeu muito e sai muito sangue. Será que perdi a virgindade” (carta 44)

“vivemos a oportunidade de ficar em um lugar sozinha e quando dei por mim estávamos trocando carícias” (carta 66)

“eu e meu irmão de 23 anos (...) Derrepente ele me deu um beijo na boca, e começou a passar a mão no meu seio, a hora que percebi a gente

estava tendo uma relação, e fomos até o fim (...) Eu fui até o quarto dele mal a gente se olhou e começamos a se beijar e aí começou tudo de novo (carta 82)

“Foi numa festa um sarro pesado e que eu tava meia fora de se e o que aconteceu até hoje eu estou sem dormir na duvida” (carta 84)

Em alguns relatos contudo, é difícil discriminar entre a inexistência ou a negação do desejo em relação à iniciação sexual, em especial naqueles que referem a “perda” da virgindade como consequência de uma inevitabilidade, da pressão ou medo de perder o namorado:

“meu namorando vivia insistindo em transarmos, e eu sempre falei uma desculpa (...) ficamos só nos dois, não havia como escapar, acabamos transando” (carta 13)

“Ele me disse que me amava e que largaria tudo pra ficar comigo, so que para isso acontecer eu teria que me entregar pra ele, teria que "TRANSAR" com ele. Na hora eu fiquei assustada e comecei a chorar, então disse a ele que poderia me pedir qualquer coisa menos que eu "TRANSA-SE" com ele (carta 19)

“Foi quando começou a forçar a barra pra gente transar. Tinha uma amiga (...) me disse que se eu transasse com ele jamais iria esquece-lo e ã gostaria mais de "outro". Depois das pressões acabei transando com ele” (carta 26)

“Meu namorado vive insistindo, nós estamos namorando a um ano (...) ele so encostou o penis em minha vagina e eu comecei a entra em panico e chora ele parou; e ficou “danado da vida”. (carta 30)

“Passei a odiar meu namorado, pus toda a culpa nele, dizendo que ele me forçou a transar com ele, desrespeitou a minha vontade, etc.” (carta 81)

Finalmente há os relatos de violência sexual explícita, de estupro ou abuso sexual, momento em que a adolescente passa à condição de vítima. Na imensa maioria das vezes, o desejo sexual da vítima está ausente nesta situação, com raras exceções, como a da carta 82 recém-citada. Tais relatos são bastante chocantes e falam de

uma experiência de outra ordem, na medida que a iniciação sexual se dá longe de qualquer possibilidade de escolha por parte das adolescentes:

“Com 14 anos (apenas) perdi minha virgindade sem querer (...) Ele me agarrou e me deitou no chão, ainda falou. “Não vou te machucar pequena (...) Fui perdendo as forças e não consegui mais resistir” (carta 21)

“... depois ele me levou para a praia (contra a minha vontade). Eu não queria ir a praia porque lá é muito deserto, mas ele insistiu e acabou vencido, chegando lá ele já queria ir tirando a minha roupa, só que eu não queria. Discutimos muito, eu falei que estava com medo e que não queria, que queria voltar para praça, ele não queria, começou a tirar a minha roupa (saia) e eu falando pra pára, que eu não queria, até que ele engrossou a voz e aí eu fiquei com medo e deixei ele tirar a minha saia e a calcinha, doeu muito” (carta 25)

“A minha (história) também envolve violência física, sexual e emocional. Só que não é com meu namorado, é com o meu pai. Quando eu estava com mais ou menos dez anos, eu dormi (uma certa noite), quando eu acordei, estava junto comigo na minha cama, semi-nú, só de camiseta e me sentia diferente, o meu corpo estava diferente” (carta 86)

“Minha mãe arrumou um namorado (...) Um dia minha mãe saiu e eu fiquei sozinha com ele, me tranquei no banheiro, mas não adiantou ele me disse várias coisas que fiquei com medo, e acabei abrindo a porta. Esse dia foi o pior dia da minha vida. Ele teve relação sexual comigo. Eu nem sabia direito o que era isso. Doeu muito. (carta 87)

“Ele se aproximou de mim, me pegou e começou a me beijar. Eu comecei a chorar, falava p/ ele que eu era a filha dele e ele somente dizia que não sentia mais tesão pela minha mãe só sentia tesão por mim e disse que me amava. Naquela hora eu senti nojo do meu pai e eu queria morrer (...) ele me pegou pelo braço, me bateu muito e começou a tirar a minha roupa. Eu chorava muito, falava que eu o odiava. Ele me estrupou e depois sumiu de casa” (carta 88)

4.2.6 - Promiscuidade

Embora a maioria das adolescentes se advoguem o direito ao exercício da vida sexual, há uma preocupação bastante presente quanto à necessidade de manter um limite sobre esse exercício. O principal receio aqui presente aparentemente é o de se ver ou ser vista enquanto uma pessoa promíscua (a “galinha”), que transgride os limites do recato necessário. Essa preocupação está bastante relacionada à necessidade do controle sobre os impulsos sexuais já vista. Enquanto a experiência do “ficar” é entendida como algo passível de ser realizada com pessoas diferentes, o “transar”, caso seja realizado, deve ser com apenas um ou com um número exíguo de parceiros.

“Penso da seguinte forma: no dia que eu namorar outra pessoa, a nossa intimidade não vai começar no ponto onde parou a do meu lo. namoro. Ele poderá até saber que não sou mais virgem, mas para ele, eu serei”
(carta 7)

“Vocês podem estar pensando que eu saio por ai transando feito uma louca com todos que aparecem, mas não é bem assim. O sexo só rola se eu estiver realmente afim de transar com o cara, caso contrário tchau, tchau!” (carta 27)

“Meu medo de transar com essa pessoa, que hoje é apenas um amigo, é que fosse descoberta, pois moro em uma cidade em que todos sabem de tudo e comentam” (carta 41)

“... me seguro o máximo que, posso para que não me façam de má fama (povo de interior baiano, é fogo)” (carta 51)

“Mas também tenho medo (...)de um namorado meu, achar que sou galinha, (...) de meu namorado espalhar para todo mundo” (carta 76)

“Me diga o que posso fazer para não deixa a impressão de ser facil e me satisfazer sexualmente?” (carta 93)

A perda do controle sobre os desejos é sentida, como vimos como um desequilíbrio psicológico. O mesmo ocorre aqui: o sexo com outra pessoa que não o namorado ou a infidelidade são sentidos pela adolescente como um estranhamento em

relação a si mesma:

“Mas realmente tenho um dúvida. Namorei nove meses com um rapaz para transar com um que conheci em 2 horas (...) Só que não quero transar tão cedo. Quando eu namorei eu não aceitava nem tocar “vamos transar” (carta 31)

“Acontece que sempre que estou namorado ou ficando com alguém, eu sempre traio a pessoa, sem nenhum arrependimento ou sentimento de culpa.(...) houve uma vez que cheguei a ficar com um menino durante 1 ano direto paralelamente ao meu namoro e eu nem mal me sentia, não sei se isso é bom ou ruim (...) "Pô, será que sou louca?" ou sou algum "tipo de namorada degenerada e sem coração? "Porque não me sinto mal? Porque depois de tudo consigo sem esforço algum encarar meu namorado? Olhar pra ele e agir como a mais fiel das namoradas? (...) Queria entender o porquê disso tudo, se eu o amo e ele me completa, porquê continuo a ficar com outros meninos sem me sentir culpada quando beijo, quando abraço meu namorado?”(carta 63)

Embora a maioria das cartas sugiram essa preocupação em não ser promíscua, há um questionamento presente em algumas delas quanto a essa preocupação, em uma defesa de uma maior liberdade sexual nesse campo:

“No meu caso nós continuamos juntos, mas se não continuasse continuaria vivendo e quando aparecesse outro, se pintasse o clima e com as condições que eu disse, faria de novo” (carta 3)

“...mas sou super avançada, sempre fui à frente do meu próprio tempo (...) já vivi muita coisa inclusive, experiências sexuais muito proveitosas para a minha “pouca idade”.(carta 8)

“Eu estava lendo uma revista Carícia (...) E lá esta escrito que: "Nem sempre é preciso estar apaixonada para sentir tesão. Mas, antes, veja se está segura do que vai fazer e se tem certeza de que não irá cobrar compromisso do moço. Sexo por mais gostoso que seja, não é certificado de garantia de que o garoto vai ficar na sua". Já estive apaixonada por um cara, mas eu não tinha confiança ao ponto de chegar a transar. Desta

vez eu estava com total confiança, mas não apaixonada.” (carta 60)

4.2.7 - Medo do abandono

Um outro receio em relação ao exercício da vida sexual, que está em muitos momentos em estreita conexão com o anterior, é o receio de ser abandonada pelo namorado. É interessante ressaltar, contudo, que esse medo surge nas duas vertentes possíveis: há, em alguns casos o medo da adolescente de perder o namorado se ocorrer a relação sexual, o que levaria o namorado a desvalorizá-la, e o medo de perdê-lo se não ocorrer a relação, o que levaria o namorado a se interessar por outras mulheres. No primeiro caso, o medo é semelhante ao receio em relação à promiscuidade descrito no item anterior:

“... por que eu vou estragar a minha vida agora, me entregar pra alguém que vai fiar comigo um tempo e depois vai me deixar?” (carta 19)

“Agora estou com medo que ele não me queira mais” (carta 44)

“...sempre arrumo uma desculpa porque tenho medo que ele queira apenas se aproveitar de mim” (carta 56)

“Se eu estiver namorando e transar com meu namorado, ele vai perder o interesse por mim, por não ser mais virgem? Mas também tenho medo de (...) um namorado meu, achar que sou galinha...” (carta 76)

“Será o motivo de eu ter ido pra cama com ele logo na primeira vez, é o motivo dele não querer nada comigo?” (carta 80)

“...(ele) já sugeriu várias vezes e eu sempre e eu sempre invento mil desculpas. Tenho medo que ele mude comigo” (carta 100)

Há, porém, o medo contrário, de ser abandonada ou traída se não ocorrer a relação sexual:

“...me dá um medo e eu caio fora. Talvez por medo de perde-lo depois da transa mais o que sinto é que se não transar vou perdê-lo” (carta 69)

“Ele me disse que está me esperando mas paciência tem limites e se eu

não transar com ele até completarmos 3 anos de namoro ele vai se satisfazer sexualmente com outra mulher, e como eu não admito traição; vou acabar acabando um namoro só porque não consigo suportar uma dor” (carta 77)

Como forma de combater a possibilidade do abandono, surge a necessidade de conquistar sexualmente o homem:

“...o que posso fazer se tiver pra rolar (...) como devo agir com ele pra poder deixá-lo amarradão” (carta 46)

“Queria que você me ajudasse mandando para mim, gratuitamente livros falando e ensinando tudo sobre sexo e como deixar meu futuro marido doido que ele passe a gostar mais de mim e que ele só possa olhar pra mim. Quero aprender a deixar ele doido na cama, posições para fazer sexo e como conviver com ele diariamente.” (carta 70)

4.2.8 - Dor e sangramento

Duas das preocupações mais frequentes em relação à iniciação sexual por parte das adolescentes dizem respeito ao medo em relação à dor e ao sangramento. São várias as observações feitas em relação ao sangramento da primeira relação. A maioria delas apenas para apontar se houve ou não e a quantidade do sangramento. As observações mais extensas nesse sentido referem-se ao sangramento enquanto símbolo da perda da virgindade, ao estranhamento quando o mesmo não ocorre ou ocorre várias vezes, e a uma preocupação em ter “perdido” a virgindade de alguma outra forma que não a penetração:

“Transei com meu namorado, e não sangrou e ele me disse, que eu não era virgem. Mais eu era sim! O eu devo fazer para ele acreditar?” (carta 53)

“Eu me acustei e bater no quadro da bicicleta a minha vagina (..) não sentir dor, mas minha calcinha estava com uma pitadinha de sangue”

(carta 89)

“...fiquei c/ meu namorado 2 vez e sangrei muito + da 1ª vez o meu hímen foi totalmente rompido, e da segunda vez porque sangrei novamente?” (carta 107)

“É que na minha primeira relação sexual, não ocorreu sangramento. Já na segunda houve sangramento. Porque isto aconteceu? Porque não sangrou na 1ª vez e na 2ª sim. Têm algum problema, ou isso é normal?” (carta 109)

“...meu namorado já introduziu os dedos em minha vagina, me levando ao orgasmo. Sempre que ele faz isso sangra. O que isso quer dizer: Que eu já perder a virgindade?” (carta 113)

Em relação à dor experimentada, as referências também são comuns, mesmo em relação a sua ausência. A dor surge por vezes também como um empecilho para a iniciação sexual:

“Já tínhamos muita intimidade. Só faltava transar de fato. Uma noite, resolvemos tentar. Mas começou a doer e paramos” (carta 6)

“Comecei namorar com um rapaz, o namoro durou três anos e seis meses, surgiu muitas intimidades, um dia resolvemos transar, quando colocou o pênis senti doer, mandei que parasse e saísse de cima de mim” (carta 11)

“Minha primeira transa foi coisa rápida, não senti nem um pouquinho de dor, apesar de estar nervosa e não decidida” (carta 74)

Algumas das referências à dor dizem respeito a um medo que faz com que se postergue uma decisão pela iniciação sexual. É possível que a dor física projetada se deva nestes casos a um medo ou preocupação de outra ordem:

“Qual pode ser a sensação do depois? Quero disser vou sentir uma sensação pesada? de perca? (...) E a dor?” (carta 12)

“... estou namorando a 2 meses, e estive pensando muito em minha 1ª relação sexual, confio muito nele, mas o meu único medo é que venha a doer.” (carta 68)

“Mas também tenho medo de alguém da minha família ficar sabendo (...) tenho medo de doer muito, afinal, existe muitos tabus” (carta 76)

“Tenho 15 anos e nunca transei so que tenho muita vontade de fazer pela primeira vez. Só que tenho medo de doer.” (carta 105)

4.2.9 - Medo da gravidez

Bem mais evidente que o medo da dor ou sangramento é o medo da gravidez. Medo de engravidar, estar grávida e descrições de alívio pela “vinda” da menstruação, símbolo da ausência da gravidez.

O medo de engravidar descrito nas cartas parece algumas vezes um medo razoável e em outras um medo exagerado, que parece remeter à alguma preocupação de outra ordem, da mesma forma que o medo exagerado da dor já referido:

“...mas só tenho medo de uma coisa: de ficar grávida! Gostaria muito que: vocês publicassem uma tabela para "regular" os dia férteis. E que ensinem usá-la também” (carta 18)

“...mas o medo maior é a gravidez em hora errada, sei que existe camisinha e anticoncepcional, mas tenho medo disso tudo falhar”. (carta 28)

“A gente já conversou sobre ele usa camisinha ele disse que não, incomoda muito (...) Eu disse que tem um método. Que é o “gozar fora”. Eu disse a ele que não dava certo (...) Eu posso engravida se eu estiver de calcinha no rala e rola?” (carta 30)

“... então quero tomar pilula pois não confio muito na camisinha” (carta 34)

“... mas tenho medo de usar camisinha pois ela me parece muito frágil e tenho pavor de engravidar (carta 51)

O medo de estar grávida é algo também bastante presente e é um tanto semelhante ao medo de engravidar já descrito:

“Durante o tempo que transamos tomando anticoncepcional não usamos camisinha (...) existe o risco de uma gravidez?” (carta 4)

“... quando ficamos a sós ele se exita d + e sinto que ele se masturba sobre mim, portanto a alguma possibilidade do espermatozóide ter entrado em contato com o óvulo, ou seja, a chance de uma gravidez” (carta 15)

“... mais ele por um tempo ficou como pênis perto da minha vagina sem roupa (...) estou com muito medo de estar grávida” (carta 58)

“Depois deste mês nunca mais menstruei. Em outubro tive a minha 1a. relação sexual, com meu namorado, só que foi sem camisinha. Nesta 1a. experiência posso ter engravidado?” (carta 95)

Há algumas descrições também a respeito da gravidez presumida que mais tarde é verificado não ter ocorrido. Tal experiência é revestida de muita angústia, e a “vinda” da menstruação é sentida como um alívio. Um exemplo interessante é o da carta 81, muito extensa para ser reproduzida aqui, que descreve exemplarmente o processo de ansiedade vivido pela adolescente, em um caso aparente de gravidez psicológica:

“Só que ele não tinha colocado camisinha. Já fiquei preocupada. Passou alguns dias e a minha menstruação não veio. 2a. fazer o teste. Mas graças à Deus no sábado minha menstruação veio e eu fiquei super feliz. Aprendi um grande lição: Nunca mais sem camisinha!” (carta 40)

“Aos poucos fui me conscientizando que estava mesmo grávida e pronto! (...) Se a camisinha não furou, se eu e o Y. não vimos nada errado?... Nada tirava a gravidez da minha cabeça” (carta 81)

É interessante ressaltar contudo, que embora o medo da gravidez exista e em alguns casos assuma proporções enormes, a gravidez pode em alguns momentos ser sentida como uma possibilidade intrínseca ao fato de ser mulher, e a sua não-concretização pode ser também motivo de angústia, por apontar para uma possível esterilidade. Um bom exemplo disso é o da carta 79:

“... na maioria das vezes, não usamos preservativo e nunca tomei anti-consepcional (...) Pelo tempo que transamos, eu ainda não engraidei!

Isso eu não quero nem tão cedo mas, será que sou estéril ?!” (carta 79)

4.2.10 - Uso do preservativo

O uso do preservativo é algo bastante citado pelas adolescentes nas cartas. A principal referência ao preservativo é quanto a ser um método contraceptivo, embora haja referências à prevenção da AIDS e outras doenças. Seu uso em alguns momentos surge como um símbolo de maturidade e conscientização pelas adolescentes:

“Foi meio difícil pra mim interromper tudo e mandar ele pôr a camisinha. Mas eu falei e me orgulho disso” (carta 1)

“Só lembrou (muitas vezes aliás!) da camisinha, o que eu tenho plena consciência e ela sabe bem que eu tenho” (carta 5)

“Tranço de camisinha e nunca aconteceu o contrário. Xxxxxxx (meu namorado) e eu somos conscientes dos riscos que corremos se não nos prevenirmos. Praticamos sexo seguro, numa boa” (carta 47)

“E o melhor de tudo foi que eu nem precisei falar sobre o preservativo, ele já estava preparado. Várias vezes já li em reportagens, garotos dizendo que a camisinha só atrapalha e não dá tesão. Eu acho ao contrário a camisinha ajuda a prevenção de várias doenças, e da muito tesão, só em pensar, em que estamos evitando uma gravidez não desejada e de não pegar doenças perigosas, algumas sem cura.” (carta 60)

O preservativo, porém, surge em alguns momentos como algo excessivamente frágil. Esse medo do preservativo falhar de alguma forma parece novamente mais relacionado aos receios e angústias das adolescentes do que a circunstâncias objetivas:

“...eu tenho medo de transar de camisinha e ela estourar sei lá” (carta 10)

“... sei que existe camisinha e anticoncepcional, mas tenho medo disso tudo falhar” (carta 28)

“... então quero tomar pílula pois não confio muito na camisinha” (carta 34)

“Essas pessoas recomendou sempre o uso de camisinha e é disso que tenho medo, vem as dúvidas, o risco dela estourar, ficar dentro da vagina e aí uma gravidez indesejada que acabaria com minha vida, né?” (carta 51)

“A camisinha evita aids, mas se na hora a camisinha estoura, existe risco de se contaminar?” (carta 55)

Embora o uso do preservativo seja predominante, há vários relatos de sua não-utilização. Tal fato pode estar relacionado à falta da iniciativa da adolescente frente à relação sexual (uma vez que a iniciativa em alguns casos é subentendida que deva ser do parceiro caberia a este a decisão pelo uso do preservativo) ou a uma maneira de mostrar confiança no parceiro:

“Durante o tempo que transamos tomando anticoncepcional não usamos camisinha. Eu sabia que eu não tinha doença alguma, e sempre soube que ele também nunca transou com nenhuma menina sem camisinha, a não ser comigo” (carta 4)

“Mas acabei cedendo, foi na casa dele, no quarto dele, foi um pouco desconfortável, doeu muito e sangrei depois, só que não usei a camisinha e nem tomei anticoncepcional. Tive medo que a camisinha me machucasse” (carta 24)

4.2.11 - Homens

A visão das adolescentes a respeito do sexo masculino está presente em muitos comentários a respeito de namorados atuais ou antigos amigos e familiares. Uma parte destes comentários dizem respeito à natureza sexual dos homens, que são vistos como tendo desejos sexuais mais intensos que as mulheres. Daí surge o medo de ser “usada” por eles, ou seja, de haver um interesse deles em relação às mulheres única e exclusivamente em manter relações sexuais, o que gera um descompromisso afetivo após o relacionamento sexual, uma das grandes preocupações das adolescentes já

relatada:

“A maioria das meninas da minha classe, tanto + velha quanto + nova do que eu já transaram. Elas disseram que o homem não vive sem sexo que eu vou perde ele. Eu não quero isso, eu amo ele” (carta 30)

“Estou curiosa para saber porque meu namorado quando pensar ou o-lha para meus seios fica logo excitado, ele diz que gosta muito de mim, será que ele gosta mesmo? ou só sente tesão incontrolavel? (...) será que ele está comigo só para se aproveitar” (carta 114)

“Será que ele me ama ou é astucioso demais? O que devo fazer para saber se ele gosta de mim para evitar que ele me engane” (carta 118)

“... ele diz que gosta de mim mas na verdade acho que ele só que se aproveitar de mim” (carta 119)

Há também o estranhamento vivido ou imaginado da nudez masculina, que gera um sentimento de espanto ou repulsa:

“Tudo era novo para mim, aquele toques mais ousado, aquele homem nu em cima de mim, nunca tinha passado por uma situação dessa” (carta 38)

“.. ele é negro, tem 25 anos (...) Pô, ele já tem experiência, eu nunca nem coloquei uma camisinha no dedo, quanto mais num pênis. Eu fico pensando "Pinto (pênis) preto deve ser horrível" (carta 46)

“...ele já veio excitado do banheiro, e eu sem nenhuma experiência como não de é admirar fiquei muito abobada” (carta 52)

4.2.12 - Prazer e orgasmo

Se compararmos com o número e extensão dos comentários em relação aos medos em relação à iniciação sexual, os comentários a respeito do prazer sexual são em menos número e mais breves. Há contudo referências interessantes a serem consideradas. Primeiramente em relação à masturbação, que são permeadas por uma mistura de prazer e preocupações possivelmente relacionadas a um sentimento de

culpa:

“...optei pra masturbação que é deliciosa (faço desde 12 anos), sinto muito prazer, me sinto relaxada e faço dias seguidos “ (carta 51)

“A primeira vez que me masturbei foi bom, eu não senti nada de dor” (carta 55)

“Por que sempre que estou me masturbando sinto prazer mas assim que ele acaba me sinto mau” (carta 92)

“Tem algum risco de uma pessoa que se masturba não sentir prazer na hora do sexo? A masturbação tem algo com homossexualismo?” (carta 94)

Em relação ao prazer compartilhado com o sexo oposto, há varias referências em relação a carícias pré-genitais, que ocorrem em um processo que é sentido como de intimidade crescente e que muitas vezes acaba levando a uma relação sexual inevitável:

“Já tínhamos muita intimidade. Só faltava transar de fato” (carta 6)

“...surgiu muitas intimidades, um dia resolvemos transar” (carta 11)

“mas aos poucos fomos ganhando intimidade (...) Saímos várias vezes e a cada dia nos conhecíamos mais, e a transa ficava inevitável” (carta 23)

“... no início eu não deixava, mas depois as carícias foram ficando cada vez mais irresistível” (carta 27)

“Eu e este amigo, quando namorados fizemos coisa muito gostosas, eu não tinha vergonha dele, nós íamos até o ponto que eu permitia, fico arrepiada só de lembrar” (carta 41)

“a gente ficou numa boa, até que o clima esquentou, primeiro nós conversamos muito, e ele fez que eu acreditasse nele...Um beijinho ali, outro aqui, e sobe mão e desce mão uma carícia irresistente que ele me fez... (carta 80)

Em relação à sensação experimentada na primeira relação sexual propriamente dita, boa parte dos comentários não são explícitos e deixam margem à dúvidas se

tratam de um prazer sexual, um sentimento afetivo positivo ou ambas as coisas misturadas. É interessante notar aqui também as referências à iniciação sexual enquanto algo que ocorre de forma “natural”, termo que aqui parece significar uma progressão de carícias cada vez mais intensas levando à relação propriamente dita :

“Alguns minutos depois começou um beijo e tudo aconteceu naturalmente. Como eu queria que fosse. Maravilhoso. Ele foi super carinhoso comigo (...) nosso relacionamento é bem mais GOSTOSO” (carta 1)

“Tudo correu naturalmente, ele foi carinhoso, praticamente não doeu (usamos camisinha). Foi perfeito” (carta 3)

*“Foi tão natural (e tão bom!) que ele nem acreditou que eu era virgem mesmo.(...) **NÃO PODIA TER SIDO MELHOR !**” (carta 5)!*

“... começamos num amasso gostoso, algo bom e prazeroso, mas até aí não esperava nada assim tão profundo. Só que como ele foi tão carinhoso e provocante que tudo foi acontecendo na maior naturalidade. Na hora só senti prazer e amor, muito amor exalando pelos nossos poros, como se só existisse nós dois naquele lugar mágico (carta 8)

“Transamos na cama dela foi como eu imaginava eu adorei(...) A primeira vez eu não vou esquecer nunca mais porque foi como eu imaginava parece um conto de fadas (carta 9)

Dentre os comentários em relação ao prazer experimentado, é interessante destacar aqui aqueles em relação ao orgasmo, uma vez que surge um questionamento das adolescentes em relação ao mesmo. O primeiro questionamento é o da curiosidade em relação ao orgasmo e o da comparação da própria experiência de prazer com a do orgasmo, conforme esta última é imaginada. Parece haver a necessidade de certeza a respeito da própria experiência orgástica:

“Nunca senti aquilo com ninguém, não transamos mas tenho certeza que tive vários orgasmos múltiplos” (carta 54)

“Gostaria de saber o que é gozar e como se goza?” (carta 97)

“...nunca tive relação sexual, mas meu namorado já introduziu os dedos em minha vagina, me levando ao orgasmo. Sempre que ele faz isso san-

gra. O que isso quer dizer: Que eu já perder a virgindade? Meu orgasmo é sangue?” (carta 113)

“Quero saber mais sobre o orgasmo: como é exatamente a sensação de uma mulher quando chega ao orgasmo. É porque eu sinto uma coisa gostosa quando boto um pano entre minhas pernas e começo a precionar (Não é que nem todas as garotas se acariciam). Depois que passo alguns minutos precionando, sinto uma sensação gostosa no interior da minha vagina como se fosse um coração pulsando, ai meu corpo esmorece. Sabe, não tenho certeza que isso é orgasmo, não consigo me masturbar de maneira nenhuma me acariciando (...) Se isso for mesmo orgasmo, quero saber se vai ser sempre assim.” (carta 120)

A maior parte dos comentários em relação ao orgasmo diz respeito porém à preocupação de não conseguir senti-lo ou de só o sentir através de um tipo específico de prática sexual. Tal preocupação surge principalmente nas cartas onde as adolescentes descrevem uma história de relacionamentos sexuais posterior à iniciação sexual. Sentir o orgasmo não parece ser algo por elas esperado nessa iniciação e por isto não é um fenômeno problematizado. Por outro lado, há um sentimento de anormalidade caso não se sinta o orgasmo após algum tempo de relacionamentos sexuais:

“Muitas vezes eu ficava com a vagina um pouco dolorida, penso que pode ser porque nunca gozamos juntos, então ele gozava, dava um tempinho (no máximo 5 minutos) e começa outra vez, e depois que eu atingia o orgasmo, ele não parava, e ia até ele gozar outra vez (...) O que acontece agora é que voltamos a transar com camisinha e pela segunda vez aconteceu que a minha vagina está bem apertadinha, como nunca esteve, e quando a gente transa, eu não sinto prazer algum. A sensação que tenho é que o pênis esta mole e que não está penetrando” (carta 4)

“Com o tempo, comecei a me sentir anormal. Eu não conseguia relaxar, eu não sentia prazer. Ainda dóia. Estou melhorando aos poucos. Já consigo ter orgasmo clitoriano. Continuo tensa, mas estou relaxando...” (carta 6)

“Na hora da transa meu namorado gosta muito de acariciar meu clitoris mas não consigo deixá-lo acariciar pois não gosto e não sinto prazer ne-

nhum. Mas é só no clítoris pois no resto do corpo sinto prazer normal. Também tenho medo que me machuque. Isso é normal? Toda vez que estamos nos amassos ele tenta, mas eu não consigo. O que devo fazer?” (carta 99)

“Mas será porque eu não sinto prazer, eu não sinto o orgasmo? Sinto prazer só quando fazemos sexo anal quando fazemos sexo vaginal, não sinto nada!” (carta 101)

“Tranzo com meu namorado à 7 meses, mais não consigo chegar ao orgasmo, ou melhor, chego até ele só ser for fazendo sexo oral, eu o amo muito e ele também me ama, mais não consigo sentir” (carta 111)

Feitas essas considerações, podemos notar que o orgasmo é uma experiência que necessita ser confirmada de alguma forma quando experimentado, passando em grande parte dos casos de uma impossibilidade em uma iniciação sexual regida pelo medo e por uma série de medos a uma obrigação após algum tempo de envolvimento amoroso e sexual. São poucos os relatos que falam do prazer enquanto fruição, o que indica que esta é uma experiência que ou acontece raramente ou é uma experiência que por algum motivo não é dita (talvez dizer sobre o próprio prazer seja algo contraditório com a necessidade de recato que o medo de ser considerada promíscua funda).

4.2.13 - Relação com o próprio corpo

Os comentários das adolescentes em relação ao próprio corpo são um tanto escassos no conjunto das cartas. Há alguns a respeito de se ter engordado muito (ex.: cartas 04 e 07), e outros de sentimento de anormalidade em relação ao próprio corpo e às mudanças próprias à excitação sexual.. Tais observações são bastante concorrentes com as idéias de Ferrari (1996) já citadas, em relação ao estranhamento do próprio corpo presente na adolescência:

“...meu namorado insiste p/ gente transar, mas eu tenho os pequenos lábios grandes, por isso tenho vergonha de transar.” (carta 108)

“Há um mês e meio estou tendo relações sexuais com meu namorado, só que ele está reclamando que minha vagina está muito grande, existe alguma coisa para deixa-la menor” (carta 110)

“Quando eu transo não sei se é a posição ou muita lubrificação que sai gases de minha vagina. Não sei se eu tenho algum problema ou é normal. Pois eu nunca tive nenhuma doença e nem corrimento grave. E quando transo fico com muita vergonha por causa do barulho. Porque que sai gases pela vagina se tem ânus para sair” (carta 116)

A necessidade de se entender o que acontece com o próprio corpo é ainda mais evidente no que diz respeito ao hímen. Uma vez sendo um “símbolo” da virgindade, há vários questionamentos a respeito de seu rompimento ou não. Tal necessidade parece corresponder a uma outra, que é a de se saber a respeito da própria virgindade:

“Comecei namorar com um rapaz, o namoro durou três anos e seis meses, surgiu muitas intimidades, um dia resolvemos transar, quando colocou o pênis senti doer, mandei que parace e saísse de cima de mim, não sangrou e nem ficou dolorido, será que conseguiu rompe meu hímen?” (carta 11)

“Não sei..., eu fico tao nervoza, mas tão nervoza que em mim, parece que tudo “trava”, até o meu próprio hímen, parece que se fecha mais do que está fechado! Eu não entendo...” (carta 32)

“... quando ele foi embora eu fui ao banheiro e ao olhar o meu absorvente tinha uma pequena pele avermelhada fiquei super assustada. Então pensei que fosse do sangue da menstruação (coágulos), mas esse era diferente, o vermelho da pele estava mais claro. Então peguei a pele e ele era meio elástica mas sem muita força ela quebrava, ou melhor se arrebentava. Será que eu não sou mais virgem? Mas não tem lógica se não houve penetração de nada! Será que aquela pele era meu Hímen?” (carta 49)

“... fui ao ginecologista e a Dra. confirmou o que eu estava suspeitando, o hímen está no lugar certinho. Tudo bem, o meu hímen pode ser com-

placente, mas pelo lógica se houve sangramento é porque deveria ter sido rompido, não é? Não entendo!!!” (carta 74)

Finalmente é interessante considerar aqui o corpo da adolescente e sua virgindade enquanto algo que é dado ao homem na primeira relação sexual. A intenção de dádiva do próprio corpo pela adolescente em sua iniciação sexual é, como vimos, descrita por Dolto (1982). Embora existam referências explícitas nas cartas que se aproximem dessa idéia, há também a utilização freqüente do termo “entregar-se a alguém”, que parece ter essa conotação de um presente que é dado:

“... para isso acontecer eu teria que me entregar pra ele (carta 19)

“... pretendo com o tempo me entregar para alguém (ELE), so que preciso ter pura convicção dos meus atos” (carta 22)

“...eu estou com uma vontade imensa de me entregar a ele (carta 28)

“... até que um dia eu me entreguei a ele” (carta 45)

“Eu estava até disposta a me entregar para ele, por amor, é claro, logo eu que dou tanto valor a virgindade” (carta 57)

“... para eu me entregar à alguém, eu preciso em primeiro lugar, amá-lo muito e confiar de olhos fechados” (carta 63)

“...ele quer que eu me entregue totalmente a ele, sou virgem, tenho medo de me entregar.

“Com alguns meses de namoro me entreguei de corpo e alma á ele” (carta 86)

“Eu e meu namorado faremos aniversário no meio de março, gostaria de dar a ele o maior presente para ele e para mim também, transando com ele” (carta 90)

4.2.14 - Frustrações

Embora um número razoável de descrições a respeito da iniciação sexual atri-

bua um valor positivo a essa experiência, é grande o número de cartas que descrevem frustrações a ela relacionadas. A principal frustração apresentada sem dúvida alguma refere-se ao “abandono” após sua concretização. Tal idéia também parece próxima à de Dolto (1982), para quem a iniciação sexual da mulher é melhor vivenciada por ele se o homem mostra-se reconhecido pela dádiva oferecida pela mulher, respondendo a esta de forma afetiva. De toda forma, há sem dúvida uma desilusão da adolescente em relação a não-continuidade do relacionamento amoroso:

“Nunca pensei que ele pudesse me deixar só porque já tinha conseguido o que queria. O nosso relacionamento era mais do que isso. Como muitas meninas pensam cadê a segurança ?! (carta 7)

“...depois daquele dia ele mudou muito comigo, ficamos mais uns 2 meses juntos, até que ele disse que não tinha mais graça em ficar comigo, sofri muito, até hoje eu tenho a impressão de que eu só transei com ele para segurá-lo, foi decepcionante” (carta 13)

“A minha primeira vez não foi a 8^a maravilha do mundo como eu imaginara, cai no conto em que todos as meninas que ainda são virgens tem medo: o de transar e depois ser abandonada” (carta 27)

“Depois saiu, me deixando sozinha o resto da noite. No dia seguinte, só pra provocar mais, contou o que havia acontecido para o camping inteiro e mostrou o lençol para os amigos. Foi o pior momento da minha vida” (carta 35)

“... hoje eu me arrependo muito da minha primeira vez (...) Ele foi totalmente insensível comigo, virou para o lado e dormiu, fiquei ali deitada na cama num dos dias mais importantes da minha vida e me sentindo uma idiota” (carta 38)

É interessante notar também que a descrição das frustrações tem algumas vezes um sentido confirmatório em relação ao que é considerado certo ou correto em relação à experimentação sexual pela adolescente. Há vários exemplos que mostram “regras” que não foram seguidas e que levam à frustração posterior, como por exemplo, o ato sexual sem amor, a perda de controle sobre os impulsos e a suposição de que a vida sexual e amorosa melhoraria com os relacionamentos sexuais:

“Não foi bom. Só estávamos juntos a dois meses e eu não gostava dele (...) A última vez que transei com meu ex-namorado só consegui ver o rosto do "outro". Senti nojo.(...) Tenho nojo de mim cada vez que penso que entreguei a minha virgindade a qualquer um. (carta 6)

“... de um tempo prá cá venho ficando com um cara de um modo diferente, não transando, mas acariciando, entendeu? pois é depois de 24Hrs me arrependí profundamente e não conseguia pensar em outra coisa e nem fazia nada, esse tal de arrependimento bateu forte e doeu muito, me pegava as vezes sozinha chorando e até que decidí que não iria deixar acontecer de novo, e me afastei dele” (carta 12).

“Já nas últimas vezes eu sentia que o sexo não estava acrescentado nada de bom ao nosso relacionamento como todas as meninas pensam que acontece. A gente pensa que depois da 1ª vez vai ser tudo diferente, aquele 'glamour' todo... não é bem assim!” (carta 81)

O sentimento de frustração é obviamente intensificado grandemente em episódios onde há violência sexual. Tal sentimento é sempre descrito como duradouro e de difícil elaboração. A culpabilização da adolescente pelo ocorrido parece contribuir para o agravamento desse sentimento:

“Nunca me senti tão suja em toda a minha vida; fui p/ o mar tentando me limpar e chorando. Nos meus pulsos estava marcada parte da violência. (...) Hoje com 16 anos posso dizer que meu machucado ainda não cicatrizou e não sei se algum dia vai cicatrizar” (carta 21)

“Quando acabou eu voltei p/ praça encontrei com uma amiga minha e eu desabafei tudo com ela, chorei no colo dela e comecei a pensar que eu poderia engravidar, ou pegar alguma doença como a AIDS, (se acontece com todo mundo que não se previne, porque comigo eu não pegaria, seria muita sorte, mas eu vou fazer o teste do HIV e de gravidez também). Todas as noites antes de dormir eu choro muito e rezo muito também” (carta 25)

“... quando fui tomar banho fiquei mais nervosa e resolvi contar tudo pra minha mãe. Ela não acreditava no que aconteceu comigo sem a presença

dela (só o que ela não sabia era apenas do abuso molestado, o resto ela sempre presenciou) ela ficou diferente comigo e com ele (...) Só contei pra minha mãe, só que ela teve a opinião de que isso não teria acontecido se eu não quisesse: Ela acha até hoje que eu fui culpada.” (carta 86)

“Aconteceu muitas vezes até que um dia minha mãe que já desconfiava de alguma coisa (não sabia de nada, só que eu acabei me tornando uma menina deprimida, chorona não queria voltar para casa quando ia pra casa da minha avó) acabou pegando ele me falando um monte de besteirada. Eu contei para ela e só sei que ele foi embora. Eu sofri muito. Tinha medo de tudo (...) O que será que eu fiz para ser a culpada de tudo? Tudo o que aconteceu no mundo é minha culpa, se quebra um copo é minha culpa.” (carta 87)

“Ele me estropou e depois sumiu de casa. Eu não sabia como eu iria contar isso para minha mãe (...) Não contei p/ minha mãe e para ninguém. Só que um mês depois descobri que estava grávida do meu próprio pai. Com 5 meses de gravidez e meu pai sumido desde aquele dia não deu + para eu esconder da minha mãe que estava grávida. Minha mãe pensou que eu estava grávida do Xxxxxxxxxx (meu namorado) só que eu tive que contar tudo pra ela” (carta 88)

4.2.15 - Relação com os pais

São muitas as referências ao relacionamento com os pais nas cartas das adolescentes. Na grande maioria destas, os pais surgem como porta-vozes de uma moral rígida, onde não há espaço para o relacionamento sexual na adolescência. A partir disso, a relação com os pais vai basear-se principalmente na falta de diálogo, no receio ante as proibições dos pais e no medo de decepcioná-los e abalar a relação afetiva para com eles. É difícil precisar em cada caso em que medida as referências correspondem à realidade por elas vivenciada e em que medida são fantasiosas, exageradas pelo medo. Alguns relatos descrevem proibições e punições claras, enquanto

outros falam de decepções possíveis que refletem aparentemente mais um medo de perder o afeto dos pais. São várias as referências à ausência de diálogo:

“...me dou super bem com os meus pais, amo de Paixão minhas irmãs. Mas não consigo conversar de certos assuntos com elas, nem ao menos minha mãe (...) o pessoal aqui de casa e muito fechado” (carta 12)

“Na minha casa não tenho liberdade pra falar nada sobre sexo” (carta 18)

“Minha mãe se expõe a qualquer tipo de conversa comigo, mas tenho muito medo de me abrir com ela sobre esse assunto e ela me proibir de namorar, pois ela acha muito cedo pra eu transar” (carta 20)

Frente a essa diferença de posturas, o medo do castigo ou de decepcionar os pais surge como um empecilho para a iniciação sexual:

“... eu estou com uma vontade imensa de me entregar a ele, mas aí vem meus pais, penso como eu iria encará-los, claro que eu jamais iria contar a eles (...) eu e minha mãe nós não temos um diálogo legal, claro que ela nunca deixou de falar sobre sexo comigo, mas sou eu que nunca consegui falar com ela com total liberdade com ela nunca fui de falar com ela dos meus ex-namorados por isso tenho muito medo se algum dia eu me entregar e ela acabar descobrindo” (carta 28)

“Sou virgem e meus pais me espusaram de casa se eu perder a virgindade. O que fazer?” (carta 29)

“Gente, eu amo meu pai muito! Ele é tudo pra mim! (...) Minha mãe fala q ele não tem nada haver comigo (...) também penso no meu pai; já pensou se eu engravidado (a camisinha estoura)” (carta 46)

“... mas com respeito aos meus pais ... por obediência optei pra masturbação meus pais são liberais me deixam sair pra onde quero, e chegar antes de amanhecer, claro, só que a minha mãe é uma pessoa bondosa e sofredora, não merece isto, eu me sentiria culpada (...) tenho que ir pra outra cidade e fazer o que quero sem ela saber? Pior que não posso fugir da situação, não quero magodá-la” (carta 51)

“Durante o tempo que estivemos juntos fomos a motéis várias vezes e cada vez era melhor mas nunca transamos. Vocês devem estar perguntando porque né. Minha família é muito conservadora e não conseguiria decepcioná-los, esta é a resposta” (carta 54)

A solução óbvia para tal contradição (relacionar-se sexualmente ou manter o afeto dos pais) é o de levar uma vida sexual escondida dos pais. Tal solução não é isenta de conflitos, uma vez que há o medo permanente da descoberta do segredo pelos pais e a falta do apoio necessário em relação, por exemplo, a ir ao ginecologista. Sem falar na possibilidade de uma internalização da proibição dos pais e da sociedade ao exercício da sexualidade que surge sob a forma da culpa: :

“... eu (ih) cheguei até a ouvir minha mãe chamando: “filha!” (...) Cheguei em casa com medo da minha mãe sacar tudo. É aquela paranóia, mas ela nem percebeu. Tive que lavar minha bermuda e calcinha porque estavam com sangue.” (carta 7)

“...tenho medo de minha mãe descobri que não sou mais virgem eu queria saber se, se masturbar com o dedo faz mal e qual o conselho que vocês me dariam sobre o medo e a insegurança de transar e o medo de minha mãe saber que não sou mais virgem” (carta 17)

“ ... minha mãe ã sabe, é tão difícil tomar a iniciativa de contar tudo como foi tomar a decisão se transaria ou não, ela já me falou que não é proibido contanto que se previna, mas acha que é muito cedo (...) Ela sempre foi muito liberal na teoria, mas na prática, eu não sei a sua reação ! (carta 34)

“Morro de culpa por que minha mãe nem “sonha” que rolou a transa e parece que tá escrito na minha testa: “mãe, não sou mais virgem!” (carta 43)

“Mas o problema é que meus pais não sabem. Eles são daquele tipos caladões. Modernos mas caladões. (...) Tremo de medo de ela (MÃE) saber que não sou mais virgem (...) se eu for a um ginecologista homem ou mulher posso pedir para entrar sozinha e minha mãe ficar esperando sem entender o porque de eu querer entrar só? (...) existe risco de ele

contar para minha mãe que menti...? (carta 47)

*“O pior de tudo, é que a minha mãe não sabe (e nem deve saber, se não ela me põe fora de casa)! A minha sogra é mais que amiga, acho que vou contar tudo pra ela! É o único meio de eu ir para um ginecologista.”
(carta 79)*

É interessante notar também como o discurso dos pais vai de encontro ao medo das adolescentes, reforçando-o:

“... mais minha família é contra esse namoro, não pelo caso de eu ter só 14 anos, mais porque acha que ele é um mal elemento e dizem que ele não gosta de mim, mais ele nunca me provou que é tudo que minha família fala sobre ele, mais fico na dúvida, será que ele está comigo só para se aproveitar, ou para provar a elas que podem mais que minha família ou gosta de mim mesmo?” (carta 114)

“... meus pais não gostam dele, pois alegam que ele nunca amou nenhuma das suas namoradas anteriores somente as usou e que comigo ele fará a mesma coisa, ou seja ele está comigo só por sexo, (...) O que devo fazer para ...evitar que ele me engane como meus pais dizem que ele pretende me enganar caso eu chegue a conclusão que ele me ama o que devo fazer para convencer meus pais a nos deixar namorar” (carta 118)

O temor da perda do afeto dos pais é, como vimos, uma idéia presente na Psicanálise da Adolescência, como para Aberastury e Knobel (1970), que vão considerar a ameaça de perda da dependência infantil num momento em que ela ainda é necessária como uma das dificuldades centrais da adolescência. Mas esse processo pode ser, como vimos, facilitado ou não pela conduta dos pais: aqueles que aceitam o amadurecimento gradual dos filhos contribuem para um desenrolar mais saudável deste processo nos mesmos. Felizmente há alguns relatos nesse sentido:

“Ontem contei pra minha mãe e ela, apesar de ter ficado um pouco assustada no começo, me deu a maior força. Nós sempre conversamos muito sobre essa coisas e ela sempre foi a minha melhor amiga. Nem pensou em brigar comigo ou me reprimir. Só lembrou (muitas vezes aliás!) da camisinha, o que eu tenho plena consciência e ela sabe bem que eu tenho

(na verdade, é graças à ela mesmo!)” (carta 5)

“Nunca tive problemas em falar sobre sexo com minha mãe, e ela diz que quando eu tiver realmente a fim, quando for pra rolar, é pra eu ir fundo” (carta 56)

4.2.16 - Relação com os amigos

Se o compartilhar dos assuntos relacionados ao sexo com os pais é difícil, essa possibilidade é mais do que evidente entre os amigos, principalmente do sexo feminino. É na maioria das vezes às amigas que a adolescente recorre em um momento de dúvida ou quando na necessidade de ajuda ou consolo”

“O que está acontecendo comigo? Não posso falar com minha mãe, ela não sabe que não sou mais virgem, mas pedi ajuda a uma amiga que é casada a um tempão, ela me perguntou se eu estava relaxada na hora” (carta 4)

“Eu andei conversando com minhas amigas e elas disseram que não tem como eu tomar remédio para evitar filhos se não tiver menstruação” (carta 10)

“Quando acabou eu voltei p/ praça encontrei com uma amiga minha e eu desabafei tudo com ela, chorei no colo dela” (carta 25)

“... sou tímida e muito só, não tenho amigos, nem alguém de confiança com quem possa desabafar” (carta 29)

“Passou alguns dias e a minha menstruação não veio. contei a uma amiga da mesma idade Que já tinha transado também. (...) Numa 6a. feira contei para uma amiga mais velha e combinamos ir na 2a. fazer o teste” (carta 40)

“Não sei se fico com o D ou com o R. Minhas amigas dizem que eu sempre fui apaixonada pelo R.” (carta 56)

A vivência da amizade, todavia, não se dá apenas pela possibilidade do com-

partilhar experiências. Há uma necessidade de se adequar ao que é esperado ou vivido pelas amigas e uma angústia quanto a se sentir diminuída frente a elas. O valor predominante aqui é exatamente o contrário: ser virgem passa a ser motivo de vergonha e se iniciar sexualmente uma obrigação:

“Tinha uma amiga que estava namorando. Ela era apaixonada demais e transava com o namorado. Ela me disse que se eu transasse com ele jamais iria esquece-lo e ã gostaria mais de "outro" (...) acabei transando com ele. Não me senti bem, mais transei. Não foi bom” (carta 26)

“A maioria das meninas da minha classe, tanto + velha quanto + nova do que eu já transaram. Elas disseram que o homem não vive sem sexo que eu vou perde ele” (carta 30)

“Primeiro que converso muito com mulheres mais experientes e sempre falamos sobre sexo, são mulheres entre 25, 30 e 40 anos, e aprendo muito com elas, não acho graça só escutar e não Ter nada pra falar é constrangedor” (carta 51)

“Minhas amigas não são mais virgens e eu me sinto culpada por ainda ser. Elas falam sobre isso o tempo todo, e parecem que estão me culpando por isso, mas em alguns momentos eu paro para pensar, passa um pouco, mas logo depois a culpa reaparece,” (carta 59)

“Tenho algumas colegas que namoram e não são mais virgem e os namorados ficam doidos por elas” (carta 70)

Para a Psicanálise da Adolescência, a identificação com os amigos é, como vimos, uma das substitutas possíveis para a identificação com os pais recém-questionada, sendo por isso mesmo muitas vezes de natureza oposta à preconizada pelos pais. Tal processo, porém, como fica evidente pelas cartas, não proporciona uma vivência de liberdade frente às escolhas possíveis, havendo uma imposição de normas de outra ordem pelo grupo de amigos.

5 - CONCLUSÃO

A maior parte das cartas e do conteúdo das mesmas analisadas em nossa pesquisa revelou a presença de um discurso de tipo confessional. Há vários elementos que apontam nesse sentido:

- O ato de personalização das revistas destinatárias da carta, que adquirem um status de pessoa na forma como são referidas pelas adolescentes, o que aproximam a revista do lugar de confessor.
- A necessidade de se estabelecer um pacto de sigilo a respeito do que é escrito, que faz com que se crie um espaço de segredo na relação da adolescente com o destinatário. Tal necessidade ambivalente de revelação ao mesmo tempo que se mantém esse espaço protegido ao olhar dos outros é também própria do discurso confessional.
- A atribuição ao destinatário de um saber a respeito do que é correto ou não em relação à sexualidade, que traz consigo um ideal de normalidade nesta esfera. Por vezes é atribuída ao destinatário até mesmo a função de intérprete das próprias experiências das adolescentes, momento em que se espera que este atribua um sentido às vivências das mesmas e posteriormente devolva tal sentido sob a forma de reportagem ou carta.

Dentre os elementos desse discurso, é o último que o filia diretamente à tecnologia confessional, conforme a descrição de Foucault. Ao lado da tecnologia disciplinar, a tecnologia confessional tem um caráter eminentemente normatizador, na medida em que define a forma como a atividade humana deveria ser organizada. Ao se definir o que é normal, definem-se ao mesmo tempo os comportamentos desviantes em relação a este, que devem ser de algum modo normalizados. É nas descrições, comentários e perguntas a respeito da iniciação sexual presentes nas cartas das adolescentes que fica claro o modelo de normalidade implícito ao exercício sexual na adolescência que elas corroboram.

O modelo de normalidade em relação à sexualidade presente na maioria das cartas não é baseado na manutenção da virgindade até o casamento, modelo este que foi predominante no Brasil neste século. Embora hajam algumas defesas entusiasmadas da manutenção da virgindade, tais cartas são minoritárias em relação às que advogam o direito ao exercício da vida sexual já na adolescência. Tal fato, porém, não significa que esta “nova” moralidade seja desprovida de um código de correção. Há, pelo contrário, um código extenso e abrangente que pode ser subentendido na maioria das cartas a respeito desse exercício da sexualidade. Utilizando a divisão proposta pelo próprio Foucault (1983a) considerada anteriormente, que divide o comportamento sexual em três pólos - atos, prazer e desejo - poderíamos pensar que as adolescentes em sua maioria os problematizam da seguinte forma:

Em relação ao desejo sexual. É necessário que haja um intenso controle sobre o próprio desejo sexual. Tal controle, porém, é algo considerado difícil por elas, em virtude da força e do caráter irresistível que o desejo assume em muito momentos, tornando-se perigoso. Há um grande medo da perda desse controle, perda essa que é vista como intimamente relacionada a um desequilíbrio de ordem psíquica e que aparece de várias formas: como uma experiência próxima à loucura, como um alheamento de si ou uma inconsciência em relação ao ato realizado (momento em que o desejo é negado).

Em relação aos atos. É necessário o estabelecimento de uma série de limites em relação à prática sexual. Um desses limites refere-se ao caráter do relacionamento afetivo que deve existir em relação ao parceiro sexual, que deve ser o namorado, alguém que se ame e em quem se confie. O namorado deve ser a “pessoa certa” para essa iniciação ocorrer, termo que envolve a expectativa que o relacionamento amoroso vá ser duradouro. Caso não esteja mais com o namorado com quem se iniciou sexualmente, a adolescente deve continuar a se relacionar sexualmente apenas com um novo namorado, procurando no decorrer da vida manter um número exíguo de parceiros. Outro limite diz respeito ao momento da iniciação sexual, que deve ser quando a adolescente se sente preparada, ou seja, na “hora certa”. Um terceiro limite diz respeito à iniciativa em relação à iniciação sexual, que deve ser do parceiro, mesmo quando a adolescente se reconhece como desejante. Em muitos casos, é esperado que o namorado pressione no sentido de que a primeira relação sexual ocorra. Frente a tal

situação, a exposição da nudez do próprio corpo ante o namorado é motivo de vergonha para a adolescente, da mesma forma que o contato com a nudez masculina gera um sentimento de espanto. As principais ameaças frente a se romper esses limites são a da promiscuidade e a de ser abandonada pelo namorado ou parceiro sexual após a primeira relação sexual.

Em relação ao prazer sexual. Em geral, há pouco espaço para as descrições a respeito do prazer em comparação com as relacionadas ao desejo aos atos propriamente ditos.. O prazer referido na iniciação sexual propriamente dita é aparentemente de natureza amorosa e diz respeito ao sentimento de “entrega” do próprio corpo ao namorado. A experiência de orgasmo é referida principalmente na prática da masturbação, não parecendo haver a expectativa dessa experiência no início da vida sexual a dois, e é uma experiência vivida com um certo estranhamento, que necessita ser confirmada de alguma forma a respeito de sua natureza. Por outro lado, frente à continuação da vida sexual, o fato de não se experienciar o orgasmo é envolto em um sentimento de anormalidade a respeito da própria condição. O prazer sexual passa assim rapidamente de algo inexistente a uma obrigação.

Embora a análise do conteúdo editorial das revistas destinatárias não tenha sido objeto de nossa pesquisa, é possível notar que há uma correspondência entre a atribuição por parte das adolescentes à revista e seus jornalistas de um lugar de saber a respeito do que é normal ou não em relação à sexualidade e a forma como a revista se posiciona frente a isso. Como mostra Buitoni (1990), em relação às revistas femininas, há a presença implícita no conteúdo editorial destas revistas de um modelo de mulher a ser seguido. Rees (1989), observa o mesmo em relação à revista *Capricho*, ou seja, que há nas reportagens e mensagens veiculadas julgamentos tácitos a respeito do que é certo e errado em relação ao sexo e amor, o que leva a reforçar nas leitoras a necessidade de se adequar a tais padrões normativos.

Frente a tais considerações, levanta-se a questão do exercício de resistências frente a esse poder normatizador e da possibilidade de uma relativa autonomia das adolescentes frente a esses códigos normativos, o que poderia configurar um espaço de exercício ético das adolescentes na relação consigo mesmas. Tal consideração não significa uma relação de total exterioridade com os códigos normativos citados, mas um questionamento ao menos parcial de sua validade e universalidade.

Em relação aos motivos referidos ou implícitos a respeito de se escrever as cartas, pode-se observar pelo menos dois que envolvem um relacionamento com o destinatário de outra ordem do que aquele baseado na suposição de um lugar de saber a ele atribuído. Um desses motivos é o do desabafo, que é baseado na crença das adolescentes de que a exposição de um determinado assunto vai contribuir para a atenuação dos sentimentos em relação ao passado. Aqui já há a tentativa da adolescente de um trabalho em relação a si mesma de reconstrução em relação ao seu passado. O outro motivo, que pode ser subentendido em várias cartas que não referem o porquê da escrita ou que o fazem em referência a um convite da revista, é o da tentativa de se atribuir um sentido em diversas experiências sentidas como fragmentárias. Tal atribuição de sentido é completamente diferente daquela da ordem do código, onde o sentido é único e imposto a partir daquele que ocupa o lugar de saber. Nessas cartas é da própria adolescente, no ato de escrever, que emerge esse sentido, ficando mais nítido aqui o caráter de construção da própria história de vida: a adolescente ao compor uma carta sobre si, compõe-se a si mesma.

Não é por acaso que são justamente nessas últimas cartas que surgem os principais questionamentos em relação aos códigos que regem o exercício da vida sexual já referidos. Seguindo-se os mesmos pólos a respeito do comportamento sexual considerados anteriormente, os principais questionamentos poderiam ser descritos da seguinte forma:

Em relação ao desejo sexual. Há uma aceitação do próprio desejo sexual em muitas das cartas, passando a ser esse algo reconhecidamente presente.

Em relação aos atos. Há um questionamento a respeito do porquê das exigências de decoro em relação à mulher e uma defesa de uma maior liberdade sexual, como, por exemplo, na crítica à noção de que a iniciação sexual deva acontecer no decorrer de um relacionamento amoroso duradouro. Da mesma forma, a adolescente passa a se permitir a iniciativa frente ao ato sexual.

Em relação ao prazer sexual. Há um maior permissividade e a possibilidade de experiência de uma série de carícias pré-genitais na relação com os homens, que vão permitir um maior conhecimento do próprio corpo e possibilitar o surgimento da experiência erótica.

Evidentemente muitas dessas cartas, ao mesmo tempo que discutem as dife-

rentes possibilidades de experiência frente à sexualidade, afirmam algumas dessas como verdades a serem seguidas. Ou seja, há em muitos momentos movimentos antagônicos coexistentes de resistência e afirmação de um poder baseado na norma.

A possibilidade tênue da existência de um espaço de relação ética na relação da adolescente consigo mesma frente ao exercício da sexualidade traz a possibilidade de algumas reflexões a respeito da orientação sexual como um todo. Como vimos, as revistas para adolescentes usam a todo momento nas reportagens e seções de cartas da prerrogativa de poder “orientar” suas leitoras a respeito do que é correto ou não frente à sexualidade. O tipo de relação que se instaura com as leitoras a partir disso, conforme podemos ver na maior parte das cartas, é o de submissão das últimas a essas verdades. Mais do que isso, essa “orientação”, partindo da crença de que o saber é unívoco e de que tem um portador, cria um lugar de passividade frente a possibilidade de se saber sobre si mesma, lugar esse a ser ocupado pela adolescente. Há uma imposição de um modelo identitário que exclui diversas possibilidades de ser e apaga as diferenças individuais. Há, como vimos, uma total inadequação na tentativa de se fornecer uma identidade ao adolescente, uma vez que essa tentativa acaba por destruir a espontaneidade e a inventividade própria dele (Winnicott, 1965).

Qual seriam as alternativas para uma “orientação” sexual voltada a adolescentes frente a essas considerações? Tal pergunta é complexa e exigiria um estudo extenso para ser melhor respondida. Há todavia elementos que podem ser abstraídos das considerações feitas até aqui. Em primeiro lugar, seria necessária uma revisão radical da noção de saber enquanto algo monolítico e enquanto algo passível de posse. Em segundo, um questionamento da noção de programas de “orientação” sexual, pois, como vimos, esse saber a respeito de si é algo que deveria emergir necessariamente do pólo que quase sempre ocupa o lugar passivo em relação a esse processo: os próprios adolescentes. E, finalmente, uma revisão da “orientação” sexual em termos de seus agentes: seria necessário se permitir a esses adolescentes que ocupassem o lugar tradicionalmente reservado aos professores nas escolas e aos profissionais de saúde em hospitais e centros de saúde. Aos adultos sobraria fundamentalmente o papel de espectador referido por Winnicott (1965). Obviamente tal “orientação” sexual perderia até mesmo seu caráter de orientação propriamente dito, termo este ligado de forma inexorável à perspectiva de que o saber é um atributo de poucos. Mas

seria a única possibilidade de uma “orientação” realmente efetiva e realmente transformadora.

6 - BIBLIOGRAFIA

- ABERASTURY, A ; KNOBEL, M. (1970) **Adolescência Normal**. Trad. Suzana M. G. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995
- ABRAHAM, T. **Los senderos de Foucault**. Buenos Aires: Nueva Vision, 1992.
- ABRAMO, H. W. **Cenas Juvenis**. SP: Página Aberta, 1994.
- ABREU, M. Meninas Perdidas. In PRIORE, M., org. **História das crianças no Brasil**. SP: Contexto, 1999.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Trad. Dora Flaksman. RJ: Zahar, 1981
- ARIÈS, P. A contracepção no passado. In **Amor e Sexualidade no Ocidente**. Trad. Ana Maria Capovilla . Porto Alegre: L&PM, 1992.
- BERNAUER, J. W. Beyond Life and Death: On Foucault's Post-Auschwitz Ethic. In **Michel Foucault Philosopher: international conference**. Paris, 9,10, 11, January, 1988. Trad. para o inglês: Timothy J. Armstrong. New York: Routledge, 1992.
- BLOS, P. (1962) **Adolescência: uma visão psicanalítica**. Trad. não consta. SP: Martins Fontes, 1994.
- BLOS, P. (1979) **A Transição Adolescente**. Trad. Maria Rita Hofmeister. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BRUNER, J. ; WEISSER, S. A invenção do ser: a autobiografia e suas formas. In OLSON, D; TORRANCE, N, orgs, **Cultura escrita e oralidade**. Trad. Valter Lellis Siqueira. SP: Ática, 1995.
- BUITONI, D. H. S. **Mulher de papel**. SP: Loyola, 1990
- BUITONI, D. H. S. AIDS: Falas e silêncios em revistas masculinas e femininas. **Revista da USP**, São Paulo, N. 33, p. 148-57, mar/mai, 1997.
- CALLIGARIS, C. Sedução dos jovens. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 set.

1998. Caderno Mais!, p. 4-5.

CARRARA, A. Aids e doenças venéreas no Brasil. In LOYOLA, M. A., org., **Aids e Sexualidade**. RJ: UERJ / Relume-Dumará, 1994.

CORBIN, A. Bastidores. In PERROT, M. , org., **História da Vida Privada**, Vol. 4. Trad. Bernardo Joffily. SP: Ed. Schwarcz, 1993.

COSTA, J. F. **Ordem Médica e Norma Familiar**. RJ.: Graal, 1979.

DEBESSE, M. **Como estudar a los adolescentes**. Buenos Aires, Ed. Nova, 1969.

DELEUZE, G. **Foucault**. Trad. Claudio S. Martins. SP: Brasiliense, 1988.

DERRIDA, J. et al. **Foucault: leituras da História da Loucura**. Trad. Maria Igenes Duque Estrada. RJ: Relume-Dumará, 1994.

DESSER, N. A. **Adolescência, Sexualidade & Culpa**. RJ: Rosa dos Ventos, 1993.

DEUTSCH, H. (1967) **Problemas Psicológicos da Adolescência**. Trad. Edmond Jorge. RJ: Zahar, 1974.

DEWS, P. The Return of the Subject in late Foucault. In **Michel Foucault Critical Assessments**, edited by Barry Smart, Vol. VI - p. 148-156 London/New York: Routledge, 1994.

DOLTO, F. (1982) **Sexualidade Feminina**. Trad. Roberto Cortês de Lacerda. SP: Martins Fontes, 1989

ENGEL, M. **Meretrizes e Doutores**. SP: Brasiliense, 1988.

ERIKSON, E. **Identity, Youth and Crisis**. New York: Norton&Company Inc, 1968

ERIKSON, E. (1950) **Infância e Sociedade**. Trad. G. Amado. RJ: Zahar, 1976.

FERRARI, A. **Adolescência, o segundo desafio**. Trad. Marcella Mortara. SP: Casa do Psicólogo, 1996.

FOLHA DE SÃO PAULO. Mulheres devem se casar virgens. São Paulo, 30 jul. 1996

FOLHA DE SÃO PAULO. Virgindade da mulher divide país. São Paulo, 18 jan. 1998

FONSECA, M. A. **Michel Foucault e a Constituição do Sujeito**. SP: EDUC, 1995.

FOUCAULT, M. **Ethics, Subjectivity and Truth: The Essential Works of Michel Foucault, 1954-1984**”, vol. I; edited by Paul Rabinow. New York, New Press, 1997.

FOUCAULT, M. (1961) **História da Loucura**. Trad. não consta. SP: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, M. (1971) **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga Almeida. SP: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. (1975) **Vigiar e Punir**. Trad. Ligia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. (1976a) **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. RJ: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. (1976b) **Em defesa da sociedade**. Trad. Maria Ermantina Galvão. SP: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. (1980) Verdade e Subjetividade. In **Michel Foucault: uma analítica da experiência**. Revista de Comunicação e Linguagens, n.º 19, Lisboa: Cosmos, 1993. Transcrição e tradução para o português das Howison Lectures.

FOUCAULT, M. (1981) Friendship as a way of life. In FOUCAULT, M. **Ethics, Subjectivity and True**. Trad. para o inglês: John Johnston. Título original: De l'amitié comme mode de vie.

FOUCAULT, M. (1982a) Sex, power and the politics of identity. In FOUCAULT, M. **Ethics, Subjectivity and True**.

FOUCAULT, M. (1982b) Technologies of the Self. In FOUCAULT, M. **Ethics, Subjectivity and True**.

FOUCAULT, M. (1983a) Sobre a Genealogia da Ética. In RABINOW, P. & DREYFUS, H. **Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica**. Trad. Vera Porto Carrero. Título original: On the Genealogy of Ethics: An Overview of Work in Progress.

FOUCAULT, M. (1983b) Sujeito e Poder. In RABINOW, P. & DREYFUS, H. **Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica**. Trad. Vera Porto Carrero. Título original: Subject and Power.

FOUCAULT, M. (1983c) A escrita sobre si. In FOUCAULT, M. **O que é um autor**. Trad. Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega-Passagens, 1992.

Título original: *L'écriture de soi*.

FOUCAULT, M. (1984a) **História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. RJ: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. (1984b) **História da Sexualidade III: O cuidado de si**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. RJ: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. (1984c) The ethics of the concern for self as a practice of freedom. In FOUCAULT, M. **Ethics, Subjectivity and True**. Trad. para o inglês: P. Aranov e D. McGrawth. Título original: *L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté*.

FOUCAULT, M. (1984d) O Retorno da Moral. In FOUCAULT, M. **O Dossiê: últimas entrevistas**. Trad. Maria da Glória R. da Silva. RJ: Taurus, 1984. Título original: *Le retour de la morale*.

FOUCAULT, M. (1984e) O Cuidado com a Verdade. In FOUCAULT, M. **O Dossiê: últimas entrevistas**. Trad. Ana Maria de A. Lima. RJ: Taurus, 1984. Título original: *Le souci de la vérité*.

FREUD, A. (1946) **O ego e os mecanismos de defesa**. Trad. Álvaro Cabral. RJ: Civilização Brasileira, 1986.

FREUD, S. (1887-1902) **As origens da Psicanálise: Obras Completas de Sigmund Freud**, tomo XXII. Trad. Luis Ballesteros Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1956.

FREUD, S. (1911) **El tabú de la virginidad: Obras Completas de Sigmund Freud**, tomo XIII. Trad. Luis Ballesteros Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953.

FREUD, S. (1921) **Psicología de las masas y análisis del Yo: Obras Completas de Sigmund Freud**, tomo IX. Trad. Luis Ballesteros Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1956.

FREUD, S. (1921) **Sobre la sexualidad femenina: Obras Completas de Sigmund Freud**, tomo XXI. Trad. Luis Ballesteros Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1956.

FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala**. RJ: José Olímpio, 1966.

GUIMARÃES, K. *Nas raízes do silêncio: a representação cultural da sexualidade*

feminina e a prevenção do HIV/AIDS. In PARKER, R. & GALVÃO, orgs, **Quebrando o silêncio**. RJ: ABIA/IMS-UERJ/Relume-Dumará, 1996

HAHN, A. Contribution à la sociologie de la confession et autres formes institutionnalisées d'aveu. In **Actes de la recherche en sciences sociales**, n°s 62/63. Paris: Éditions de Minuit, jun 1986.

JAMBERT, C. The Constitution of the Subject and Spiritual Practice. In **Michel Foucault Philosopher**: international conference. Paris, 9,10, 11, January, 1988, p. 233-247. Trad. para o inglês: Timothy J. Armstrong. New York: Routledge, 1992.

JAMESON, F. Postmodernism and Consumer Society. In FOSTER, H, org., **Postmodern Culture**. Londres: Trevor Books, 1989.

KEHL, M. R. Sauna, angústia e lanchonete. In MANTEGA, G., org., **Sexo e Poder**. SP: Círculo do Livro, 1986.

LAPASSADE, G. Os rebeldes sem causa.. In **Sociologia da Juventude**, vol. III. Trad. não consta. RJ: Zahar, 1968

LEVISKY, D. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

MALUF, M. **Ruídos da Memória**. SP: Siciliano, 1985

MANNONI, O. **Um espanto tão intenso**. Trad. Álvaro Cabral. RJ: Campus, 1992,

MATTOS, A. L. V. **Valores, atitudes e expectativas de vida de um grupo de adolescentes**. São Paulo, 1987. Dissertação (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

MERQUIOR, J. G. **Foucault**. London: Fontana Press/Collins, 1985

MEZAN, R. Uma arqueologia inacabada: Foucault e a Psicanálise. In: RIBEIRO, R. J, org., **Recordar Foucault**. SP: Brasiliense, 1985.

MORAES, M. Q. A 'nova' moral sexual das revistas feminina. In MANTEGA, G., org., **Sexo e Poder**. SP: Círculo do Livro, 1986.

MORÃO, J. A. Verdade e Veridicção na História da Subjetividade. In **Michel Foucault: uma analítica da experiência**. Revista de Comunicação e Linguagens, n.º 19, Lisboa: Cosmos, 1993.

MMWR Current Trends in Premarital Sexual Experience Among Adolescent Women, United States, 1970-1988. **Arch. Dermatol.** 127: 311-312, 1991.

ORTEGA, F. **Amizade e estética da existência em Foucault.** RJ: Graal, 1999.

PARKER, R. **Corpos, prazeres e paixões.** SP: Best-Seller, sd.

PASSERINI, L. A juventude, metáfora da mudança social. In LEVY, G. & SCHMITT, J. C., orgs, **História dos jovens 2: A Época Contemporânea.** Trad. Paulo Neves, Nilson Moulin e Maria Lúcia Machado. SP: Schwarcz, 1996,

PEREIRA, A. M. L. **Coração feminino: Análise de seção de cartas em duas revistas femininas.** Rio de Janeiro, 1980. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PERROT, M. Os atores. In PERROT, M, org., em “**História da Vida Privada, Vol. 4.** Trad. Denise Bottmann. SP: Schwarcz, 1993,

PIAGET, J. **Formação do símbolo na criança.** Trad. Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica, RJ: Zahar, 1975.

QUINTANEIROS, T. **Retratos de Mulher.** Petrópolis: Vozes, 1996.

RABINOW, P. & DREYFUS, H. **Michel Foucault - Uma Trajetória Filosófica.** Trad. Vera Porto Carrero. SP: Forense Universitária, 1995.

RABINOW, P. Introduction: the History of Systems of Thought. In **Ethics, Subjectivity and Truth: The Essential Works of Michel Foucault, 1954-1984**”, vol. I; edited by Paul Rabinow. New York, New Press, 1997.

RAJCHMAN, J. **Foucault: A liberdade da Filosofia.** Trad. Álvaro Cabral. RJ: Zahar, 1987.

RAJCHMAN, J. Ethics after Foucault. In **Michel Foucault Critical Assessments**, edited by Barry Smart, Vol. III, p. 191-207. London/New York: Routledge, 1994.

REES, A. M. **Valores preferenciais: o contexto discursivo das principais revistas femininas.** São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

SANTOS, J. R. **Minha amiga Cláudia (história, gêneros jornalísticos e produção de uma revista feminina.** São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de

Comunicação Social, Instituto Metodista de Ensino Superior.

SARTI, C. A. Reciprocidade e Hierarquia: Relações de gênero na periferia de São Paulo. **Cad. Pesq. São Paulo**, 70:38-46, 1989

SLUGOVSKI, B. R. & GINSBURG, G. P. Ego Identity and Explanatory Speech. In SHOTTER, J. & GERGEN, K, ed., **Texts of Identity**: London, Sage Publications, 1990.

SOUZA, P. **Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997

VINCENT, G. Uma história do segredo. In VINCENT, G. & PROST, A., orgs, **História da Vida Privada**, Vol. 5. Trad. Denise Bottmann. SP: Schwarcz, 1992.

WINNICOTT, D. (1971) **A família e o desenvolvimento individual**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. SP: Martins Fontes, 1993.